PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Marta Rodrigues Alves Marciano

Judaísmo Messiânico: cristologia ou messianologia?

Mestrado em Ciência da Religião

São Paulo

2017

Marta Rodrigues Alves Marciano

Judaísmo Messiânico: cristologia ou messianologia?

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Religião, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Felipe Pondé.

São Paulo

2017

BANCA EXAMINADORA:

_____

_____

_____

Em homenagem ao sorriso de alguém que sempre acreditou em mim.

A CAPES e FUNDASP pelo auxílio financeiro que possibilitou a minha participação no curso e realização desta pesquisa, em condição de bolsista.

AGRADECIMENTOS

Dizem que é na educação dos filhos que se revelam as virtudes dos pais. Obrigada pai, por ter me deixado o amor aos livros, aos estudos e a todo tipo de arte e ciência. Obrigada mãe, por ter me ensinado as coisas da fé e a arte de ser mulher. Obrigada mana, você também me ensinou tanto.

À imensa generosidade de todos os meus mestres, em especial ao meu orientador Prof. Dr. Luiz Felipe Pondé, obrigada por amar tanto o conhecimento, dedicar a sua vida a ele e compartilhá-lo com tanta paciência com seus ávidos alunos. Suas aulas são fascinantes em conteúdo e belíssimas em postura. Você sabe, como ninguém, acolher as dúvidas e opiniões de seus alunos.

Aos digníssimos doutores que aceitaram participar da banca de arguição, Prof. Dr. Fernando Altemeyer e Prof. Dr. Wagner Lopes Sanchez, que tanto contribuíram para a evolução do trabalho desde a qualificação. E ao Prof. Dr. José Luiz Bueno e à Profa. Dra. Andrea Kogan, que desde o início do curso me deram subsídios e inestimável apoio.

Aos organizadores e colegas do Núcleo de Pesquisa em Mística e Santidade (NEMES), além dos já citados, a Prof. Dra. Maria Cristina Mariante Guarnieri. Obrigada pela oportunidade de aprofundar os estudos sobre judaísmo e filosofia da religião e ter podido participar dos Seminários NEMES.

Aos professores do programa de Ciência da Religião, Prof. Dr. Frank Usarski, atual coordenador; Prof. Dr. Afonso Maria Ligorio Soares (*in memorian*); Prof. Edin Sued Abumanssur, atual vice-coordenador; Prof. Dr. Eduardo Rodrigues Cruz; Prof. Dr. Fernando Torres-Londoño; Prof. João Décio Passos; Prof. Dr. João Edênio Reis Valle e Profa. Dra. Maria José F. Rosado-Nunes, com os quais aprendi tanto. Não posso deixar de agradecer em especial a sempre tão paciente Andreia Bisuli de Souza, assistente do departamento.

De coração, aos valiosos amigos do programa e aos amigos pessoais, que me incentivaram, inspiraram e acompanharam neste desafio.

“Qual a fórmula que poderia explanar e solucionar o enigma do fato de pensar? Nenhuma coisa ou conceito é nosso, mas somente uma magia engenhosa combina os dois.

O que nos enche de perplexidade radical não são as relações nas quais tudo está encaixado, mas o fato de que mesmo o mínimo de percepção é um máximo de enigma. O fato mais incompreensível é o fato de que, de qualquer modo, nós compreendemos.”
(HESCHEL, 1975, p. 69)

MARCIANO, Marta Rodrigues Alves. **Judaísmo messiânico: cristologia ou messianologia?** 2017. 146 p.

RESUMO

Esta dissertação tem como objeto de estudo o judaísmo messiânico, grupo religioso que se caracteriza por crer em Yeshua (Jesus, em hebraico) como o Messias, e ao mesmo tempo por se considerar uma vertente do judaísmo. Uma vez que eles acreditam em Yeshua como Messias será que possuem uma cristologia? Trata-se de um estudo sobre a possibilidade de haver uma distinção na teologia do judaísmo messiânico, cuja hipótese principal é: os judeus messiânicos possuem uma perspectiva na sua abordagem da ideia de messias que se aproxima mais de uma messianologia do que de uma cristologia. Realizamos uma pesquisa qualitativa a partir de revisão de literatura sobre o tema. Escolhemos como textos messiânicos para esta análise o Manifesto Judeu Messiânico do Rabino David Stern e os dois primeiros volumes das Objeções Judaicas Contra Jesus, do Rabino Michael Brown. Abordamos conceitos como cristologia dogmática e messianologia, sendo este último conceito proposto por David Flusser, além de verificar as convergências e divergências da ideia de Messias para o judaísmo, cristianismo e judaísmo messiânico no século I d.C. Também discorremos sobre a história do movimento judeu-messiânico. Consideramos que os elementos colhidos ao longo desta pesquisa apontam para o fato de que o pensamento judeu-messiânico sobre o Messias não parece corresponder ao pensamento cristológico. Concluímos que a messianologia pode ser considerada uma base para uma construção de uma categoria que melhor represente o pensamento teológico do judaísmo messiânico.

Palavras-chave: Judaísmo messiânico. Cristologia. Messianologia.

ABSTRACT

The aim of this dissertation is study the Messianic Judaism, a religious group which is characterized by believing in Yeshua (Jesus, in Hebrew) as the Messiah, while is considered a strand of the Judaism. Since they believe in Yeshua as being Messiah, would they have a Christology? This study contemplates the possibility of distinction in the Messianic Judaism theology, which the major hypothesis is: Messianic Jews have a view in the idea of that Messiah approaches more of Messianology than of a Christology. A qualitative research was conducted on the basis of the literature review on the subject. And for that, were selected as Messianic texts for this analysis the Messianic Jewish Manifest, by Rabbi David Stern and the first two volumes of Jewish Objections Against Jesus, by Rabbi Michael Brown. It was discussed concepts such as dogmatic Christology and Messianology, as this last concept was being proposed by David Flusser in addition to checking the convergences and divergences of the idea of the Messiah for Judaism, Christianity and Messianic Judaism in the first century AD. It was also reported about history of the Messianic-Jewish movement. The collected data throughout this research should be considered to point out to the fact that Messianic-Jewish thought about the Messiah does not seem to correspond to Christological thinking. The main conclusion is that messianology can be understood as key element to build a category that best represents the theological thought of Messanic Judaism.

Keywords: Messianic Judaism. Christology. Messianology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10

1 ELEMENTOS DO JUDAÍSMO E DO CRISTIANISMO 16
1.1 Sobre o judaísmo 17
1.2 Sobre o cristianismo 23

2 O MOVIMENTO JUDAICO-MESSIÂNICO E OS RABINOS MESSIÂNICOS DAVID STERN E MICHAEL BROWN 28
2.1 Sobre o Movimento Judaico-Messiânico 28
2.2 David Harold Stern 34
2.2.1 Principais obras de David Stern 37
2.2.2 O que pretende David Stern 38
2.2.3 O método de David Stern 42
2.2.4 O Manifesto Judeu Messiânico 42
2.3 Michael Brown 71
2.3.1 Principais obras de Michael Brown 72
2.3.2 O que pretende Michael Brown 74
2.3.3 O método de Michael Brown 75
2.3.4 As objeções judaicas contra Jesus 77

3 CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS DE PERSPECTIVAS 116
3.1 O Messias no judaísmo 117
3.2 O Messias no cristianismo 122
3.3 O Messias no judaísmo messiânico 128
3.4 A narrativa judaico-messiânica 133

CONCLUSÃO 137

REFERÊNCIAS 139

ANEXO A – Entidades Judaico-Messiânicas Internacionais e no Brasil 144

ANEXO B – Sinagogas e Congregações Judaico-Messiânicas no Brasil 146

INTRODUÇÃO

Problemas científicos surgem a partir de questionamentos do dia a dia. O tema desta dissertação surgiu a partir do contato de sua autora com um grupo de judeus que acredita que Yeshua[1] é o messias esperado e profetizado na *Torah.*

O contato com os judeus-messiânicos, como o grupo se autodenomina, suscita invariavelmente muitos questionamentos de ordem teológica e filosófica, uma vez que ao transitarem entre o judaísmo e cristianismo eles acabam desafiando paradigmas muito bem assentados. O que os leva a viver situações bastante conflituosas? Veremos isso com maior clareza ao longo do trabalho.

A seguinte frase de Bonder (1998, p. 87) nos remete a fatos que todos gostariam de esquecer, mas que constituem o pano de fundo da realidade vivida pelos judeus-messiânicos: “O mais importante modelo de traição e tradição se encontra na história da relação entre judaísmo e cristianismo”. É possível ver em algumas reações contra os judeus-messiânicos os reflexos dos conflitos ocorridos ao longo de milênios entre esses dois grupos.

Sabemos que as narrativas são fundamentais para a transmissão das experiências coletivas, e ao longo da história do povo judeu a narrativa se tornou o mais importante laço de transmissão da identidade coletiva. O povo exilado, sem pátria própria, até 1948, manteve e mantém até hoje um poderoso sentimento de povo a partir da transmissão. Sibony (2005) chega a ponto de dizer que um judeu se sente judeu ao transmitir que o é. Desta forma, a possibilidade de ser apartado de sua família e comunidade se constitui em um grande sofrimento que um judeu-messiânico pode enfrentar, e isso tem acontecido com judeus que admitem crer em Jesus. Eles são acusados de terem perdido a sua judeidade ou de terem se tornado maus judeus. Por outro lado, o contato com os cristãos também pode ser muito difícil, uma vez que com base na teologia da substituição[2], eles podem ser levados a esquecer de sua cultura, tradição e raízes.

---

[1] Yeshua: como é chamado Jesus em hebraico.

[2] A teologia da substituição diz que quando o povo judeu rejeitou Yeshua como Messias, rejeitou também todas as bênçãos da Antiga Aliança, e que só lhes resta, como povo, as maldições. (STERN, 1989, p. 100).

Assim sendo, alguns judeus que acreditam em Yeshua optam por esconder a sua fé por medo de serem excluídos da família ou da comunidade como traidores, e também escodem sua origem para poderem frequentar determinados meios cristãos de forma sigilosa.

Dificilmente duas tradições religiosas, que se constituíram ao longo da história na oposição uma da outra, poderiam aceitar com naturalidade que um mesmo grupo professasse uma forma de fé que se vê como ponte entre elas, o resultado disso são acusações de heresia proferidas por ambos os lados.

A tradição tem justamente a capacidade de inserir qualquer experiência particular do passado na continuidade do presente e do futuro, e a traição configurada em perseguição, violência e morte, por este mesmo mecanismo, se firma no imaginário dificultando a mobilidade histórica. Assim sendo, a discriminação é o reflexo de um antagonismo perpetuado e reinvestido ao longo do tempo.

Apesar disso, David Stern (2002, p. 21), rabino representante da comunidade messiânica, declara:

> Crer em Yeshua, no messias judeu, é uma das coisas mais judaicas que um judeu pode fazer. O crente judeu em Yeshua não se defronta com a necessidade de renunciar a parte do seu judaísmo a fim de ser messiânico, ou ter que renunciar a parte de sua fé messiânica para ser mais judeu.

Esses são elementos importantes do contexto religioso e social do judaísmo messiânico. No entanto, não vamos nos debruçar diretamente sobre essas questões, esse foi o panorama a partir do qual tomei contato com o grupo, e conforme fui me aprofundando em conhecer as bases do pensamento teológico messiânico, outras inquietações surgiram e foram se transformando na hipótese desta dissertação.

Vendo-se como herdeiros do que eles chamam de judaísmo nazareno, aquele judaísmo dos primeiros discípulos de Yeshua, os messiânicos se consideram verdadeiros judeus enraizados na *Torah*, assim como Yeshua e seus discípulos o eram (FUKS, 2000).

Entretanto, como retomamos ao longo da dissertação, apesar de partilharem a mesma *Torah* e a fé monoteísta no mesmo Deus, cristãos e judeus se posicionam e se relacionam de formas distintas com este Deus e sua palavra.

A imagética e as formas discursivas são distintas, os judeus são um povo que não constrói uma imagem de Deus, e nem pronuncia o seu nome, como diz Fuks (2000, p. 154): “A concepção de Deus no judaísmo é a de uma presença que se define pela ausência radical e absoluta”. Diferentemente, para os cristãos, há imagem, corpo e nome.

Curiosamente, o ponto fundamental em termos teológicos, que aproxima judeus e cristãos, é o mesmo que os afasta: o Messias. O ponto de discórdia está na indicação de Jesus como o Messias prometido, exatamente aquilo que os judeus-messiânicos defendem juntamente com os cristãos.

A origem desta discórdia pode ser estudada e justificada a partir de questões políticas e sociais no contexto do primeiro século e também sob o ponto de vista teológico.

Dentro do judaísmo, a narrativa da esperança messiânica ou as diversas narrativas se iniciaram com os profetas e se desenvolveram ao longo do tempo, conforme a linha religiosa, política ou filosófica adotada. Para a maioria dos judeus, é uma promessa que ainda não se materializou. Para os messiânicos, é esperança profetizada e concretizada, Deus irrompeu a história. Considerando esse aspecto como fundamental para entender o que diferencia judeus-messiânicos de judeus tradicionais e cristãos, começamos a explorar o tema.

Realizar o recorte do objeto foi um grande desafio. A proposta inicial era estudar a cristologia dos messiânicos para investigar o quanto ela se aproximava ou não da cristologia do credo nicênico. Partimos do princípio de que havia uma cristologia para os judeus-messiânicos, uma vez que eles criam no mesmo Messias dos cristãos. Desta forma, com a finalidade de perceber as convergências e divergências entre Messias judeu, Yeshua e Cristo, analisamos textos de pensadores judeus-messiânicos e textos judaicos tradicionais sobre o tema, além de estudarmos o conceito de cristologia dogmática. E durante este estudo surgiram novos elementos que naturalmente nos levaram em outra direção.

O ponto de virada da nossa reflexão foi o próprio conceito de cristologia que, conforme Schneider (2000), é fruto de um exercício técnico-conceitual desenvolvido mais sistematicamente a partir de Niceia, num determinado contexto histórico, sendo um exercício que parte de uma pessoa manifesta, a figura histórica de Jesus de

Nazaré. A cristologia se constitui no tema central da teologia cristã e é a partir de Jesus Cristo que o cristão visualiza a Deus e se liga a Ele.

Assim, o problema ganhou mais uma variável, será que os judeus-messiânicos, crendo em Yeshua (Jesus) como o Messias possuem uma cristologia?

Ao longo dos estudos nos deparamos com duas obras de David Flusser, nas quais o autor estuda as origens judaicas do cristianismo, e como ferramenta de análise, ele construiu um conceito que denominou de messianologia. Esse conceito pareceu muito pertinente ao nosso estudo, e a partir dele construímos a seguinte hipótese principal deste trabalho: os judeus-messiânicos possuem uma perspectiva na sua abordagem da ideia de Messias que se aproxima mais de uma messianologia do que de uma cristologia.

Realizamos uma pesquisa qualitativa, a partir de uma revisão da literatura bibliográfica existente sobre o tema. Apesar de ser uma temática recente no Brasil, já contamos com importantes trabalhos acadêmicos sobre o judaísmo messiânico que abordam, entre outros assuntos, as práticas nas sinagogas e composição étnica da comunidade judaico-messiânica, além do uso de símbolos e presença na internet. Porém, a temática que escolhemos ainda não foi abordada, especialmente a partir do olhar da Ciência da Religião.

O diferencial e relevância deste trabalho é a abordagem de um objeto complexo: o judaísmo messiânico, a partir da Ciência da Religião, o que possibilita ao pesquisador um estudo interdisciplinar e transdisciplinar (PASSOS; USARSKI, 2013). Tendo em vista essa possibilidade, pudemos lançar mão do seguinte marco teórico principal: o pensamento judeu-messiânico foi estudado a partir de textos dos rabinos messiânicos David Stern (2001; 2007) e Michael Brown (2014; 2015); o judaísmo foi abordado a partir do pensamento do rabino Abraham Joshua Heschel (1974; 1975); o cristianismo e a cristologia a partir de Oscar Cullmann (2008); dogmática por Schneider (2000); o Messias a partir dos estudos de Grelot (1996) e a messianologia a partir do proposto por Flusser (2000; 2001).

Assim, desenvolvemos os capítulos da seguinte forma: no primeiro capítulo, construímos um referencial teórico dentro do enfoque deste trabalho, sobre características fundamentais do judaísmo e do cristianismo, além de abordarmos o conceito de dogmática e cristologia; no segundo capítulo falamos sobre a história do

Movimento Judeu-Messiânico e explanamos o pensamento dos rabinos messiânicos Stern e Brown; no terceiro capítulo tratamos das convergências e divergências do conceito de Messias no judaísmo, cristianismo e judaísmo messiânico e introduzimos o conceito de messianologia, assim nos encaminhamos à conclusão desta dissertação, retomando a sua hipótese.

Optamos por abordar a obra de David Stern e Michael Brown por serem rabinos que realizam um esforço de construção de pensamento judeu-messiânico, como se pode ver pela produção literária de ambos, e também porque estão envolvidos nos órgãos que representam o grupo e em debates públicos com representantes de outras religiões.

Julgamos importante realizar alguns esclarecimentos: mesmo abordando um tema de cunho teológico, esta não é uma pesquisa na área da Teologia, mas uma pesquisa na área da Ciência da Religião, e faz parte desta o não ser Teologia. Em outras palavras, a Ciência da Religião se caracteriza, em suma, por uma "[...] descrição neutra quanto à validade em perspectiva externa", enquanto a Teologia se caracteriza por "[...] participação no ponto de vista interno à religião; explicação de sua convicção de verdade e justificação diante de interpretação [...]" (DIERKEN, 2009, p. 11). Evidentemente, há áreas de interseção, sobreposição e tensão entre as duas, porém, o mais importante a ressaltar aqui é que o cientista da religião busca fazer uma pesquisa de fora, mesmo quando leva em conta o ponto de vista do participante da religião, sem a tomada de posição religiosa ou juízo de valor. Foi o que almejamos realizar nesta pesquisa.

Também devemos esclarecer que não pretendemos, em nenhum momento, afirmar a identidade judaico-messiânica como judia ou cristã, assim como não nos propusemos a uma análise comparativa das religiões; antes, alguns paralelos foram construídos apenas com o intuito de explicitar as peculiaridades e proximidades de cada uma das vertentes. Os quadros criados também são um recurso para melhor visualização dessas características.

O leitor perceberá que tivemos grande preocupação em destacar o máximo possível a autoria das opiniões dos estudiosos consultados reproduzindo citações que julgamos de grande importância. Além disso, a fim de facilitar a fluidez na leitura, decidimos colocar em rodapé as informações referentes ao vocabulário, no lugar de colocá-las em um glossário, por exemplo. No entanto, não há consenso

para a grafia das palavras transliteradas do hebraico, buscamos manter uma certa coerência, contudo, as mesmas palavras podem ser por vezes grafadas de forma distinta nas citações e textos indicados, um exemplo: Halacha ou Halach, Torá ou Torah, Yeshua ou Ieshua, e assim por diante.

1 ELEMENTOS DO JUDAÍSMO E DO CRISTIANISMO

> O cristianismo tornou-se uma religião distinta do judaísmo. Como no caso de todos os nascimentos, o cristianismo emergiu do judaísmo com a ajuda de forças centrífugas. Pela psicologia moderna, sabemos que a relação dos filhos com os pais tende a ser ambivalente. (FLUSSER, 2000, p. 18)

Neste capítulo, pretendemos abordar alguns elementos acerca do cristianismo e do judaísmo, uma vez que sem eles não existe judaísmo messiânico e todos os seus desafios estão relacionados a uma e outra tradição.

"[...] e o Espírito de Deus pairava sobre a face das águas" (Bereshit 1:2). A história da criação do homem e a saga do povo hebreu, tal como se apresenta na *Torah*[3], estão nos primórdios do judaísmo e do cristianismo e isso agiganta a tarefa de delinear uma história das duas tradições, e, portanto, foge do escopo do nosso trabalho.

Não seria possível abarcar tudo o que representa o judaísmo ou o cristianismo, assim também como não seria possível produzir uma síntese a respeito. Então, longe de querer reduzir algo tão complexo e que não comporta tal procedimento, procuramos apenas enunciar alguns elementos essenciais às duas tradições sem, contudo, acharmos que eles explicam ou são mais importantes do o todo. Desta forma, restringimos a abordagem a um enfoque, por natureza, restrito, mas que em nossa opinião introduzirá elementos que subsidiarão a compreensão das questões centrais do judaísmo messiânico. É importante ressaltar que as conceituações de judaísmo e cristianismo compartilham de certa permeabilidade, uma vez que se desenvolveram na dialética da história.

Vamos iniciar explanando sobre a dificuldade de definir judaísmo e judeu, até chegarmos à interpretação de Heschel (1974), no que diz respeito à religião judaica e das múltiplas possibilidades de ser judeu, em seguida, falaremos da essência do cristianismo e do ser cristão.

---

[3] *Torah*: refere-se aos cinco livros de Moisés (Pentateuco).

1.1 Sobre o judaísmo

A discussão sobre as dificuldades de se classificar o judaísmo dentro de categorias consagradas e estanques é bastante conhecida, como sintetiza Gorestein (2009, p. 56):

> Definir o que é um judeu e o que é identidade judaica é uma questão complexa: as categorias sociológicas convencionais, como religião, nacionalidade e grupo étnico não são suficientes: por exemplo, embora a religião tenha sido um componente importante da vida judaica, é claramente inadequado descrever os judeus simplesmente como grupo religioso; a dificuldade em descrever os judeus como grupo se reflete na dificuldade paralela para descrever a identidade judaica.

Não obstante existirem profícuas reflexões sobre o judaísmo, realizadas por estudiosos de diversos campos, até hoje não foi possível inscrevê-lo em um conceito unificado e de consenso. Antes, o que fica evidenciado é que a cada etapa de sua história, o judaísmo se move assim como se move o judeu, e se faz descobrir sob nova ótica. Por vezes, o judaísmo é reinterpretado em função de uma nova forma de ser judeu no mundo, outras vezes, tenta-se mudar o judeu para que ele se aproxime do que se está entendendo por judaísmo, como resumem Bonder e Sorj (2010, p. 12):

> Para além das diferentes leituras feitas através dos tempos do significado de judaísmo e de ser judeu, a realidade é que, qualquer que tenha sido a definição, nem sempre um se identificava ou coincidia com o outro. Esse processo exigiu mudanças, releituras e interpretações para aproximar o judaísmo do judeu, bem como a tentativa (vide os profetas) de mudar o judeu para se aproximar do judaísmo.

Se consultarmos a *Halach*[4], descobriremos que para a tradição legal judaica, são considerados judeus todos aqueles nascidos de mães judias ou que se tenham convertido ao judaísmo através de um ritual próprio. Tal definição parece simples, mas uma leitura mais atenta suscitará ao menos dois questionamentos? Em primeiro: o judaísmo ora é algo que se transmite por herança geracional, ora por conversão e realização de um ritual? Em segundo lugar: o que é judaísmo? David Stern faz referência a outra questão envolvida nessa definição: a matrilinearidade.

[4] *Halach:* significa, em hebraico, “caminho” ou “trilha”, é a tradição legalista do judaísmo; decisões *halachicas* são normativas.

Além disso, um filho de mãe judia ou convertido, ainda precisa passar pelo *Brit Milá*, ritual de circuncisão, como porta de entrada no pacto sagrado e na comunidade israelita. No entanto, para uma menina não há um ritual semelhante, apenas lhe é dado um nome judaico e seu nascimento é anunciado na sinagoga. (GALINKIN, 2008).

Segundo Sorj (2001, p. 137), "O judaísmo Reformista, parte do movimento Reconstrucionista e certos rabinos do movimento Renewal aceitam como judeus filhos de mãe ou pai judeu [...]", isso se educados dentro do judaísmo e se tiverem cumprido os ritos de passagem, mas essa não é a visão oficial do Estado de Israel.

Apesar de sua importância e força, a matrilinearidade ou conversão e a circuncisão abarcam apenas o aspecto de entrada na comunidade israelita e não a totalidade e complexidade da identidade judaica, tomando-se o judaísmo em sentido mais amplo, além do religioso, uma vez que existem inúmeros judeus por matrilinearidade que não seguem os preceitos religiosos judaicos. Roudinesco (2010, p. 18) vai um pouco mais além nessa questão:

> [...] a religião judaica é diferente dos dois monoteísmos aos quais ela deu origem. Desde que existem, os judeus (como povo) não se designaram apenas como judeus (como religião), ou seja, como seguidores de uma religião chamada judaísmo, mas como povo mítico e uma nação, oriundos do reino de Israel e depois da Judeia (Sião), tendo Jerusalém como cidade santa. Consequentemente, segundo a lei judaica (*Halach*), todo judeu permanece integrado a seu povo, mesmo que tenha deixado de ser praticante do judaísmo e mesmo que rejeite sua judeidade se convertendo. E quando um não judeu se converte ao judaísmo, ele se torna judeu para sempre, queira ou não.

Nesse sentido, Sacks (apud TOPEL, 2005, p. 196) chama de "judeus adjetivados" aqueles judeus que por viverem em sociedades altamente pluralistas se distanciaram da autoridade *haláchica*[5], e recriaram um judaísmo de componente voluntarista, ou seja, passaram a autodenominarem-se judeu-secular[6], judeu-sionista, judeu-gaúcho, judeu-espírita, judeu-budista, entre outros.

Como dissemos, apesar da abrangência da discussão, para efeito de nosso estudo, é necessário delimitar de alguma forma o significado de judaísmo, e

[5] Autoridade da *Halach*.

[6] Topel (2005, p. 1919), a respeito do judeu laico diz: "Mas é na modernidade que observamos a multiplicação de expressões judaicas – já não exclusivamente religiosas – com o surgimento de uma nova figura: o judeu laico, que redefiniu sua identidade em termos étnicos, nacionais e culturais (9), originando e difundindo uma identidade judaica basicamente secular" (EISENSTADT, 1997; SACKS, 1991).

decidimos fazê-lo a partir do olhar de um dos mais importantes filósofos judeus, pensador do judaísmo, além de professor, escritor e rabino: Abraham Joshua Heschel (1907-1972)[7].

Nascido em Varsóvia, Polônia, mas radicado nos EUA, Heschel, descendente de rabinos de dinastia hassídica do leste europeu, realizou seu doutorado na Universidade de Berlim, teve uma ordenação rabínica liberal na *Hochschule für die Wissenschaft des Judentums*, em Berlim, onde ensinou *Talmud*[8]. Ministrou uma série de palestras sobre filosofia judaica e *Torah* no Instituto de Estudos Judaicos de Varsóvia. Em 1946 iniciou seu trabalho como professor de ética judaica e misticismo no Seminário Teológico Judaico da América, em NY, o principal seminário do Judaísmo Conservador, onde lecionou até sua morte.

Escolhemos a perspectiva de Heschel sobre o judaísmo não só por sua grande erudição, mas também por sua singularidade. Kimelman (2009) resume bem ao dizer que o consenso acadêmico estabelece dicotomias entre o legal (bíblico e rabínico) e o espiritual, e entre o racional e o místico (fontes cabalistas), mas Heschel integra tudo no sentido de recriar o diálogo do povo judeu com Deus.

> A obra de Heschel traça o *continuum* da consciência religiosa judaica dos períodos bíblico e rabínico, através dos cabalísticos e hassídicos. Apesar de suas diferenças, Heschel argumentou que os ensinamentos de todos esses períodos são unificados pelo tema da preocupação de Deus com a humanidade. As diferentes expressões do judaísmo não são mutuamente exclusivas, mas sim momentos na dialética do encontro do homem com Deus. Onde outros viram dicotomias, Heschel viu polaridades. Nossa inclinação para entender o judaísmo ou aproximar-nos do divino através de apenas um dos pólos deixa-nos, segundo Heschel, com entendimentos parciais do judaísmo e visões fragmentárias do divino. Em contraste, a teologia de Heschel oferece uma estrutura histórica e conceitual para manter a dialética sem reduzir um pólo para o outro. (apud KIMELMAN, 2009, *on-line*, tradução nossa).

[7] "Em 1963, quando se encontrou pela primeira vez com o reverendo Martin Luther King, Heschel já tinha escrito a maioria de seus livros, dentre eles os quatro mais conhecidos: 'Os Profetas', 'O Shabat', 'O Homem não está Só' e 'Deus em Busca do Homem'. Convidado por John F. Kennedy para um encontro na Casa Branca, Heschel fez um apelo para que o presidente exigisse das lideranças espirituais do país um maior engajamento pessoal nas questões dos Direitos Civis: 'Eu proponho que o presidente dos Estados Unidos declare estado de emergência moral', enfatizou o rabino, 'já que nós permaneceremos em falta com Deus enquanto a humilhação aos negros persistir'." (MAGALHÃES, 2008, *on-line*).

[8] *Talmud* (hebraico, significa estudo) A obra mais importante da Torá Oral, editada sob a forma de um longo comentário em aramaico sobre seções da *Mishna.* O *Talmud* também é conhecido por seu nome aramaico, Guemará. (UNTERMAN, 1992, p. 258).

Além disso, Heschel seria dono de um pluralismo embasado nos textos judaicos clássicos, porque encontra neles o diálogo de Deus, não só com os judeus, mas também com a humanidade que é participe no desdobramento da revelação. Segundo Kimelman (2009, *on-line*, tradução nossa), a teologia de Heschel "[...] contribui para uma abertura ao diálogo cristão-judaico".

Outro aspecto interessante é que a leitura do texto de Heschel nos faz adentrar não só no pensamento judaico, mas no modo de ser judeu. Em sua tese de doutorado *Die Prophetie* ele estuda a consciência dos profetas bíblicos e como eles eram afetados no encontro com Deus. Como nos explica Pondé (2013), no judaísmo, a dinâmica da vontade de Deus na história está sempre presente, e Heschel, em sua filosofia situacional, implicada na vida concreta, elege como foco o *páthos* Divino. Para Heschel "[...] o pensamento conceitual é simplesmente pobre para lidar com a questão religiosa" (apud PONDÉ, 2013, p. 66), uma vez que Deus governa de maneira absoluta os homens e a natureza, a partir da sua vontade. O Deus dos profetas é esse que exige e comanda, que tem misericórdia e paixão pela justiça. O *páthos* Divino[9] expressado pelos profetas não dizia respeito à essência de Deus, mas ao seu modo de reagir ao procedimento de Israel. Assim, o judaísmo de Heschel está intimamente ligado ao mundo real e ao judeu que encarna a *Torah* no mundo.

Assim sendo, vamos acompanhar algumas de suas ideias na obra: *O Homem não está só*, de 1974[10], especialmente nos capítulos 23 e 24, *O que é Religião* e *Definição da Religião judaica*.

De acordo com Heschel (1974), a essência da religião não está na satisfação das necessidades humanas, na garantia de imortalidade ou na proteção da sociedade, ao contrário, ele entende que tentar mover as forças sobrenaturais para satisfazer as próprias necessidades é um tipo refinado de magia, não uma religião profética. Em sua opinião, investigam-se as relações da religião com a história, arte, economia, procuram-se seus efeitos na vida psíquica, social, política, mas não se estuda a religião em si. Podemos perscrutar a religiosidade e esquecermos a religião, isso seria como apreender uma obra de arte e esquecer seu valor intrínseco, pois "[...] a essência de uma obra de arte não é equivalente

[9] Podemos entender o *páthos* (grego) Divino usado em Heschel no sentido de paixão ou humor de Deus.
[10] No original, em inglês: *Man is not Alone: A Philosophy of religion.*

nem comensurável com a impressão que produz [...]. O estrato da experiência interior e o reino da realidade objetiva não se encontram no mesmo nível" (HESCHEL, 1974, p. 242).

Para Heschel (1974, p. 243), a fé não se resume à realização de rituais, sendo a relação do homem com Deus não apenas um episódio, mas toda a vida e todos os seus aspectos. "A religião existe por causa de Deus. O lado humano da religião, seus credos, rituais e instituições, é um meio, e não o fim".

O que daria origem à fé não seria algo que começa dentro do homem, mas um fato perene, independente e anterior a ele. O lado objetivo da religião seria a constituição espiritual do universo, uma ontologia distante da análise psicológica ou sociológica. Consequentemente, ele acredita que o que engaja o homem com Deus não é um pensamento, uma conversão ou uma meditação, mas todas as suas ações, e todas elas interessam e afetam a Deus, com ou sem intenção. Assim como não há possibilidade de o homem fugir da natureza, "Não há possibilidade de fugir de Deus" (HESCHEL, 1974, p. 244), ou seja, a própria existência do homem está em relação com Deus. Desta forma, para o filósofo, a piedade é uma resposta subjetiva do homem a uma condição objetiva, é a consciência de viver dentro da dimensão sagrada. Portanto, para Heschel (1974, p. 247-248), só há uma forma de definir a religião judaica:

> É a consciência do interesse de Deus pelo homem, a consciência de uma aliança, de uma responsabilidade que pesa sobre ele e sobre nós. Nossa tarefa é colaborar com o seu interesse, realizar sua visão da nossa tarefa. Deus precisa do homem para atingir seus fins e a religião, tal como a entende a tradição judaica, é uma maneira de servir a esses fins, dos quais necessitamos, ainda que não tenhamos consciência disso, fins cuja necessidade devemos aprender a sentir.
>
> Neste dia obtivestes do Senhor a declaração de que Ele é vosso Deus, prometendo andar em seus caminhos, obedecer às suas leis e mandamentos e escutar sua voz. E neste dia o Senhor obteve de vós a declaração de que sois seu povo, exclusivo, como vos prometeu, e que obedecereis a seus mandamentos (Dt 26:17-18).

Logo, em sua opinião, "a essência do judaísmo está na consciência da reciprocidade entre Deus e o homem, da união com aquele que subsiste em eterna alteridade. Nosso supremo dever é nosso supremo privilégio" (HESCHEL, 1974, 248). E a *Torah*, não pode ser um instrumento de uso pessoal, trata-se de uma sociedade entre Deus e o homem, então, Ele resolveu se interessar pelo homem fazendo-o participante na obra da criação, desde o primeiro dia:

> Desde o primeiro dia da criação o Santo, bendito seja, desejou entrar em sociedade com o mundo terrestre para habitar com suas criaturas no mundo terrestre (Números Rabba, cap. 13,6; cf. Gênese Rabba, cap. 3,9).
>
> Quando Israel cumpre a vontade do Onipotente, acrescenta forças ao poder celeste, conforme está dito: A Deus damos forças (Sl 60:14).
>
> Por isso, os Patriarcas são chamados 'o carro do senhor' (Gênese Rabba, cap. 47, 6;82,6). (HESCHEL, 1974, p. 249).

Para Heschel, a Bíblia não é a história do povo judeu, mas a história da busca de Deus por um homem justo. Aos indivíduos, Noé e Abraão e ao povo de Israel foi dada a missão de fazer todo o homem justo, porque somos todos procurados, e a cada homem algo é pedido. Afinal, a necessidade que o homem tem de Deus seria o eco da sua necessidade pelo homem e seu pedido para Israel é:

> E agora, ó Israel, o que o Senhor teu Deus pede de ti senão que temas o Senhor teu Deus, que andes em seus caminhos, que o ames, que sirvas o Senhor teu Deus com toda a tua mente e coração e observes os mandamentos do Senhor e suas leis que te ordeno hoje, para o teu bem? (Dt. 10,12)
>
> Deverás ser santo porque eu, teu Deus, sou santo... Serás para mim um reino de sacerdotes, um povo santo. (HESCHEL, 1974, p. 254-255).

Mas há uma sociedade entre Deus e o homem, Heschel nos incita a questionar quais necessidades humanas consistem em preocupações de Deus e quais preocupações de Deus devem se consistir em necessidades humanas. Para o autor, a educação religiosa judaica deve converter os fins em necessidades, ou seja, devemos sentir necessidade da justiça porque ela é boa. O judaísmo pede a participação plena do indivíduo, seu coração deve responder com alegria e com irrestrito prazer. O coração e o espírito não são considerados inimigos irreconciliáveis, eles podem ser integrados porque há em cada homem um sopro de Deus, uma força mais profunda que a camada da vontade, pois "Deus não mora acima do céu. Ele habita, temos certeza, em todo coração disposto a deixá-lo entrar" (HESCHEL, 1974, p. 257-258).

Desta forma, como diz Hirsch (*apud* BATNITZKY 2011, p. 41, tradução nossa), "[...] o judaísmo é a soma total de nossa tarefa na vida. Uma vida inteira apoiada pela ideia Divina vivida e preenchida de acordo com o desejo divino". O judaísmo não se restringiria a uma religião, sinagoga ou rabino, o judeu é pai, mãe, profissional, e assim por diante. Para Heschel, citado por Gillman (2007, p. 169), a função de uma tradição religiosa, suas instituições, rituais e textos

“[...] é criar ambientes que estimulem a experiência e preservem as memórias que essa experiência deixa”.

Ressaltamos que ao trazermos a compreensão de Heschel sobre o judaísmo, não a afirmamos como única, uma vez que as identidades judaicas na modernidade são múltiplas, como diz Sorj (2011, p. 21):

> Assim, a unidade do judaísmo não pode ser dada por uma única corrente que se sobrepõe às outras, mas pelo reconhecimento da contribuição de cada fragmento para a vida judaica, ainda que muitas vezes parte do que outro acredita ou pratique fira nossa sensibilidade.

Por fim, e já caminhando para a próxima seção deste capítulo, diferentemente do cristianismo, como Gillman (2007, p. 24) esclarece, “a maioria dos judeus, mesmo o mais autêntico entre nós, nunca despendeu muito tempo pensando em esclarecer o que exatamente acredita a respeito de Deus [...]”. Esclarecer e sistematizar um dogma não é tão intrinsecamente importante para o judaísmo como é para o cristianismo, e não há uma autoridade máxima aceita por todas as vertentes do judaísmo com poder de julgar uma fé judaica autêntica e outra herege.

Ainda sobre o judaísmo, no capítulo 2, ao abordarmos o pensamento dos rabinos messiânicos Stern e Brown, serão aprofundadas outras questões de cunho teológico, e no capítulo 3, nos deteremos na ideia de Messias.

1.2 Sobre o cristianismo

O cristianismo possui uma extensa literatura histórica, teológica e filosófica, elaborada a partir de diferentes pontos de vista e em contextos distintos, uma vez que ele marcou e foi marcado pela história do ocidente e pela história universal. Além disso, possui três grandes vertentes: catolicismo, ortodoxia e protestantismo, e cada uma delas com suas próprias ramificações. Porém, apesar de sua pluralidade, é possível localizar no cristianismo um ponto central, sem querer reduzi-lo, uma essência que não é uma teoria, mas é pura e simplesmente o próprio Cristo; e o cristão, segundo define Küng (2004, p. 214), é:

> [...] todo aquele que, em sua caminhada pessoal – e cada pessoa tem seu próprio caminho –, tenta se orientar por este Jesus Cristo. No fundo, nenhuma organização, nenhuma instituição e também nenhuma igreja deveria honestamente chamar-se cristã se na verdade não pode tomá-lo como referência.

Eruditos como Harnack, Feuerbach e Guardini procuraram desvendar essa essência, cada qual com uma perspectiva, sendo que Cullmann buscou uma resposta a partir do método histórico-filológico, e para isso usou o Novo Testamento (NT), pressupondo que ele é um documento nascido em uma comunidade de fé e, portanto, contém a mensagem do cristianismo primitivo. O que queremos explorar aqui é justamente essa essência.

Gibellini (2002) discorre sobre método de Cullmann a partir da obra *Cristo e o Tempo*, na qual a noção de *Kairós*[11] é central. Conforme o autor, para Cullmann, os fatos salvíficos são situados em um contexto temporal que vai da criação até a *parusia*[12], a Bíblia possui uma "concepção retilínea do tempo e da história" (apud GIBELLINI, 2002, p. 256), uma linha e não um tempo cíclico e repetitivo como a percepção grega. Essa linha indica a direção na qual a história se move, no entanto, sem deixar de ser ondulada e com longos desvios. Para Cullmann, essa linha ascendente da história tem um centro, que é Cristo:

> [...] ele é o *Kairós,* onde se realiza o tempo anterior, e onde se decide completamente o futuro. A cultura grega não conhece a espera; o judaísmo vive só da espera; já o cristianismo primitivo, tal como se encontra expresso no Novo Testamento, conhece a tensão (*spannung*) entre um 'já' e um 'ainda não', entre um 'já realizado' (*schon erfullt*) e um 'não ainda plenamente realizado' (*noch nicht vollendet*). (apud GIBELLINI, 2002, p. 256).

Em outras palavras, Cullmann quer dizer que a crucificação, morte e ressurreição de Cristo, tal como se deram, representam a batalha decisiva já ganha, mas o dia da vitória acontecerá na sua revelação final, portanto:

> A espera cristã dos eventos futuros encontra assim garantia nos eventos cristológicos do passado. A linha do tempo, pois, pertence a Cristo: Ele é antes do início, foi crucificado ontem, reina agora, invisível, e voltará no fim dos séculos.
>
> O evento acontecido na cruz se deu uma vez por todas (*ephápax*) e para toda a linha da salvação, passado e futuro, essa é a dialética do 'já' e do 'ainda não'. (apud GIBELLINI, 2002, p. 257-258).

Consequentemente, o presente da história da salvação pertence à igreja que deve desenvolver a sua missão.

A história mundial é para Cullmann o pano de fundo da história da salvação, Cristo como Senhor do tempo irradia sua força sobre ela. Isso significa que

[11] *Kairós*: termo grego que denota o momento certo, oportuno.
[12] *Parusia*: segunda vinda de Cristo a Terra e fim dos tempos.

Deus escolhe alguns fatos e acontecimentos especiais que são parte de um nexo soteriológico[13] e os revela aos profetas e aos apóstolos. Essa é a teologia da história da salvação, de Cullman, que se diferencia das histórias de Kierkegaard, Schweitzer, Bultmann e Dodd, nas quais se perde a tensão entre o "já" e o "ainda não".

À parte das diferenças metodológicas, sem dúvida, Jesus Cristo é o centro da fé cristã. Como expresso nas palavras de Werbick (apud SCHNEIDER, 2000, p. 19), quando discorre sobre as premissas da dogmática:

> Quem deseja entender Deus, depende de Jesus Cristo, o Filho. Ele é para os cristãos a visibilização de Deus; nele, Deus tornou-se palavra da essência, o logos, 'carne'. Jesus é a pessoa humana que se deixou tomar por completo pelo Espírito de Deus, que viveu totalmente desse Espírito e por isso, com sua vida, o comunicou [...].

Com Hans Urs von Balthasar, a dogmática deve sustentar que: a pessoa humana de Jesus – o *Logos* tornado humano – é, "como tal, expressão, tradução válida e autêntica do mistério divino. ...Quanto mais profundamente Deus se desvela, tanto mais profundamente Ele se reveste da pessoa [Jesus] [...]" (apud SCHNEIDER, 2000, p. 19).

"Para Israel, Deus é o transcendente que habita com seu povo [...]" (apud SCHNEIDER, 2000, p. 15), que o tem como interlocutor e que aguarda a revelação da sua vontade para a vida. Para Werbick, também citado por Schneider (2000), Jesus se encontra dentro dessa tradição, Deus é seu interlocutor, seu Pai. Esse Deus absoluto é tratado na cristologia como aquele profundamente ligado às pessoas humanas em Jesus Cristo, como Deus conosco e entre nós.

Nas palavras de Werbick (apud SCHNEIDER, 2000, p. 19/35/15):

> A mensagem da sua vida, da sua morte e da consumação da sua vida, seu testemunho de vida e de palavra são o veículo no qual Deus se transmite às pessoas, e o veículo é em si mesmo a mensagem na qual Deus se expressa verbalmente.
>
> Para os cristãos Jesus Cristo é a expressão verbal de Deus, o *logos,* a palavra da essência de Deus que permite às pessoas humanas dar expressão verbal acertada a Deus na resposta ao *Logos*.
>
> E o Espírito Santo se verbalizará como dádiva na qual Deus se dá a si mesmo como 'vivificador' para a nova vida, que faz dos crentes uma 'nova criatura'. Assim a Pneumatologia se concretiza na Doutrina da Graça e da Justificação, bem como na Doutrina da Igreja e dos Sacramentos.

[13] Referente à soterologia, que é o estudo da salvação humana.

Segundo Balthasar (apud SCHNEIDER, 2000, p. 23), “Deus envia seu filho para que ele interprete o Pai em gestos humanos; nós ouvimos o Pai em seu eco humano; [...] na resposta, temos a palavra”. Para Barth (apud SCHNEIDER, 2000, p. 23), “[...] a Bíblia não é “em si mesma e como tal” a Revelação, mas a Bíblia que nos fala como Palavra de Deus e como tal é por nós ouvida testifica a Revelação ocorrida”. Consequentemente, Werbick (apud SCHNEIDER, 2000, p. 23) conclui: “[...] as comunidades cristãs têm a palavra como norma de discurso adequado sobre o Deus de Jesus Cristo, como critério de testemunho autêntico de vida e de palavra”.

A cristologia é o tema central da teologia cristã, e este é um assunto tratado no terceiro capítulo desta dissertação, por ora, o nosso objetivo é explicitar essa centralidade como essência do cristianismo e da vida do cristão, deste modo, é válido lançar um contraponto com o que vimos a partir de Heschel (1974).

Entendemos, que “a essência do judaísmo está na consciência da reciprocidade entre Deus e o homem, da união com aquele que subsiste em eterna alteridade” (HESCHEL, 1974, p. 248). É sabido que os livros veterotestamentários[14] possuem diferentes gêneros literários, escritos em diferentes épocas, entretanto, há razões para sugerir a existência de um centro, o qual seria o próprio Deus, que ao longo das experiências históricas de Israel manifestou seus sinais e revelou sua vontade, como concluem Sattler e Schneider (apud SCHNEIDER, 2000, p. 66).

Ao longo da história, Israel transformou cada experiência nova em legítima experiência com Deus e desta forma, o passado continua duplamente vivo, ora porque fundamenta a experiência presente, ora porque funciona como precedente ou norma para o futuro. “Experiências passadas por Israel em seu passado com Javé são a base sustentadora e a protoimagem[15] determinante da esperança presente do povo depositada nele, bem como na sua atuação salvífica também no futuro” (apud SCHNEIDER, 2000, p. 67). As experiências do passado animam o presente e o futuro.

No entanto, para Sattler e Schneider (apud SCHNEIDER, 2000, p. 76-77), o cristianismo se distingue porque:

[14] Veterotestamentários: expressão usada para referir-se aos livros do Velho testamento.
[15] Protoimagem: refere-se a uma representação potencial.

> A novidade na pregação de Jesus está em que ela anuncia que o senhorio de Deus já irrompeu no mundo existente. Ela inclui as pessoas nos acontecimentos do senhorio de Deus e acredita que elas possam viver já agora dentro do tempo e do mundo marcados pela desgraça, na experiência direta de culpa e perdição e contra as aparências das condições reinantes, porém, a partir da certeza da promessa da salvação divina e da proximidade da salvação.
>
> O Novo Testamento anuncia o 'Deus que ressuscitou Jesus dentre os mortos'. Esta fórmula de fé, por seu uso frequente (cf. Rm 4,24;8,11;10,9;2 Cor 14; Gl 1,1; Ef 1,20; Cl 2,12;1 Pd 1,21) efetivamente se transforma em novo nome de Deus, numa definição do nome de Javé concretizada na sina do Filho e ao mesmo tempo escatologicamente universalizada.

Assim, pelo que vimos, poderíamos dizer que o cristão não se sente mediado diretamente pela *Torah*, pelas experiências nela relatadas ou pelas experiências vividas pelo povo de Israel, da mesma forma como os judeus? Poderíamos dizer que o cristão não está em diálogo direto com o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, mas com o "Deus que ressuscitou Jesus dentre os mortos", o Deus que irrompeu a história, o "Deus que se fez carne e habitou entre nós"? Evidentemente não estamos colocando em questão a importância da *Torah* como fundamento do cristianismo e nem o fato de que cristãos e judeus adoram o mesmo Deus, não queremos lançar sobre isso nenhuma sombra de dúvida.

Nosso objetivo é entender como os judeus-messiânicos se colocam frente aos aspectos levantados neste capítulo, tanto em relação ao cristianismo quanto ao judaísmo. No próximo capítulo, os elementos aqui abordados serão aprofundados e desenvolvidos por Stern e Brown, também entraremos em contato com a história do movimento.

2 O MOVIMENTO JUDAICO-MESSIÂNICO E OS RABINOS MESSIÂNICOS DAVID STERN E MICHAEL BROWN

> A ideia não é nova. Na verdade, tem dois mil anos de existência; mas há séculos sua expressão social permanece adormecida. (STERN, 2001, p. 3).

2.1 Sobre o Movimento Judaico-Messiânico

Nesta seção, buscamos apresentar elementos sobre a formação do Movimento Judaico-Messiânico a fim de localizá-lo social e historicamente no mundo e no Brasil, uma vez que as religiões também se expressam a partir das comunidades que desenvolvem.

O Movimento Judaico-Messiânico é constituído por judeus que creem em Jesus como o Messias de Israel, o qual, normalmente, chamam de Yeshua, mas querem ser reconhecidos como judeus. “Assim sendo, os judeus messiânicos desafiam o consenso aceito entre os cristãos e os judeus que quando judeus têm fé em Jesus, eles deixam de ser judeus e tornam-se cristãos” (JUSTER; HOCKEN, 2004, p. 7), para isso, os messiânicos invocam o mesmo *status* dos judeus que seguiam a Jesus, uma vez que Ele mesmo estava comprometido com o seu povo. Infelizmente, há pouca literatura sobre a história dos judeus messiânicos e de seu Movimento, mas vamos aos elementos principais, e para isso teremos que recuar até o século I d.C.

Segundo o entendimento do rabino messiânico D. Stern, os judeus messiânicos são herdeiros dos nazarenos[16], nome dado aos judeus do primeiro século da era comum, que acreditavam em Yeshua como Messias,

[16] O termo “Nazareno” vem do Hebraico “NTZR” que significa “*Nêtzér*”, que quer dizer: ramo, broto, remanescente. Uma variante da palavra é a forma “*Nótzér*”; e tem o significado de: observar, cuidar, guardar, proteger, preservar e seguir (ensinamentos de um Mestre). “Os *nazoreus,* mencionados apenas por Epifânio e Jerônimo, constituíam uma seita judaico-cristã estabelecida em Bereia, na província da Coele-Síria, cujos membros falavam aramaico e seguiam um evangelho próprio, semelhante ao Evangelho de Mateus. Os *nazoreus*, tendo nascido judeus, observavam a Lei, praticavam a circuncisão e celebravam o *shabat*, mas ao mesmo tempo criam em Cristo. O etnônimo ‘*nazoreus*’, com o qual se identificavam, é um termo aramaico que durante muito tempo foi empregado para designar, de modo genérico, os crentes em Jesus. É possível que Jerônimo tenha estado em contato com os *nazoreus*. Infelizmente, não sabemos se os *nazoreus* faziam parte da Igreja ou tinham uma organização própria, a exemplo dos *ebionitas*. O que parece consenso é que mantinham com seus vizinhos cristãos relações amistosas (KINZIG, W. Non-Separation: Closeness and Co-Operation Between Jews and Christians in the Fourth Century. Vigiliae Christianae, 45(1):27-53, Leiden, 1991)”. (apud SILVA, 2010, p. 66).

dentre eles os seus próprios seguidores. No entanto, as conturbações políticas e sociais[17] do período fizeram com que os nazarenos fossem se afastando dos demais grupos judaicos.

Conforme Stern (2001), a crescente entrada de novos adeptos gentios, a partir da expansão da fé primitiva, trouxe muitos questionamentos sobre a necessidade de um não judeu seguir a lei judaica, o que também contribuiu para o afastamento das raízes judaicas. Um exemplo dessa tensão foi o concílio apostólico de Jerusalém, em 51 d.C., que reuniu as lideranças da igreja primitiva para discutir se os gentios deveriam seguir as práticas da Lei Mosaica para serem salvos. Como resultado, ficou decido que a partir desse concílio, os seguidores de Jesus seriam liberados do cumprimento da Lei Judaica.

Esse posicionamento é bastante difundido, todavia, não é uma unanimidade entre os estudiosos do cristianismo primitivo. Existem dúvidas sobre quando de fato surge o cristianismo e qual o momento de ruptura entre judaísmo e cristianismo, e quais os motivos de tal separação, como nos esclarece o pesquisador do assunto, teólogo e historiador Paulo Augusto de Souza Nogueira (2015, p. 36/38/39)[18]:

> Sem dúvida neste período temos as primeiras manifestações do cristianismo na história, ainda que seja muito difícil dizer quando exatamente o movimento se iniciou. Teria se iniciado com a pregação de Jesus de Nazaré na Galileia, no final dos anos 30? Ou teria tido efetivamente origem, como afirmam muitos pesquisadores, quando o movimento religioso passa a pregar não a mensagem que Jesus pregava, uma mensagem judaica, portanto, mas a ele mesmo como centro da mensagem? Onde e quando teria começado esta origem? [...].[19]
>
> Dar uma resposta satisfatória a estas questões não é tarefa fácil e remete a um denso e acirrado debate acadêmico. Não temos sequer certeza sobre quando o cristianismo passa a ser visto como uma religião independente do Judaísmo, do qual se originou e cuja simbologia religiosa herdou.

[17] "Segundo Chistiane e Bernard (2012, p. 7-13) a história da Palestina estava estreitamente ligada a Roma, a partir do século I d.C. a presença política do Império romano, constitui um fator determinante do mundo vital da Palestina. Inicia-se em 63 d.C., com a ocupação de Jerusalém por Pompeu, os romanos exerceram seu governo de forma direta através da ingerência do poder imperial sobre a palestina o que acarreta sérios problemas políticos, econômicos e sociais, tais como: aumento da população demográfica da região, gerando um marco cultural distinto; no campo religioso, provoca-se sérios atritos e conflitos que se desencadeiam em repressões, perseguições, exclusões. Em Roma, a comunidade cristã sofreu a perseguição de Nero (66 d.C.). Em diversos pontos do Império, surgiram protestos dos judeus, sendo o principal na Palestina, conhecido como a Guerra Judaica, entre os anos 66 – 73 d.C. O medo era constante, guerras, maus tratos, fome, afligiam as pessoas no dia a dia." (apud SANTOS, 2014, p. 105-106).

[18] Doutor em Teologia pela Universidade de Heidelberg (1991), pós-doutorado em História pela Unicamp. Professor titular da Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. Coordenador do projeto temático *Estruturas Religiosas Convergentes no Judaísmo e no Cristianismo do Primeiro Século*, UMESP/FAPESP.

[19] O período mencionado refere-se ao século I d.C.

> Os estudos mais recentes tendem a considerar o processo de ruptura com o Judaísmo e a constituição de uma identidade própria no cristianismo como mais fluido, não definido com precisão cronológica e ideológica.
>
> [...] a pregação dos seguidores de Jesus de Nazaré alcançou as comunidades judaicas da diáspora de grandes centros urbanos como [...] Antioquia, capital da província romana da Síria.
>
> Já nos anos 40, é possível supor que a comunidade cristã de Antioquia fosse maior e mais representativa que a de Jerusalém, ainda que esta gozasse de maior prestígio entre os fiéis. Nos anos 50, grupos de cristãos, entre os quais Paulo de Tarso, desenvolvem de forma mais acentuada a missão aos gentios, fundando comunidades em lugares estratégicos da Ásia Menor, Macedônia, Grécia, Egito, Itália, entre outros, consolidando definitivamente o cristianismo gentílico.
>
> Nos anos 60, senão antes, já temos evidência da presença de comunidades cristãs em Roma, capital do império. A partir daí estas pequenas comunidades, ainda confundidas com sinagogas judaicas – e talvez ainda estivessem no seio delas – se inserem cada vez mais no mundo mediterrâneo e buscam ampliar os canais de comunicação com a sociedade.

É interessante citar que Nogueira (2015), assim como os demais pesquisadores do projeto *Estruturas Religiosas Convergentes no Judaísmo e no Cristianismo do Primeiro Século* realizado na UMESP, parte do princípio que apesar do cristianismo primitivo já estar separado da sinagoga nas últimas décadas do primeiro século, a separação institucional ou a autonomia do cristianismo não significa que necessariamente cristãos e judeus não tenham se influenciado mutuamente por períodos maiores. Essa posição contraria a ideia hegemônica que após a separação a influência mútua tenha cessado. Portanto, afirmações categóricas a respeito desse assunto são problemáticas, pois ao contrário do que possa parecer, ainda há muito a ser discutido em relação à separação entre cristianismo e judaísmo.

A história do Movimento é bem mais recente. Na primeira metade do século XIX, grupos protestantes organizaram missões com o propósito de evangelizar o povo judeu, tanto na Europa como nos Estados Unidos, de tal forma que houve um importante afluxo de judeus para as igrejas protestantes. Na primeira década do século XX, surgiria na América uma série de sociedades missionárias bem organizadas, com o único propósito de realizar evangelismo judaico: a Câmara Americana de Missões aos Judeus (anteriormente conhecido como Missão Williamsburg aos judeus); Missão Presbiteriana aos judeus, que estabeleceu congregações em várias cidades dos EUA; Chicago Missão Hebraica; e a

Associação Americana para o Evangelismo Judaico. O judaísmo nelas praticado se restringia ao uso do *Idiche*[20], não havia nenhuma preocupação teológica. Na Europa, também foram realizadas missões na Grã-Bretanha, Noruega e Finlândia.

Mas foi com o crescimento do trabalho em Israel que o desejo de alcançar autonomia da fé e um discurso judaico/hebreu foi tomando força. O fator de maior impacto foi o reagrupamento de Jerusalém através da Guerra dos Seis Dias, em 1967. Os cristãos hebreus entenderam que era o cumprimento de Lucas 21:24, em que Jesus disse: “Jerusalém será pisada pelos gentios, até que o tempo dos gentios se completem”. Com o que, o senso de urgência cresceu.

Os judeus que frequentavam as denominações cristãs se viam alijados de sua tradição e identidade, e não queriam mais ser identificados com os movimentos de evangelização, como o *Jews for Jesus* e demais iniciativas de cunho cristão que usavam a designação hebreu-cristão.

Em 1866, na Inglaterra, foi fundada a Hebrew-Christian Alliance of Great Britain, com o objetivo de reunir os cristãos de origem judia, mas ainda era uma iniciativa cristã. A primeira congregação judaica messiânica seria fundada em 1886, na moderna Moldavia, por Joseph Rabinovich. Mas, somente a partir da década de 1960, o Movimento se estabeleceria como de origem judaica para judeus. Nos Estados Unidos, as bases do judaísmo messiânico foram lançadas em 1915, com a fundação da Hebrew-Christian Aliance of America, cujo nome foi mudado para Messianic Jewish American Alliance (MJAA), em 1976.

Em 1925, foi criada a International Hebrew-Christian Alliance, que passou a se chamar International Messianic Jewish Alliance (IMJA) e em 1979 foi fundada a *Union of the Messianic Jewish Congregations* (UMJC) (STERN, 2001).

Desta forma, o movimento foi construindo sua autonomia e a designação judeu-messiânico começou a caracterizar uma expressão de fé especificamente judaica em Yeshua, em oposição ao termo *cristão hebreu* utilizado para designar os crentes judeus dentro de várias denominações protestantes. As congregações judaico-messiânicas começaram a adaptar suas práticas, adoração e vida

[20] *Ídiche:* idioma historicamente usado pelos judeus Ashkenazim, os judeus da Europa Central e Oriental e seus descendentes em todo o mundo.

comunitária às Escrituras judaicas, como a observação do *shabat*[21], dos feriados, circuncisão e demais tradições, a adoração a Yeshua assumiu uma ênfase escatológica.

Como dizem Juster[22] e Hocken (2004), judeus-messiânicos aceitam o Novo Testamento como canônico, assim como o *Tanach*[23]. No entanto, ao contrário de cristãos gentios, a mensagem deles começa a partir da eleição de Israel como um povo de pacto, para, em seguida, apresentarem Yeshua como o Messias, filho de Deus, Salvador, que cumpriu todas as promessas estabelecidas no *Tanach*. Eles usam os termos encontrados no Novo Testamento, mas não a terminologia advinda dos concílios eclesiásticos. A terra de Israel também é muito importante para os messiânicos, é o ponto principal de sua esperança escatológica e eles anseiam que haja uma restauração de visão para Israel e para a igreja.

O movimento judaico-messiânico surge com mais vigor em dois centros principais: Estados Unidos e Israel, sendo que o maior estímulo de expansão internacional vem dos EUA.

Segundo a Messianic Jewish Alliance of America (MJAA, s.d., *on-line*):

> Existem agora dezenas de milhares de judeus messiânicos nos Estados Unidos, alguns estimam cerca de 1,2 milhões de pessoas. Sinagogas messiânicas estão surgindo em quase todas as grandes cidades dos EUA, e o judaísmo messiânico está crescendo rapidamente em outras nações ao longo da América do Norte e do Sul, Europa, Oceania e as ex-repúblicas soviéticas.

Em 1990, cerca de 200 congregações eram filiadas às associações: Union of Messianic Jewish Congregations (UMJC) e International Alliance of Messianic Congregations and Synagogues (IAMSC). Em 2002, quando Juster e Hocken escreveram: *Uma Introdução ao Movimento Judeu Messiânico* havia cerca de 300 congregações messiânicas nos EUA, e também um rápido crescimento do movimento nos países que faziam parte da União Soviética (Rússia, Ucrânia, Moldávia, Bielorrússia) e no Canadá. Segundo Joel Chernoff, CEO da "Messianic Jewish Alliance of America" [Aliança Judaica Messiânica da América], em entrevista ao The Jewish Journal, existem hoje cerca de 800 congregações judaico-messiânicas no mundo (apud ARAÚJO, 2012, *on-line*).

---

[21] *Shabat:* nome hebraico do 7º dia da semana (sábado) que é o dia do descanso semanal judaico em referência ao descanso de Deus após a criação do mundo.
[22] O rabino Daniel Juster foi o idealizador da União de Congregações Judaicas Messiânicas.
[23] *Tanach*: compreende a Bíblia Hebraica, o acróstico já diz: Ta (*Torah*), Na (*Neviim*) Ch (*Ctuvim*).

O Movimento Judaico-Messiânico cresceu rapidamente em muitas das repúblicas da antiga União Soviética, os primeiros grupos informais de judeus crentes em Jesus dentro das igrejas começaram por volta de 1987 na Ucrânia. O colapso do comunismo em 1991 possibilitou liberdade religiosa e a entrada de evangelistas ocidentais, e também desencadeou uma grande necessidade de significado e identidade, além disso, muitas pessoas com raízes judaicas começaram a reafirmar ou redescobrir sua identidade judaica. Assim, pequenos grupos de judeus crentes em Jesus começaram a realizar reuniões especialmente na Ucrânia.

As primeiras congregações judaico-messiânicas foram registradas em 1993-1994. Nos anos 1990 foram realizados os primeiros festivais judeus messiânicos de massa, reunindo multidões em cidades como São Petersburgo, Moscou, Kiev, Odessa, Minsk, Kishinev e Novosibirsk, mais de vinte congregações messiânicas foram criadas ou se expandiram de forma significativa como resultado desses festivais.

Juster e Hocken (2004) explicam que a expansão na América Latina tem uma característica própria, a grande quantidade de Marranos[24] que está reivindicando suas raízes judaicas, um povo não reconhecido pelas autoridades rabínicas, porque não consegue provar documentalmente a sua história familiar, por conseguinte, os grupos judaico-messiânicos têm se constituído para eles numa forma de ser judeu e crer em Jesus. Segundo os autores, a maior congregação judaico-messiânica na América Latina com centenas de membros, está localizada em Belo Horizonte, em seguida, em Buenos Aires. Há também grupos judeus messiânicos na América Central, especialmente no México.

A primeira congregação Europeia foi fundada em Paris, França, em 1963, por Paul Ghenassia junto com Marcel Beckrich – foram os principais pioneiros na Europa Ocidental. Na Grã-Bretanha, formaram-se comunidades de judeus e crentes não judeus com interesse especial nas raízes judaica e judaísmo messiânico, mas sem reuniões regulares. Na França, existem congregações em Strasbourg, Marseille e em algumas outras cidades com grandes populações judaicas. Há também grupos de judeus messiânicos na Austrália, Nova Zelândia e África do Sul.

[24] Marranos: “[...] judeus instalados em Espanha e mais tarde, em Portugal, que foram batizados como católicos sob pressão, para dentro, mas que permaneceram judeus.” (JUSTER; HOCKEN, 2004, p. 28).

Por fim, apesar de todo o crescimento do Movimento Judaico-Messiânico, não devemos esquecer que existem judeus que creem em Yeshua como o Messias de Israel, mas nunca estiveram ou estarão ligados ao Movimento, Stern (2001) conta que existem proeminentes rabinos ortodoxos que criam em Yeshua como o messias, de forma velada ou pública. No *site* do Ministério Ensinando a Sião, grupo judeu-messiânico brasileiro, há referência aos seguintes rabinos: Rav Igná Lichtenstein (1824-1909) – rabino-chefe do norte da Hungria; rabino Daniel Zion (1883-1979) – foi o rabino-chefe da Bulgária; Rabino Israel Zolli (1881-1956) – ex-rabino-chefe de Roma; Yechiel Tzvi Lichtenstein (1831-1912) – um crente judeu de origem chasídica; rabino Daniel Landsmann (1836-1896) e outros (BRUMBACH, 2012, *on-line*).

Atualmente, em termos de prática ritual as congregações ou sinagogas messiânicas se dividem em um largo espectro que vai desde as que importaram ritos protestantes até as que seguem a ortodoxia judaica.

Com a finalidade de facilitar a visualização e o acesso a informações sobre associações e congregações nacionais e internacionais criamos o Anexo A. Infelizmente não há informações atualizadas sobre o número de congregações ou membros. Também não dispomos de informações a partir dos censos oficiais uma vez que se perguntados a maioria dos judeus messiânicos irá se identificar como judeus. Os números citados são retirados das fontes messiânicas citadas.

A seguir, apresentamos um importante representante do pensamento judaico-messiânico – David Harold Stern –, para que possamos entender mais a fundo quais os desafios, desejos e soluções encontradas por esse grupo no diálogo com o cristianismo e judaísmo.

2.2 David Harold Stern

É um rabino judeu, nascido em 1935, bisneto de um casal que integrou o grupo dos primeiros judeus de Los Angeles, Califórnia, tornou-se um dos principais pensadores do judaísmo messiânico contemporâneo. Quando jovem pertencia à sinagoga reformista Wilshire Boulevard Temple. Sua mãe, Levi Marion Stern, dedicou sua vida ao serviço da comunidade, participando ativamente do Council of Jewish Women como presidente da filial de Los Angeles. Ela o ensinou a ler a *Torah*

aos 8 anos, porém seu pai, Harold Stern, frequentava a sinagoga apenas nos *chaguim*[25].

Stern foi um jovem dinâmico e amante dos esportes, que depois de frequentar a escola dominical da sinagoga por 10 anos, com a expectativa do rabino Max Dubin de que ele se tornaria um rabino, acabou escolhendo estudar economia e se formou como Phi Beta Kappa[26] da University of California, Los Angeles (UCLA) aos 19 anos. Obteve os títulos de mestre e doutor pela Princeton University e, aos 24 anos, se tornou o mais jovem docente na Graduate School of Management da UCLA.

Família e amigos o viam como um jovem muito promissor, mas apesar disso, dentro dele persistia a dúvida sobre o significado da vida. No auge de sua carreira, renunciou ao cargo de professor e iniciou uma jornada pessoal em busca de sentido. Leu, surfou, conversou com amigos e, depois de ter jejuado durante 27 dias, pensou ter realmente encontrado a paz interior, mas foi apenas momentânea.

Ainda em busca de sentido para sua vida, interessado no vegetarianismo, em plena era hippie, abriu três lojas de produtos naturais em Los Angeles, mas elas acabaram quebrando, depois disso enveredou-se no campo da religião. Partindo do princípio que o judaísmo não lhe trouxe sentido e que o cristianismo estava totalmente fora de cogitação, resolveu conhecer as religiões orientais e ocidentais, foram dezenas de viagens e avaliações. Em Smartsville, um dos locais visitados, teve contato com uma comunidade cristã, na qual não quis permanecer, mesmo tendo ficado impressionado com o que ouviu sobre a morte de Jesus e o sistema sacrificial, e com o modo como aquelas pessoas se tratavam umas às outras, existia ali um amor nunca presenciado em nenhuma outra comunidade. Mas tais sentimentos levaram Stern a ler alguns livros cristãos e a dar início a uma experiência que mudaria radicalmente a sua vida, conforme ele próprio narra:

> Na noite de 20 de outubro de 1972, eu estava em um motel em Fresno e não conseguia dormir, então eu abri o Novo Testamento, e meus olhos caíram sobre Romanos 10:9. Até hoje eu não posso explicar isso, mas percebi que tinha vindo a acreditar que Jesus é o Senhor – ele sozinho, não todos nós – e que Deus o havia ressuscitado dentre os mortos – ele sozinho, não todos nós. Então, olhando para o teto branco, confessei-o em voz alta para Deus; e de acordo com o versículo, eu estava, naquele momento, salvo. (STERN, [1997], *on-line*, tradução nossa).

[25] *Chag* ou pl. *Chaguim*, termo usado para designar festa. O ano judaico contém cinco grandes festivais de origem bíblica: *Pessach, Shavuot, Sukot, Rosh Ha-shaná e Yom Kipur* (UNTERMAN, 1992, p. 100).

[26] A mais antiga sociedade de honra nas áreas de ciência e arte liberal dos EUA.

Stern convenceu-se de que a Bíblia era divinamente inspirada por Deus e que o Novo Testamento contava como Deus havia se envolvido na história humana, por intermédio de Jesus. Seis semanas mais tarde, David foi batizado na comunidade de Smartsville, mas não percebeu imediatamente as implicações dessa decisão em sua vida. Meses depois, a tensão entre ser judeu e crer em Jesus como o Messias de Israel aflorou, e o conflito foi se tornando gradativamente mais sério. Como estudioso, Stern resolveu enfrentar a questão se aprofundando no problema, e logo percebeu que isto tomaria a sua vida:

> Convenci-me no meu espírito que o Senhor estava me chamando para ajudar a desenvolver o Judaísmo Messiânico como uma opção genuína onde uma pessoa pode ser 100% judeu e 100% seguidor de Yeshua, o Messias. (STERN, [1997], *on-line*, tradução nossa).

O seu maior desafio surgiu no Seminário Teológico Fuller, em Pasadena, Califórnia, onde se titulou Mestre em Divindade por seu trabalho de pós-graduação na Universidade de Judaísmo (hoje, American Jewish University). Em seguida, passou um ano estudando *Talmud* e *Rashi*[27] na Graduate School da University of Judaism, em Los Angeles, ao lado de futuros rabinos. Na época, organizou conferências messiânicas e foi membro da Messianic Jewish Alliance of America (MJAA, s.d., *on-line*).

Em 1974, decidiu organizar uma visita de estudos a Israel e começou a considerar a possibilidade de emigrar após um amigo lhe dizer que nenhum movimento judaico jamais seria significativo se estivesse centralizado na diáspora.

Em 1976, casou-se com Martha Frankel, também judia-messiânica. O casal passou um ano ligado ao Movimento Jews for Jesus[28] e Stern deu início ao seu projeto de autoria.

Em 1979, após o nascimento da primeira filha do casal, eles resolvem fazer *aliyah*[29] e até hoje vivem em Jerusalém com seus dois filhos e são membros ativos na comunidade judaico-messiânica de Israel.

---

[27] *Rashi:* (1040–1105) Acrônimo de Rabi Salomão (Ben) Isaac, erudito francês de ascendência davídica, autor de comentários, que se tornaram padrão, sobre importantes textos judaicos. (UNTERMAN, 1992, p. 217).

[28] Movimento Jews for Jesus: Organização cujo estilo e abordagem características não são necessariamente compartilhadas por todos os judeus que creem em Yeshua. (STERN, 2001, p. 26)

[29] *Aliyah:* movimento de retorno dos judeus à Jerusalém.

2.2.1 Principais obras de David Stern

As principais obras de David Ster (JEW AGE, 2008, *on-line*; THE NEW WAY, s.d., *on-line*) são:

- *Restoring the Jewishness of the Gospel* – Jewish New Testament Publications, Jerusalém, 1988.
- *Messianic Jewish Manifesto* – Jewish New Testament Publications, Jerusalém, 1º maio de 1988.
- *Jewish New Testament: A Translation of the New Testament expresses its Jewishness* – Jewish New Testament Publishing, Jerusalem, and Clarksville MD, September, 1989.
- Comment Jewish New Testament: A volume that accompanies the Jewish New Testament – Jewish New Testament Publishing, Jerusalem, 1992.
- *Messianic Judaism: A Modern Movement With An Ancient Past* – Jewish New Testament Publications, Jerusalém, abril, 2007.
- *Full Jewish Bible* – Jewish New Testament Publications, Jerusalem, september, 1998.
- *How Jewish Is Christianity?* (with others) (edited by Louis Goldberg) – Zondervan, novembro, 2003.

O grande trabalho de Stern é a *Bíblia Judaica Completa*, porém as nossas principais referências para este estudo são: *O Manifesto Judeu Messiânico*, que apresenta a história, ideologia, teologia e programa do judaísmo messiânico de forma sistemática; e a *Introdução ao Novo Testamento Judaico*, obra que procura recuperar o judaísmo do Novo Testamento ou *B'rit Hadashah*[30].

[30] *B'rit Hadashah*: forma pela qual os judeus messiânicos tratam o Novo Testamento, tradução de Stern (2001, p. XIV), fundamentado no texto de Jeremias 31.

2.2.2 O que pretende David Stern

A experiência de Stern foi significativa, a ponto de motivar e mobilizar sua vida até hoje. Poderíamos buscar o entendimento dessa experiência a partir da psicologia, explorando as raízes de sua insatisfação e busca de significado. Afinal, esse foi o sentimento que impulsionou sua jornada por mais de duas dezenas de religiões. Há pouco material para aprofundar a análise por esse viés, entretanto, este não é o nosso objeto de estudo.

Em seus relatos, em nenhum momento Stern se refere a uma conversão ou embate com essa ideia, por isso acreditamos que o termo conversão tenha sido estrategicamente evitado como resultado de um refinamento do discurso messiânico. No entanto, é provável que os primeiros cristãos que o receberam em sua comunidade, e que o batizaram, tenham se referido à conversão de um judeu tendo em vista que tal expressão faz parte do repertório religioso dos cristãos evangélicos.

Há outro elemento a considerar e que está muito mais acessível para entendermos os propósitos de Stern: o contexto sociocultural e econômico. Em linha com o que diz Mariano (In: PASSOS; USARSKI, 2013, p. 231): “[...] os fenômenos religiosos são fruto não só da agência humana, mas também da interação social e cultural”.

Stern estava com 20 anos em 1955, quando a sociedade americana vivia no pós-guerra um momento de transformação socioeconômica que promovia um estado de bem-estar e a ascensão dos tecnocratas. Um contexto político mundial intrincado e violento; as revoluções comportamentais da primeira metade do século XX e as revoluções tecnológicas e científicas da segunda metade do século; presenciou o surgimento de novos projetos culturais e ideológicos, como o movimento de direitos civis dos negros e homossexuais, o feminismo e o movimento conhecido como Contracultura.

Na década de 1960, a guerra fria, a guerra do Vietnã e as lutas raciais foram o ponto central dos protestos estudantis fomentados primeiramente nas universidades americanas e depois difundidos na Europa e América Latina. A mídia, contraditoriamente, se tornou ao mesmo tempo uma arma potente na divulgação desses protestos e seus ideais e o alvo de suas críticas. A própria imprensa cunhou o termo Contracultura porque era um movimento libertário que pregava a paz, o

anticonsumismo, a liberdade sexual, a vida comunitária, a alimentação natural, o respeito às minorias e que valorizava práticas religiosas orientais. A música, a poesia e as artes plásticas em geral também foram importantes meios de divulgação dessas ideias. A partir deste enquadre, podemos entender o espírito do tempo de nosso autor e algumas de suas inquietações e decisões.

Stern foi um professor universitário americano bem-sucedido, tinha uma vida glamorosa e, mesmo assim, sentia que a sua carreira em Economia não fazia mais sentido, que a insatisfação da adolescência ainda estava presente e que devia abandonar tudo para empreender uma busca religiosa. Um contexto que não influenciou apenas as suas decisões, mas também possibilitou a liberdade de escolha, algo que nem sempre existiu, ela foi conquistada.

A contemporaneidade possibilita que as pessoas escolham ou decidam sobre sua adesão religiosa, independentemente de sua condição familiar ou social. A religião é vista cada vez mais como algo voluntário, desejado e privatizado.

Entretanto, ainda hoje, para um judeu vindo de uma família tradicional, a escolha de Stern significa correr o risco de deixar a segurança e o conforto de sua tradição religiosa familiar para professar uma fé antagônica. Dois elementos se sobrepõem neste caso: o rompimento com a tradição religiosa familiar e a conversão ao cristianismo[31], sendo uma condição classificada como verdadeira traição.

Leora Batnitzky (1966), em sua obra *How Judaism Became a Religion*, desenvolve a ideia do surgimento de uma religiosidade individual na comunidade judaica. Para a autora, a concepção moderna de religião, como sendo algo da esfera pessoal do indivíduo, surgiu com o rompimento do modo de produção e organização feudal e os valores medievais atrelados a ele, a partir do surgimento do conceito de Estado-nação. No século XVIII, o indivíduo judeu da Europa Oriental ainda era visto como seus ancestrais pré-modernos: apenas como um membro da comunidade judaica.

[31] Para Stern (2001, p. 94), a conversão não significa uma mudança de comunidade de fé, antes uma declaração de confiança do indivíduo, vinda do coração (*emunah*), sobre o que Deus fez por ele através de Yeshua.

O Estado-nação deveria oferecer ao indivíduo uma estrutura e referência civilizacional, exercer a proteção de uma comunidade de direito e, ao mesmo tempo, propiciar o direito natural e inalienável do sujeito à livre convicção. Dessa forma, o Estado não poderia coagir ninguém em suas convicções religiosas, ao contrário do que fazia a comunidade.

Batnitzky (1966) traça um percurso em que consegue localizar o elemento comum do surgimento de uma religião do indivíduo em três diferentes grupos judaicos da Europa Oriental "os *hassídicos*, os livre pensadores e os estudiosos das *yeshivot*"[32].

Para Salomon Maimon (apud BATNITZKY, 1966), a busca pessoal pela iluminação final é possível, o indivíduo pode criar a sua própria vida. No entanto, deve calcular o custo social de sua escolha, uma vez que o Estado e a comunidade tenham uma ação política de defesa e podem resolver exercê-la.

Hoje, quando nos referimos à religião como crença individual e suas práticas como definidoras de identidade, estamos falando a partir de uma evolução histórica do conceito. Assim, o que temos visto, a partir da livre condução da vida e livre adesão, é o surgimento de uma explosão de religiosidades não convencionais.

Os judeus messiânicos almejam ser entendidos e respeitados nesse contexto, porque muitos deles, ainda hoje, precisam esconder sua fé para não serem vistos como traidores e heréticos. Esse grupo vive uma conflitiva tarefa de sustentação de um discurso duplo: por um lado, a fé e convicção pessoal; e por outro, a origem recebida e a ser transmitida. O medo da rejeição e da perseguição é bastante concreto, por isso, muitos messiânicos não confessam sua fé aos familiares e amigos.

Stern (2001, p. 23) foi aos poucos percebendo na prática a existência do conflito entre ser judeu e crer em Yeshua: há uma "[...] tensão entre 'eu, perseguido' e 'eu, perseguidor' [...]". Parte dos judeus hostiliza como traição e coloca em xeque sua judeidade; já entre os cristãos, encontramos uma gama enorme de posicionamentos, desde o desconhecimento total, passando pela admiração até a rejeição completa por parte de alguns católicos que questionam o concílio

[32] *Yeshivot*: Instituição judaica para o ensino da *Torah* e do *Talmud*.

ecumênico Vaticano II[33]; e os protestantes históricos mais fundamentalistas, adeptos da teologia da substituição[34], esperam que um judeu convertido ao cristianismo esqueça suas tradições e abra mão de todos os sinais de judeidade.

Como podemos notar, esta é uma posição conflituosa:

> Se pertenço plenamente à Igreja e sou plenamente judeu, então estou ligado tanto aos perseguidores quanto às vítimas. Buscamos fazer com que nossa identidade messiânica seja aceita por judeus não-messiânicos e gentios cristãos, mas sofremos rejeição. [...] sofremos uma ampla crise de identidade [...]. (STERN, 2001, p. 22/24).

Seria um erro primário pensar que duas tradições religiosas que se construíram ao longo da história, em constante confronto, poderiam aceitar com naturalidade a convivência harmoniosa e pacífica num mesmo sujeito.

Ciente de seu desafio, Stern iniciou uma jornada de estudo, ativismo e produção de literatura com a intenção declarada de mostrar que "[...] o crente judeu em Yeshua não se defronta com a necessidade de renunciar a parte do seu judaísmo, a fim de ser messiânico ou ter que renunciar a parte de sua fé messiânica para ser mais judeu" (STERN, 2001, p. 21). Ele pretende "[...] esclarecer o que é a identidade judeu-messiânica [...]" (STERN, 2001, p. 4) e, além disso, facilitar a tolerância por parte de gentios, cristãos, judeus não messiânicos e outros grupos.

Acreditamos que esclarecer a questão identitária é o aspecto mais complexo da tarefa de Stern, porque diz respeito a um amplo espectro de aspectos teológicos, culturais e psicológicos. Além disto, a redução da intolerância de certa forma

---

[33] O Concílio Vaticano II foi o XXI Concílio Ecumênico da Igreja Católica, tendo sido convocado no dia 25 de dezembro de 1961, através da bula papal '*Humanae salutis'*, pelo Papa João XXIII. Segundo Passos e Sanchez (2015, p XV), este concílio foi "O maior, em número de participantes dentre os 21 Concílios realizados pela Igreja Católica. Foi o concílio que se propôs a colocar a Igreja em diálogo com o mundo moderno, depois de uma demorada oposição e de esforços lentos de aproximação e de compreensão. Ainda que tardio, esse esforço produziu uma nova imagem e uma nova autocompreensão da própria Igreja e uma nova prática eclesial. Trata-se, na intuição de seu progenitor, de um *aggiornamento* da tradução da fé cristã-católica aos tempos contemporâneos, o que permitiria à Igreja realizar sua missão no mundo com maior coerência e clareza."
No verbete 'judaísmo', Dicionário Vaticano II, podemos encontrar o resumo do posicionamento do Concílio sobre a questão judaica: "[...] expressa a convicção de que não há uma ruptura entre a Antiga e a Nova Aliança, mas que ambas compartilham o mesmo patrimônio espiritual. Trata-se de uma relação orgânica 'que se assemelha à fortificação de uma oliveira por meio da implantação de uma videira jovem. Embora apenas a segunda Aliança seja perfeita, ela foi preparada pela primeira. Mesmo assim, o Cristianismo não seguiu em lugar do Judaísmo.' A não aceitação de Jesus por parte do povo judeu não resultou na rejeição do povo judeu, '[...] a Igreja, nos seus ensinamentos, não deve apresentar os judeus 'como condenados por Deus, nem como amaldiçoados'." (BEOZZO In: PASSOS; SANCHEZ, 2015, p. 504-505).

[34] Conforme a teologia da substituição o povo judeu rejeitou Yeshua como Messias rejeitou também todas as bênçãos da Antiga Aliança, restando-lhes, como povo, as maldições (STERN 2001, p. 100).

dependente dessa construção identitária, pois sem esta clareza, o grupo não conseguirá defender seu direito à existência.

2.2.3 O método de David Stern

Que tipo de abordagem Stern usa para empreender sua missão de provar que é possível ser simultaneamente 100% de judaico e 100% messiânico?

Para Stern, a finalidade do povo judeu é tornar conhecido o Deus vivo e ser luz das nações, mas o conflito Igreja-Sinagoga fomentado até os dias de hoje não permite que os judeus conheçam quem é a luz do mundo e assim cumpram plenamente o seu papel. Semelhantemente, o objetivo da Igreja seria tornar conhecido o Deus vivo e fazer discípulos de todas as nações, para isso ela precisa expressar e saborear seu íntimo envolvimento com o povo judaico. Dessa forma, para ele, o conflito gerado no seio da comunidade dos primeiros seguidores de Yeshua não teria justificativa do ponto de vista teológico, mas apenas do ponto de vista político e se tornou uma das piores doenças da humanidade.

2.2.4 O Manifesto Judeu Messiânico

O que diferencia Stern é a perspectiva, o ponto de partida da argumentação, e também a finalidade. Procuraremos demonstrar essas diferenças observando a lógica de construção de uma de suas obras: o *Manifesto Judeu Messiânico* (2001)[35], organizada em sete capítulos dispostos na seguinte ordem: destino, identidade, história, teologia, *Torah*, santidade e programa. Muitas de suas argumentações estão fundamentadas no livro *Jewish Roots*, de Daniel Juster, que ele considera como a primeira teologia abrangente do judaísmo messiânico, e outros autores como John Fischer, Arnold Fruschtenbaum e Jacob Jocz.

Em seu primeiro capítulo, Stern trata da vocação mediadora e os desafios do movimento e, dessa conscientização, faz uma chamada à ação. Do segundo capítulo em diante, ele passa a construir uma identidade e um corpo teológico a partir de questionamentos que ele mesmo elabora e respostas que visam à instrução

[35] Manifesto: gênero textual que deve expor uma argumentação bem fundamentada em defesa de um ponto de vista do escritor. *O Manifesto Judeu Messiânico* é uma declaração pública de intenções, motivos e opiniões, um grito de convocação das tropas, um chamado àqueles que participarão daquilo que Deus considera a cura mais importante do mundo.

de judeus, messiânicos e gentios interessados, como: Por que o judaísmo messiânico? Quem é judeu? Quem é messiânico? Quem é judeu-messiânico?

Para o autor, a necessidade de uma identidade judaico-messiânica se apoia no fato de o evangelho não negar culturas, que o judaísmo messiânico está implícito nas teologias corretas dos judeus, que ele é necessário para que os gentios cristãos conheçam todo o conselho de Deus e para que os judeus não messiânicos entendam como realizar o papel que Deus tem para seu povo[36].

Vale ressaltar que além de necessária, é uma identidade[37] útil para alcançar determinados objetivos como: defesa da existência de um ambiente judaico para os judeus; conscientização e instrução dos gentios para que aprendam a apreciar e compreender as raízes judaicas de sua fé; desenvolvimento do ministério entre os judeus que acreditam em Yeshua; e para que ocorra um efeito curador do amor de Deus sobre as relações entre judeus e cristãos, por parte dos quais existem estereótipos e Stern (2001, p. 12-13) os classifica da seguinte forma:

- Oposição judaica:

  > "[...] a oposição judaica é grande, muitos não nos consideram judeus, outros nos consideram maus judeus e somos pressionados a provar nosso judaísmo o tempo todo."

- Oposição cristã gentia:

  > Separatismo: ver o judaísmo messiânico como uma forma de separatismo. "Cada qual tem suas funções, regras e promessas na economia divina".
  >
  > Não mais judeus, e, sim, cristãos: o judeu que vem a crer em Yeshua não é judeu e deve esquecer seu judaísmo. Para Stern, Sha'ul[38] e Kefa[39] continuaram a praticar seu judaísmo.

[36] A menção a todo o conselho de Deus tem o objetivo de que os cristãos entendam que Deus continua tendo uma aliança eterna com Israel, seu povo, e que há propósitos distintos, complementares, tanto para judeus quanto para gentios.
[37] Percebe-se a intenção de criação de uma identidade de grupo que pode se fundamentar nas raízes históricas, que vive os desafios do presente e que aguarda o futuro do tempo da revelação, o próprio tempo messiânico.
[38] Sha'ul: nome judaico de Paulo de Tarso.
[39] Kefa: nome judaico de Pedro.

> Orgulho da judaicidade: consequência de alguns messiânicos praticarem o orgulho indevido. Isso constitui uma etnolatria desaconselhada.
>
> Ênfase excessiva do judaísmo: o judaísmo não deve substituir o foco da vida congregacional.
>
> Judaizando: o judaísmo messiânico não sanciona a judaização, diz ele, isso seria uma heresia. Incentivar os judeus a viverem como judeus não é judaizar.
>
> Artificial e não natural: o judaísmo messiânico só tem sentido em Israel. Lá é o melhor lugar, mas não o único.

Mas afinal, quem é judeu? Apesar de a *Torah* reconhecer a judaicidade a partir da linhagem paterna, a *Halach* define que judeu é a pessoa nascida de mãe judia ou convertida ao judaísmo, como vimos no capítulo primeiro. Assim, para conceder a *aliyah*, o Estado de Israel considera a Lei religiosa judaica. A questão colocada por Stern é se o judaísmo messiânico é considerado como outra religião. Os messiânicos acreditam que são um ramo do judaísmo e não uma outra religião, no entanto, o Estado tem negado a *aliyah* a seus adeptos.

Mesmo depois de todas essas considerações, não fica explicitado o conceito de judeu para o autor, ao que tudo indica, ele considera judeu qualquer pessoa que tenha um dos genitores judeus ou se convertido, a exemplo de algumas linhas reformistas judaicas.

Afinal, quem é messiânico?[40] Stern (2001, p. 18) lembra que no NT o termo "cristão" é usado aparentemente para gentios que acreditavam em Yeshua, assim, um judeu-cristão seria uma contradição em termos. Judeu-messiânico, segundo o autor seria "A pessoa que nasceu judia ou se converteu ao judaísmo, que é verdadeiro crente em Yeshua e reconhece a sua judaicidade".

Parece uma definição ampla, capaz de incluir as várias nuances do movimento, mas não é assim que o autor pensa. Existem ressalvas, ele reconhece que alguns podem incluir em tal definição os cristãos hebreus, e considera nesse grupo as pessoas que não vivem uma vida ostensivamente judaica. Seria um erro considerar judeu-messiânico qualquer um que acredite em Yeshua e cujos pais

[40] Messias: o termo vem do hebraico *mashiach*, e significa ungido. Cristão vem de *christos* que é o termo usado no Novo Testamento (NT) para *mashiach* e tem o mesmo significado.

sejam judeus. Um messiânico deve ter refletido muito a respeito de sua judaicidade e os que estão fugindo de sua identidade judaica devem denominar-se 'ex' ou antigos. Os diferentes nomes usados ao longo da história como referência aos messiânicos são criticados pelo autor por descaracterizarem a origem e o vínculo judaico.

Aos cristãos que usam os versículos de Romanos 2:28,29[41] e Filipenses 3:3[42] para dizer que são judeus, porque a verdadeira circuncisão é a do coração, Stern (2001) sugere que se desejarem se aproximar da fé judaica e do movimento judeu-messiânico, sejam chamados de gentios messiânicos, porque chamá-los de judeus-messiânicos seria um erro de interpretação.

Stern (2001) classifica como submessiânicas as seguintes categorias: judeus abertos que ouvem do evangelho, mas não estão dispostos a nascer de novo[43]; os judeus crentes secretos, que permanecem na comunidade judaica sem confessar publicamente sua fé em Yeshua; e os crentes judeus que não se aproximam de congregações de judeus messiânicos e nem de igrejas. Há também aqueles com posições excessivamente gentias: judeus que se gentilizam em igrejas cristãs, fato comum nos séculos XVIII e XIX entre pessoas que queriam deixar de ser judias; o verniz judaico de determinados grupos cristãos que querem se aproximar dos judeus tentando convertê-los, uma das queixas da comunidade judaica a respeito de pessoas que usam as coisas sagradas do judaísmo somente para converter judeus; e os cristãos hebreus, fortes do início de 1800 até 1930, mas que, segundo o autor, são fósseis porque usam abordagens antiquadas de um tempo em que a sociedade era menos aberta às expressões messiânicas.

Apesar das críticas, esse é o público de Stern: os messiânicos de toda ordem e origem, os submessiânicos, judeus e cristãos em geral. A sua premissa principal é a não existência de conflito teológico, filosófico ou prático entre ser messiânico e ser judeu. Ele faz questão de afirmar o tempo todo que o crente em Yeshua não tem

[41] "Pois o verdadeiro judeu não é aquele que como tal aparece externamente, nem é verdadeira circuncisão a que é visível na carne; mas é judeu aquele que o é no interior e a verdadeira circuncisão é a do coração, segundo o espírito e não segundo a letra: ai está quem recebe louvor, não dos homens, mas de Deus." (Romanos 2:28,29).

[42] "Pois os circuncidados somos nós, que prestamos culto pelo Espírito Santo e nos gloriamos em Cristo Jesus e não confiamos na carne." (Filipenses 3:3).

[43] A expressão tem origem no encontro entre Jesus e Nicodemos e se transformou no apelo apologético dos grupos protestantes, mais fortemente dos evangélicos e representa a aceitação do sacrifício de Jesus para perdão dos pecados, salvação e mudança de vida. Note-se que Stern incorpora a expressão.

necessidade de renunciar ao seu judaísmo e que é possível ser 100% judeu e 100% messiânico. Sendo assim, o único conflito seria de ordem política, um conflito construído ao longo da história e que torna uma pessoa que se identifica com a comunidade judaica e, ao mesmo tempo, com a Igreja em um nível mais profundo, em vítima e perseguidora. Como vítima, sentirá a amargura pelos anos de perseguição da Igreja ao povo judeu, mas poderá perdoar e ser agradecida porque a Igreja revela o Messias. Como perseguidora, deverá ser penitente.

Stern (2001, p. 22) diz: “Tenho dois chapéus, faço parte de duas comunidades, em oposição uma da outra”, mas “[...] não sou esquizofrênico [...]”. Confessa e se resigna, prefere orar e aguardar o dia em que Israel será salvo, quando então acabará a tensão entre o “eu, perseguido” e o “eu, perseguidor”. O maior desafio de ser messiânico seria respaldar palavras com atos e assim demonstrar um judaísmo com substância. Construir uma ideologia e um programa para expressar identidade e afirmar reivindicações e acreditar no desígnio de Deus para ser a ponte entre duas comunidades aparentemente separadas.

O autor conclui que todos os judeus que acreditam na vinda de um Messias poderiam se intitular messiânicos, mas o sentido das palavras é dado por aqueles que as empregam e o judaísmo messiânico será um dia reconhecido pelos judeus e cristãos como os judeus que seguem Yeshua e conservam lealdade à sua herança judaica.

Stern (2001, p. 3) vê como papel central do projeto judaico-messiânico a mediação entre judeus e cristãos. Para ele, através da sua vocação mediadora[44], a comunidade judaica messiânica pode ser “[...] o veículo de cura do pior cisma na história mundial [...]”. Se esse projeto é de fato exequível é um ponto a ser analisado.

Talvez, Stern tenha em mente a ideia de que os messiânicos, por sua posição no conflito, consigam compreendê-lo de forma mais ampla, com os argumentos dos dois lados. Eles serviriam como uma ponte que está ancorada nos dois extremos. E a partir disso, os messiânicos procurariam resgatar a verdade sobre a origem do

[44] Mediador: intermediário entre duas partes distintas que estão em oposição ou conflito. Pressupõe-se que um mediador seja imparcial para que sua tarefa seja bem-sucedida, parece-nos que os messiânicos serão vistos como mais uma parte dentro do conflito.

conflito, realizando um trabalho de reinterpretação da história. A mediação de Stern não pressupõe a imparcialidade, pelo contrário.

Encerrando o capítulo sobre identidade, o autor discorre sobre o uso do termo cristão no NT. Para ele, os judeus em Yeshua eram designados como “nazarenos” (Atos 24:5)[45] ou “deste caminho” (Atos 9:2 e 22:4)[46] e são os membros originais da comunidade. O termo cristão se referia apenas aos crentes gentios.

Alguns crentes judeus pregaram a gentios em Chipre e Cirene e eles vieram a crer no *christos* ou *mashiach,* uma tradução para o grego de uma ideia hebraica. O termo *christianoi* foi cunhado em Antioquia por gentios, para gentios. Para ele, o NT deixa pouco ou nenhum espaço para que se denomine um judeu-messiânico de cristão.

Estes são os principais pontos do autor sobre a controversa identidade messiânica. O medo de valorização do judaísmo em detrimento da fé em Yeshua é mencionado apenas uma vez. O diálogo se dá com e a partir do judaísmo e não o contrário. Entendemos se tratar de uma sutil e fundamental diferença de perspectiva. Tal ênfase pode incomodar certos segmentos da cristandade, a ponto de acusarem Stern de um discurso judaizante, o que seria algo muito distante de sua verdadeira intenção.

O terceiro capítulo do Manifesto se inicia com a história, a chave de tudo. “Entender a história para não repeti-la”, preconiza Stern (2001, p. 33).

A indiferença das pessoas em relação à história o preocupa, Stern considera isso um sintoma de uma geração desenraizada. Em sua opinião, os americanos eram movidos por um senso de missão, orgulho do passado e desejo de aprimorar o futuro. A indiferença em relação ao passado e ao futuro seria fruto das rebeliões nas décadas de 1960-70 e da influência de falsas religiões e ideologias que tornam a história insignificante, algo a ser esquecido.

Já nos debruçamos sobre o contexto histórico do autor, mas agora nos deparamos com sua análise sobre os efeitos provocados pelo movimento de Contracultura.

---

[45] “Verificamos que este homem é uma peste; suscita tumultos entre todos os judeus do mundo inteiro, e é um chefe do partido dos nazoreus.” (Atos 24:5).

[46] “Foi pedir-lhe cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de poder trazer para Jerusalém presos, os que lá encontrasse pertencendo ao Caminho, quer homens, quer mulheres.” (Atos 9:2).
“Persegui de morte esse Caminho, prendendo e lançando à prisão homens e mulheres.” (Atos 22:4).

Stern critica o rompimento com o passado sem a construção de uma perspectiva de futuro, características antes presentes na sociedade americana. Depois disso, ele reconhece que o reaparecimento do movimento messiânico só foi possível devido à crescente liberdade política, econômica e social no ocidente nos últimos 300 anos.

Desta forma, podemos entender que os movimentos que rompem com a ordem estabelecida são interessantes quando dão liberdade para o movimento messiânico, mas não quando rompem com um sentido de passado e futuro. O fenômeno que ele critica é o mesmo que lhe permite manifestar um novo ponto de vista. À primeira vista, parece ser uma aporia, mas o movimento não se julga uma ruptura, antes se vê como continuidade natural do judaísmo. Lembremos as colocações de Stern: o autêntico judaísmo é messiânico, nada mais judaico do que ser messiânico.

Assim sendo, por esse ângulo, podemos entender que ele valoriza a crescente liberdade política e a possibilidade de se falar abertamente dos erros do passado, pois com isso, os messiânicos poderiam desenvolver sua missão e restaurar uma ordem corrompida por uma série de interesses políticos e religiosos que afastaram o povo judeu e os gentios cristãos, que na verdade estão ligados à mesma raiz. O movimento não se vê rompendo, mas restaurando, reestabelecendo a história da fé judaica e sua natural ligação com o Messias prometido. As rupturas foram injustas, causadas por interesses políticos, longe do propósito de Deus para as nações, daí a importância de entender a história e não repeti-la.

Acreditamos que é a partir dessa lógica que Stern (2001) e Brown (2014) defendem o posicionamento messiânico em relação à manutenção da identidade judaica e sua prática. É uma teologia que parte da *Torah*, dos escritos e da tradição judaica, em direção ao Messias e não do Cristo e da dogmática[47] cristã para o judaísmo.

[47] A expressão ‘teologia dogmática’ aparece no século XVII no sentido de exposição do ensinamento da igreja. “Hoje se entende por teologia dogmática a exposição completa da fé cristã levada adiante com critérios científicos metodologicamente adaptados e próprios da reflexão teológica” (PAIXÃO NETTO; MACHADO, 2003, p. 210).

A direção e o destinatário imaginário[48] são diferentes do cristianismo. Mesmo os que pretendem judaizar o cristianismo, o que não é o caso, partem de outro ponto de vista. “A história judaica conduz até mim e explica quem eu sou” (STERN, 2001, p. 55). O judaísmo explica e justifica a fé em Yeshua, o Messias, e não a fé em Yeshua que dá sentido ao judaísmo.

Ainda é preciso dizer que para Stern, em Israel, a ruptura com o passado e futuro é menor, as pessoas são mais cônscias porque o judaísmo como religião baseada na história santifica o tempo através de suas festas, e o sionismo como uma variante do messianismo gira em torno da história, o povo tem forte espírito coletivo e a própria existência de Israel comprova a ação de forças sobrenaturais.

O autor acredita que através da história conseguiremos responder às três perguntas mais importantes da vida: como é possível ser feliz? O que se deve fazer? Qual o significado de tudo?

A busca da felicidade não leva à busca de sentido da vida. Para Stern, esse foi o grande erro dos Estados Unidos nas décadas de 1960-70, mas o inverso pode acontecer. Ele considera a busca de sentido uma questão fundamental da história, não só da filosofia, pois se acreditarmos que a história caminha na direção de algo que valha a pena, tudo o mais é tolice. A Bíblia, o livro inspirado, revela o sentido da vida, a criação com um propósito, o mal moral permitido na queda, a redenção realizada por Yeshua e um glorioso fim. Com essa visão, saberemos o que fazer. Assim, a questão fundamental é como conhecer a Deus e sua vontade.

Stern explica que o judaísmo messiânico se encontra no ponto central da história porque deve cumprir sua missão de cooperar para resolver o maior conflito de todos os tempos. Através da história podemos entender a origem do conflito na terra, e com a teologia, como as coisas são nos céus. De acordo com o autor, para a maioria dos teólogos cristãos existem duas abordagens para entender o papel da Igreja: a teologia da substituição (ou supersessionismo) ou teologia da aliança, que sugere que a igreja assumiu o lugar de Israel como povo de Deus; e a teologia dispensacional que defende que Israel recebeu promessas para a terra e a Igreja promessas para o céu. Para Stern, as duas são simplistas e podem chegar a ser

[48] Tomamos emprestada uma expressão de Todorov (1999, p. 17), em *O Homem Desenraizado*, “Não era um problema de vocabulário ou de sintaxe; mas, ao mudar de língua, vi-me mudar de destinatário imaginário”.

antissemitas. A partir dessa análise, o autor propõe uma alternativa: a teologia da oliveira.

Com base na alegoria de Paulo em Romanos 11:16-26[49], a Igreja seria o ramo enxertado na oliveira que é Israel. A severidade de Deus para com aqueles que não confiaram nele fez com que alguns galhos da oliveira fossem quebrados para que outros, pela sua bondade, fossem enxertados. Desta forma, a Igreja, é o galho enxertado através da fé no Messias reunido no sangue de Cristo e assim a Igreja foi incluída na comunidade de Israel e não pode se vangloriar como se fosse algo conquistado por mérito próprio ou demérito de Israel. A raiz da oliveira são os patriarcas Abraão, Isaac e Jacó. Os que foram quebrados podem ser reenxertados a qualquer momento.

Para Stern (2001), houve um tempo em que os judeus messiânicos chegavam a dezenas de milhares, mas as viagens missionárias de Paulo e outros acabaram atraindo os gentios, que se transformaram em grande maioria. Na época em que foi escrita a carta aos Romanos, a maioria dos judeus rejeitava Yeshua como Messias e Paulo se referia a eles como ramos quebrados. Com o crescimento do número de gentios, a intolerância aos judeus que mantinham suas práticas e características judaicas foi aumentando.

Segundo o autor, por ocasião da invasão de Tito à Jerusalém, 70 d.C., lembrando-se do aviso de Yeshua, os messiânicos fugiram para a cidade de Pella, e assim escaparam da destruição do templo e do massacre que se seguiu. Os zelotas que lideraram a rebelião consideraram os seguidores de Yeshua como traidores. Na segunda revolta, 132-135 d.C., os messiânicos aderiram à resistência, mas quando o rabino Akiva declarou que o líder militar judeu Bar-Kochva era o Messias, eles não puderam continuar no movimento, o que foi considerado uma nova traição e mais um motivo de rejeição.

[49] “E se as primícias são santas a massa também será; e se a raiz é santa, os ramos também o serão. E se alguns dos ramos foram cortados, e tu, oliveira silvestre, foste enxertada entre eles, para te beneficiares com eles da seiva da oliveira, não te vanglories contra os ramos; e se te vanglorias, saibas que não és tu que sustentas a raiz, mas a raiz sustenta a ti. Porém, dirás: Foram cortados os ramos para que eu fosse enxertada. Muito bem! Eles foram cortados pela incredulidade e tu estás firme pela fé; não te ensoberbeças, mas teme, porque se Deus não poupou os ramos naturais, nem a ti poupará. Vê então a bondade e a severidade de Deus: a severidade para com os que caíram, e a bondade de Deus para contigo, se perseverares na bondade; do contrário também tu serás cortada. E eles, se não permanecerem na incredulidade, serão enxertados, pois Deus é capaz de os enxertar novamente. Com efeito, se tu foste cortado da oliveira silvestre por natureza e, contra a natureza, foste enxertado na oliveira cultivada, com maior razão os ramos naturais serão enxertados na oliveira a que pertencem.” (Romanos 11:16-26).

Nas sinagogas, por volta de 90 d.C., se acrescentou à liturgia o *Ha-Minin*[50]*,* e no século IV, os cristãos estabeleceram a profissão de fé da Igreja de Constantinopla[51], onde um judeu convertido renunciava a todas as práticas, ritos e costumes judaicos.

A Igreja não é o Novo Israel, faz questão de frisar Stern. Ele crê que os judeus não salvos são os ramos naturais cortados. Os salvos são os ramos naturais ligados à árvore, que com os ramos silvestres enxertados participam de um único Israel. Um dia, a maior parte de Israel se salvará e o reaparecimento da comunidade messiânica é sinal disso. A salvação significa o reconhecimento de Yeshua como Messias. Consequentemente, a história judaica também é dos messiânicos, porque eles são judeus, e dos cristãos. Por isso, devemos estar identificados com uma e com outra história.

Para Stern, o judaísmo preservou melhor do que o cristianismo alguns elementos da verdade, como:

> [...] o sistema de *halakhah* no judaísmo produziu melhor aplicação da verdade bíblica a muitas situações éticas decisórias específicas do que os costumeiros arranjos cristãos, que tendem a ser mais *ad hoc* e, portanto, menos adequadamente destinados a preservar a sabedoria. Ademais, fenômenos como a santificação do tempo em festivais e no *Shabat*, e a introdução da santidade na vida diária através de repetidas atividades, tais como o *tefillin*, a recitação das preces numa sinagoga e até a *mezuzah*[52] na porta, expressam de maneiras práticas a imanência de Deus. Assim, a moderna história judaica, e o judaísmo que ela produziu, nos ajudam a nós, judeus messiânicos, a compreender a nossa fé. Mas também seria na verdade uma boa razão também para os cristãos gentios envolverem-se com o judaísmo [...]. (STERN, 2001, p. 55).

O autor afirma que os fatos são indiscutíveis: durante muito tempo todos os seguidores de Yeshua foram judeus e o dilema era se um gentio poderia segui-lo sem se converter totalmente ao judaísmo. Com o tempo, a questão se inverteu e as estruturas religiosas se cristalizaram. A expiação vicária do Messias está enraizada

---

[50] *Ha-Minin*: Para Stern (2001, p. 49), era uma "[...] benção para a proteção contra os sectários, conforme eram em geral designados os crentes judeus […]". Porém, não se conhece ao certo a formulação original da oração, pois sua versão oscilou durante a história, tão pouco há unanimidade sobre a quem era destinada a oração.

[51] Não tivemos acesso a tal profissão de fé, mas podemos observar no Sínodo de Roma 382d a Profissão de fé ao Bispo Paulino de Antioquia que faz a distinção entre a fé ortodoxa e as crenças dos hereges, pagãos e judeus. (vide Anexo B).

[52] *Mezuzah*: Rolo de pergaminho feito por um escriba contendo o texto manuscrito dos dois primeiros parágrafos do Shemá, e posto em um estojo fixado no batente direito das portas da casa (UNTERMAN, 1992, p. 174).

no sistema sacrificial judaico, a ceia tem sua origem na páscoa judaica e, na verdade, o Novo Testamento não pode ser compreendido se isolado do judaísmo.

Como consequência dos desvios históricos, Stern classifica as posturas judaicas para com Yeshua e o Novo Testamento em cinco atitudes, a saber: (1) Yeshua é um impostor que desviou o povo judeu do caminho, o NT e o cristianismo são vistos como maus; (2) Yeshua é bom, um dos maiores mestres que já existiu, um bom judeu, embora não o messias, contudo, Paulo é mau, verdadeiro vilão da história por ensinar que a *Torah* deveria ser abolida e ter introduzido ideias idolatras; (3) Yeshua é bom, Paulo é bom e o NT é boa literatura, mas o paganismo e a politica antissemita dominaram a igreja; (4) Yeshua era bom, Paulo era bom, o NT é bom, mas não é para nós; (5) atitude que é a do próprio autor, Yeshua é bom, Paulo e o NT também e "[...] eu acredito nele" (STERN, 2001, p. 59).

Sem medo de ser direto, Stern diz que os judeus que acreditam em Yeshua tendem a ser neuróticos em relação à igreja, oscilando entre os dois extremos: ou mergulham nela e esquecem o judaísmo ou se desligam totalmente do que ela é e fez. O primeiro tipo de neurose seria o antijudaísmo, o caso de judeus que se converteram ao cristianismo e negaram totalmente, e até perseguiram o judaísmo; o segundo tipo seria o anticristianismo, são os que discordam totalmente da doutrina cristã, sobretudo no que se refere à trindade, e preservam também uma mágoa contra o antissemitismo[53] e desenvolvem mesmo um antigentilismo; em último lugar, estão os sem neurose, os que querem romper as barreiras de ambos os lados.

E quanto aos cristãos gentios, a maioria ignora a existência e importância dos judeus messiânicos, alguns são contra e outros a favor.

Para Stern, a verdadeira conversão significaria chegar à fé autêntica em Yeshua, mas admite que a ideia mais popular de conversão implica em uma mudança de comunidade, e para ele esse conceito não se aplica aos messiânicos, um judeu que chega à fé em Yeshua e continua a ser um judeu. O termo evangelização deveria significar apenas divulgação do evangelho, deveria ser feito

[53] "Depois que o termo 'antissemitismo' foi cunhado e ganhou uso generalizado no final do século XIX, reconheceu-se que o fenômeno que o novo termo tentava captar tinha um longo passado, entrando fundo pela Antiguidade; admitiu-se uma continuidade quase ininterrupta de evidência histórica do ressentimento e discriminação contra os judeus por mais de dois milênios. Quase consensualmente, os historiadores remontam os primórdios do antissemitismo à destruição do segundo templo (70 d.C.) e ao começo da diáspora em massa, embora se tenha feito pesquisa muito interessante de opiniões e práticas, digamos, protoantissemíticas que chegam ao exílio babilônico." (BAUMAN, 1998, p. 54).

com métodos honestos que levassem em consideração a livre escolha de cada um, mas acaba implicando uma competição religiosa. Na opinião do autor, a postura ideal é a de reconciliação, que deve ser fundamentada na verdade e não na tolerância, que deve levar mudança tanto ao judaísmo como ao cristianismo.

Mas afinal, existem messiânicos cristãos? Não. Para David Stern este é um erro conceitual e no final do capítulo III do seu Manifesto, afirma:

> Escute, já afirmei que sou 100% judeu e 100% messiânico. 'Messiânico' significa que acredito em Yeshua. Segui a *Torah* até o ponto que ela conduz, e ela conduz ao Messias, de modo que sou agora um judeu que sabe quem é o Messias.
>
> Se quiser me chamar de cristão, tudo bem, porquanto você e eu compreendemos que não abandonei o povo judaico, ou a religião judaica ao acreditar em Yeshua. Mas eles não compreendem. Julgam que mudei de religião (STERN, 2001, p. 74/73).

Nos capítulos IV e V, Stern desenvolve uma teologia sistemática, uma estrutura de pensamento para fazer justiça tanto aos elementos messiânicos como aos elementos judaicos. Ele procura desenvolver uma teologia voltada para quatro públicos e alguns subgrupos: judeus messiânicos, judeus não messiânicos, cristãos e demais pessoas.

Como mencionado, a teologia dos gentios cristãos parte das epístolas paulinas e recua encontrando justificação no Antigo Testamento, enquanto que a teologia do judaísmo messiânico deveria começar com a *Torah* e adiantar-se para as novas descobertas da *Torah* que não existiriam sem o Novo Testamento. Em princípio, uma vez que ambos usam os mesmos textos e a verdade é uma só, os resultados deveriam ser os mesmos; mas espera-se que a metodologia seja diferente. Moishe Rosen, fundador e ex-diretor executivo do Movimento Jews for Jesus, expressou assim: "precisamos de uma teologia bíblica que não se apoie nas proposições do Novo Testamento, mas chegue às conclusões do Novo Testamento" (apud STERN, 2001, p. 83).

A primeira leitura desse parágrafo pode nos dar a impressão de que essa inversão é uma estratégia para melhor convencer os judeus não messiânicos da judaicidade do Messias, uma vez que o Novo Testamento não encontra nenhuma legitimidade para os judeus tradicionais e, portanto, não teria efeito de convencimento.

Porém, *a posteriori*, entendemos que esse parágrafo demonstra o que temos chamado de perspectiva distinta entre a teologia cristã e a teologia messiânica. Stern preconiza essa diferença, não sabemos se completamente consciente do que ela pode significar, especialmente do ponto de vista da dogmática cristã, mas é uma perspectiva distinta e a partir dela o autor constrói uma teologia.

Mesmo que ele não perceba o quanto essa postura o afasta da dogmática cristã, tem consciência do quanto lhe aproxima da estrutura de pensamento da teologia judaica em seus tópicos principais: Deus, Israel e a *Torah*. Também abre a possibilidade de interação com material judaico tradicional, como o *Talmud, Midrashim* e outros livros de apologética anticristã.

Segundo o autor, o judaísmo foi ao longo da história desenvolvendo uma teologia defensiva e ofensiva em relação à teologia cristã. O judaísmo teve que ponderar questões que não seriam levantadas caso o cristianismo não existisse. Por exemplo, questões da doutrina cristã como a encarnação e a trindade são descritas no pensamento judeu como *shittuf*[54] e levam ao entendimento de que o cristianismo está ensinando uma idolatria porque Yeshua participa da divindade. Mesmo assim, há pensadores judeus que consideram que isso não impede de considerar o cristianismo uma religião monoteísta, não idolatra. O batismo de um judeu também pode ser interpretado como uma mudança de comunidade, mesmo que a *Halach* diga que um mau judeu continua a ser um judeu e que não existe ato pelo qual ele possa se desjudaizar. Por outro lado, o cristianismo também, em grande parte, não entende o judaísmo e isso gerou interpretações errôneas. Dessa forma, parte do Manifesto se dedica à correção de impressões errôneas sobre as ideias e práticas judaicas.

Assim sendo, ao longo do terceiro capítulo, Stern discorre sobre os principais aspectos da teologia judaico-messiânica e inicia talvez pelo assunto mais controverso: a questão da natureza e divindade de Yeshua. Ele diz que concepções errôneas precisam ser resolvidas de ambos os lados. O judaísmo se opõe à ideia de encarnação e insiste na unidade absoluta de Deus, mas nem sempre foi tão monolítico. Para Stern, Yeshua não se tornou Deus. Antes, o Deus eterno, sem comprometer a sua divindade, assumiu um corpo e se tornou homem.

[54] *Shittuf:* participação ou associação.

Os cristãos não acreditam em três deuses, o próprio Yeshua citou o *shemá*[55]. Essa declaração de Stern pode ser acusada de sabelianismo[56], patripassionismo[57] ou monarquismo modalista, uma grande preocupação. Tal tendência foi condenada como heresia, mas, para Tillich (2007), a ideia reaparece, por exemplo, nas ênfases monoteístas de Agostinho.

Em sua obra: *Comentário Judaico do Novo Testamento*, Stern, ao comentar o versículo 14 do primeiro capítulo da epístola de João, diz o seguinte:

> Em vez de rejeitar a encarnação porque ela contradiz seus conceitos sobre Deus, uma pessoa com mente aberta tentará descobrir o que tal conceito significa no Novo Testamento. Seus escritores estão tentando descrever um mistério que Deus revelou em medida considerável, mas não totalmente, pois 'agora conheço em parte, mas então conhecerei plenamente, da mesma forma que Deus me conhece de forma completo' (I Co 13:12). (STERN, 2008, p. 177).

Ele critica os cristãos por muitas vezes darem ênfase exclusiva a Yeshua ou tratarem os nomes das três pessoas da trindade de forma intercambiável, dando origem a um triteísmo[58] prático, ignorante da judaicidade do evangelho e ofensivo aos judeus.

Não há consenso entre a comunidade judaico-messiânica acerca da Trindade, ao visitarmos *sites* de diferentes congregações messiânicas e movimentos, foram encontradas diferentes interpretações. No *site* do *Movimento Jews for Jesus*[59] encontramos a seguinte declaração:

> Nós acreditamos em um Deus soberano, que existe em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo, perfeito em santidade, infinito em sabedoria, ilimitado em poder e imensuráveis no amor; que Deus é a fonte de toda a criação e que, através do exercício imediato do seu poder todas as coisas vieram a existir.
>
> Nós acreditamos que Deus Pai é o autor da salvação eterna, tendo amado o mundo e deu Seu Filho para a sua redenção.

[55] *Shemá*: do hebraico, significa escuta. Os três parágrafos da Bíblia (Deut. 6:4-9,11:13-21; Núm. 15:37-41) que são recitados nas orações de Shacharit e Maariv, toda manhã e toda tarde (UNTERMAN, 1992, p. 258).
[56] Sabélio foi o líder do monarquismo modalista que defendia que Pai, Filho e Espírito Santo são três nomes para a mesma realidade. "Deus agenda na história por meio de três semblantes" (TILLICH, 2007, p. 83).
[57] Patripassionismo: é uma espécie de modalismo, sabelianismo ou unicismo, heresia que nega a existência de três pessoas na divindade.
[58] Triteísmo: divide a substância de Deus em três seres separados.
[59] Movimento Jews for Jesus: https://jewsforjesus.org/about/statement-of-faith/,

> Nós acreditamos que Jesus, o Messias era eternamente pré-existente e é co-igual com Deus, o Pai; que Ele tomou sobre Si a natureza do homem através do nascimento virginal de modo que Ele possui duas naturezas divina e humana. (JEWS FOR JESUS, [2017], *on-line*, tradução nossa).

No *site* da Sinagoga Messiânica El Shamah[60] há a seguinte declaração:

> Quem é Yeshua? Vamos responder primeiro dizendo quem ele não é. Ele não é um deus, nem uma manifestação de YD'us, nem é parte de uma trindade. Ele não anulou a lei e não fundou nenhuma igreja. Ieshua não é o nome de JC em hebraico como alguns afirmam. Ieshua é uma pessoa e o JC romano é um mito criado pelo sistema religioso romano. Então, Ieshua não é o JC romano. (SINAGOGA MESSIÂNICA EL SHAMAH, 2005, *on-line*).

Neste primeiro momento, Stern não explicita inteiramente a sua posição sobre a Trindade e natureza de Yeshua, mas adiante ele nos dá mais elementos para esclarecer sua posição.

O próximo tema a ser abordado é o pecado. O ponto comum entre cristianismo e judaísmo é que o homem foi criado à imagem de Deus, no entanto, para os cristãos, o pecado danificou essa imagem, enquanto que para o judaísmo não há essa ideia. Para um judeu, o conceito cristão pode ser considerado injusto, pois um pecou e todos foram castigados.

O homem é pecador porque peca ou ele peca porque é pecador? Os judeus afirmam o primeiro, os cristãos, o último. Mas a resposta é importante em termos práticos? Não importa o que seja certo. Permanece o fato de que as pessoas violam a vontade de Deus, conforme nos lembra o *Tanach*, não há ninguém que faça (somente) o bem e não peque[61] (STERN, 2001, p. 87).

Por um lado, o autor considera que a teologia judaica sobre o pecado pode parecer defensiva, mas, por outro lado, considera que a teoria cristã parece ter uma agenda oculta, ou a intenção de apenas gravar na mente das pessoas a sensação de que Deus leva muito a sério a ideia do pecado. Ele levanta o argumento de que a versão cristã sobre o pecado nem sempre foi uma unanimidade e que seria interessante que os judeus soubessem dessa discussão.

Notamos que Stern não se vê na obrigação de fechar posição com a teologia protestante, ainda mais em um argumento de importância vital para a tradição reformada, o que contraria o argumento de que o movimento judeu-messiânico nada mais é do que uma filial protestante.

---

[60] Sinagoga Messiânica El Shamah: http://www.beitelshamah.com.br/p/quem-e-yeshua.html.
[61] O autor faz referência a Eclesiastes 7:20.

Vejamos a posição judaica de Abraham J. Heschel (1975, p. 458-459):

> A alma que recebemos é pura, mas dentro dela reside uma força para o mal, um deus ‘estranho’, ‘que procura constantemente levantar suas mãos contra o homem e matá-lo; e se Deus não o ajuda, ele não lhe resistirá, como foi dito, o mau espreita o justo e busca destrui-lo.
>
> A vida é vivida num campo de batalha espiritual. O homem deve lutar constantemente contra a ‘tendência para o mal.

No judaísmo expressado por Heschel, o pecado não é um estado de ser, não há uma natureza pecaminosa. Ao contrário, o homem pode e deve lutar e, com a ajuda de Deus, resistir ao mau. Portanto, se está falando de atos pecaminosos, mas de uma alma pura.

E como Stern desenvolve a sua posição? Como um bom mediador, ele diz que os cristãos devem compreender melhor o sistema sacrificial do *Tanach*. Para eles o essencial é se arrepender. No judaísmo é essencial fazer o máximo para corrigir o erro, um conceito que os cristãos deveriam entender. Por outro lado, os judeus precisam compreender que é preciso mais do que:

> [...] ‘oração, arrependimento e caridade’ para ‘evitar o decreto do mal’, donde a necessidade de um sacrifício, uma morte. [e]
>
> [...] a prática do Kapparot (sacrificar uma galinha) no Yom Kippur, em alguns círculos de judeus ortodoxos testemunha uma consciência reminiscente da importância do sacrifício, mas este costume não é sequer conhecido da maioria dos judeus. (STERN, 2001, p. 88).

Ele reconhece que para a maioria dos judeus pode parecer abominável o sacrifício de Yeshua, pois Deus abomina o sacrifício humano. Porém, nenhum outro sacrifício humano seria eficaz, ninguém mais era:

> [...] isento de pecado, sem mácula, conforme exigido dos sacrifícios. [...]; a abominação divina pelo sacrifício humano demonstra com maior força o quanto ele nos amava: sacrificou, apesar disso, o seu filho. Assim o sacrifício de Deus foi real. (STERN, 2001, p. 89).

Chamamos a atenção ao fato de que além da exposição sobre o que seria o pecado na posição judaico-messiânica, Stern deixa transparecer aqui um pouco mais de sua posição sobre a divindade de Yeshua.

Continuando, ele questiona se o sistema sacrificial levítico foi abolido pela Nova Aliança e conclui que não o foi:

> [...] uma leitura cuidadosa demonstra que só foi cancelada a oferta do pecado, substituída pelo próprio Yeshua. Parece que quando o Templo for reconstruído (os profetizadores têm opiniões variadas a respeito), os demais sacrifícios (oferenda contínua, oferenda de agradecimento, oferenda de cereais etc.) continuariam. (STERN, 2001, p. 89).

Para Stern, é importante salientar que a ideia de reparação vicária e mediação entre Deus e o homem são totalmente judaicas, e não de origem cristã como pode parecer. A Carta aos Judeus Messiânicos[62] fala da relação entre "[...] os sacrifícios de animais e o sacerdócio levítico da *Torah* com o autosacrifício definitivo, vencedor da morte, de Yeshua, e consequentemente, sumo-sacerdócio eterno" (STERN, 2001, p. 89).

O autor também lembra que o judaísmo enfatiza o dever moral, que é uma exigência de Deus ao homem que tem livre arbítrio para ser santo. O cristianismo é conhecido no meio judaico por enfatizar a incapacidade humana para a santidade, mas na verdade, "[...] o fiel pode fazer todas as coisas através do Messias, que o fortalece" (STERN, 2001, p. 89)[63].

O judaísmo se considera voltado para obras, dessa forma também é necessário esclarecer a relação entre obras e fé. "A fé deve ser compreendida no sentido judaico como *emunah,* 'fidelidade confiante', boas obras devem ser entendidas como se originando dessa fidelidade confiante" (STERN, 2001, p. 90). E as obras realizadas fora desse espírito não serão creditadas para a pessoa como justiça, mas, para Stern, nenhuma quantidade de boas obras é suficiente para conquistar o aplauso de Deus. Quando um rabino diz: faça uma boa obra mesmo que não tenha inclinação e a fé virá depois, é o mesmo espírito de um cristão quando diz: não se apoie nos seus sentimentos, siga a palavra de Deus.

Stern aborda o que para ele é um dos principais pontos da teologia: as alianças, que são os contratos entre Deus e o homem. As cinco alianças em vigor hoje são as estabelecidas com Noé, Abraão, Moisés, Davi e Yeshua e envolvem judeus, gentios e judeus messiânicos.

Na tradição judaica, as Leis de Noé são a base sobre a qual os gentios podem ser salvos, embora, diz Stern, o Novo Testamento afirme que a salvação para judeus e gentios ocorre igualmente através de Yeshua.

---

[62] Carta aos Judeus Messiânicos: assim é chamada a carta aos Hebreus no Novo Testamento Judaico, de David Stern (STERN, 2007).

[63] O autor faz referência a Filipenses 4:13.

A aliança de Deus com Abraão gerou o povo judeu, trata-se de uma aliança incondicional a partir da qual o povo judeu será uma benção para toda a humanidade.

Stern (2001, p. 92) explica que a aliança de Deus com Moisés trouxe ao povo judeu exortação, direção e maior consciência do pecado e da necessidade de arrependimento, aceitando os desígnios de Deus, "[...] a princípio, os sacrifícios animais, e na plenitude dos tempos, o sacrifício de Yeshua – para sanar o afastamento de Deus causado pelo pecado". A *Torah* apresentada nessa aliança está em vigor e nunca será abolida. Mesmo que os homens sejam infiéis e o povo judeu tenha rompido a aliança, Deus é fiel a ela. "Quando o povo judaico se tornar fiel obediente e deixar de romper a aliança, Deus cumprirá a sua promessa de abençoá-la como nação".

E sobre as duas últimas alianças Stern (2001, p. 92) diz:

> A aliança de Deus com Davi (2 Samuel 7) estabeleceu para sempre o trono do seu reino, por essa razão o Messias esperado era e é chamado de Filho de Davi. [...] Yeshua, descendente de Davi, subirá ao trono segundo a vontade do Pai [...].
>
> A Nova Aliança de Deus com a casa de Israel e a casa de Judá através do Messias, Yeshua, abençoa toda a humanidade, proporcionando a reparação definitiva e permanente do pecado e prometendo que o Espírito Santo de Deus grave a *Torah* no coração de todos os que têm fé. Complementa assim as alianças no Tanach e os livros do Novo testamento a elaboram.

Mesmo dizendo que a *Torah* está em vigor e nunca será abolida, Stern também diz que ela não levou nada à sua meta.

O autor considera que a carta aos Hebreus, chamada por ele de Carta aos Judeus Messiânicos, mostra a fraqueza e a ineficácia do Sistema Cohen[64], por outro lado, introduz algo melhor, uma esperança. Stern, se refere ao sacrifício do Messias, sacrifício cabal, do *cohen gadol* (sumo sacerdote). Portanto, há uma transformação na *Torah*, não uma abolição, ela continua em vigor. Porém, "'Dias virão', diz Adonai, em que firmarei... uma nova aliança... (Jeremias 31:30-34)" (STERN, 2001, p. 93).

Para ele, a antiga Aliança Mosaica desaparecerá quando Yeshua voltar, e agora ela está em processo de envelhecimento. Yeshua disse, "Passarão o céu e a terra antes que desapareça um Yod, um traço da *Torah* – não até que aconteça

[64] Sistema Cohen: sistema sacerdotal, *cohanim* é o plural de *cohen,* que significa sacerdote. Os *cohanim* são descendentes genealógicos dos sacerdotes judeus.

tudo o que deve acontecer" (Mateus 5:18) (STERN, 2001, p. 93). Uma interpretação bastante diferente da usual e que pode gerar um desconforto aos que guardam a *Torah*, caso seja mal compreendida. Stern diz isso no contexto do estudo da carta aos Hebreus (Carta aos Judeus Messiânicos), portanto, o que desaparecerá será a antiga aliança e não a *Torah*. Yeshua revela uma nova aliança. A *Torah* é a lei, a aliança é o pacto, essa diferença é fundamental para entender o que Stern quer dizer.

Assim sendo, o Messias, Yeshua, está em íntima identificação com o indivíduo através do batismo[65] e do Espírito Santo, mas também com Israel como povo e ele externou isso inúmeras vezes. Inclusive "[...] a controvérsia em torno de Isaias 53 e referir a Israel, ou ao Messias que ainda não havia nascido dissolve-se quando recordamos que o Messias de Israel personifica seu povo" (STERN, 2001, p. 97).

Existe uma importante controvérsia entre a versão judaica e a versão cristã desse capítulo de Isaias. Os cristãos interpretam a passagem como se referindo ao servo sofredor, o Messias, e a versão judaica se refere (em geral com observações entre parênteses ao longo da passagem) ao povo sofredor.

Stern (2001, p. 98) questiona a versão judaica porque, se assim fosse, a restauração seria um objetivo a ser cumprido pelo próprio povo e Israel teria que restaurar-se a si mesmo. O texto também se refere à luz das nações e Yeshua se referiu a si mesmo como a luz do mundo, assim, em sua interpretação: "[...] o povo judaico será a luz das nações quando tivermos em nós aquele que é a luz do mundo".

Na sequência, o autor discorre sobre uma série de passagens bíblicas, em que Yeshua fala não só aos indivíduos, mas também ao povo judeu e sobre como o futuro de Israel também é mencionado no Novo Testamento. O texto de Romanos, nos capítulos de 9 a 11, fala do povo judeu e dos gentios que creram em Yeshua, para Stern (2001, p. 99-100), fica claro que:

---

[65] "O indivíduo que confia em Yeshua une-se com ele e é 'imerso' (batizado) em tudo aquilo que Yeshua é inclusive morte e ressurreição – de modo que sua natureza pecaminosa é considerada morta e sua nova natureza, fortalecida pelo Espírito Santo, é considerada viva […]." (STERN, 2001, p. 96).

> [...] Deus manterá suas promessas feitas a Israel – à sua maneira e aos tempos – de modo que no final 'todo Israel', isto é, Israel como entidade nacional, 'será salvo' [...] O Novo testamento não cancela ou substitui o *Tanach*.

Há os que acreditam na teologia da substituição e pensam que aos judeus só sobraram as maldições da antiga aliança, uma vez que rejeitaram Jesus, mas essa é uma compreensão errônea[66], e encerrando o tópico, Stern (2001, p. 102/106) conclui:

> Em suma, as promessas da Bíblia hebraica para os judeus não estão canceladas em nome de terem sido 'cumpridas por Yeshua'. Antes, a realização de Yeshua é garantia adicional de que aquilo que Deus prometeu aos judeus ainda se realizará. 'Pois os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis'
>
> [...] as promessas de Deus para a nação judaica são um elemento-chave da religião bíblica.

Stern considera a *Torah* um assunto central dentro de uma teologia e a ela dedica um capítulo inteiro. Vamos aqui resumir os principais pontos desse intricado capítulo atendo-nos à posição messiânica. O autor acredita que é necessária uma teologia correta, clara e relativamente completa sobre a *Torah*, tendo em vista que a falta dela é um obstáculo para os cristãos compreenderem sua fé e também uma barreira para os judeus aceitarem o Evangelho. Desta forma, ele discorre sobre as várias vertentes do judaísmo e do cristianismo e suas distintas formas de definir o que é a *Torah* e se relacionar com ela. Ele tenta recuperar historicamente conceitos perdidos, deturpados e polêmicos.

Para ele o cristianismo perdeu o rumo na sua maneira de tratar o assunto e tem uma visão muito simplista do significado da lei, "[...] a *Torah* é um grande território inexplorado, a *terra incógnita* da teologia cristã" (STERN, 2001, p. 116). Talvez porque parte da cristandade tenha entendido mal a Sha'ul e tenha concluído que a *Torah* já não está mais em vigor. No entanto, também na teologia judaica, o assunto parece não ocupar o centro das atenções. Stern diz isso com base numa pesquisa feita por ele a partir da análise de alguns tratados de teologia judaicos e cristãos, na melhor das hipóteses, apenas 22% do tratado se referia à *Torah*. Contudo, alguns cristãos podem justificar tal desinteresse com o argumento de que

[66] Para Silva (2010, p. 66), essa interpretação tem um caráter de espoliação da assimilação da herança judaica por parte dos cristãos: "A Igreja é celebrada como o Verus Israel, a verdadeira comunidade dos eleitos, sendo os judeus simplesmente excluídos da Aliança em virtude da sua 'obstinação' e 'recalcitrância', repetidamente pela patrística [...] desde pelo menos Justino de Roma".

o Messias pôs fim à lei. Muitos teólogos interpretam Romanos 10:4: “Porque Cristo é o fim da Lei, para justificar todo aquele que crê”, traduzindo a palavra grega *Telos* como fim. Para eles, Yeshua teria acabado com a lei. Porém, Stern lembra que *Telos* também significa finalidade, no sentido de objetivo, propósito.

> O Messias não acabou e não acaba com a *Torah*. Pelo contrário, atenção ao Messias e fé nele são a finalidade e propósito para os quais se orienta a *Torah* com fé genuína, em oposição à sua observância apenas por legalismo. Assim, o que Sha’ul mostra não é o fim da *Torah*, conforme se pode verificar do contexto de Romanos 9:30;10,11. (STERN, 2001, p. 117)

Outra questão bastante controversa, inclusive entre os cristãos, e que dá margem para diferentes interpretações, é o uso que Sha’ul faz das expressões *upo nomon*, em geral usada no sentido de *sob a lei*, e *erga nomou*, usada como *obras da lei, em geral*, ambas vistas com maus olhos por cristãos. Para Stern, Sha’ul usou estas expressões no sentido de observância e sujeição no entendimento legalista. No tempo de Sha’ul, a língua grega não possuía uma palavra que significasse legalismo. Portanto, analisando outros usos de expressões semelhantes em Sha’ul, Stern conclui que ele condenava a relação legalista e opressiva com a *Torah* e propunha uma observância alegre e justa que provenha da fé, mas isso não significa de forma alguma que Sha’ul tenha pregado o fim da observância da lei.

Vale mencionar que Stern não está sozinho em relação a essa interpretação, N.T.Wright, teólogo cristão, autor de *Paulo Novas Perspectivas*, assim pensa:

> *Télos gar nómou Christós* em Romanos 10,4[67] (‘O Messias é... o fim? A meta? Da lei’) se relaciona diretamente tanto com 9,5 como com toda a narrativa, da qual é o ápice, ‘ápice’ nesta frase é a tradução perfeita da palavra grega *télos.* (WRIGHT, 2009, p. 65)

Quando estava fazendo o trabalho de tradução para o Novo Testamento Judaico, com base na Carta aos Judeus Messiânicos (Hebreus 8:6), Stern chegou à conclusão de que a Nova Aliança (Novo Testamento) foi entregue como *Torah,* o que implica que a *Torah* ainda existe e deve ser respeitada.

Interessante comparar a tradução de Stern a uma tradução típica[68]: “Mas assim, Cristo obteve um ministério que é tanto mais excelente quanto ele é mediador de uma aliança mais perfeita, selada por melhores promessas” (Hebreus 8:6). Na versão de Stern (2007, p. 233): “Mas agora a obra que Yeshua recebeu o encargo de realizar é muito superior à deles, assim como é melhor a aliança da qual

[67] “Porque a finalidade da Lei é Cristo para a justificação de todo o que crê.” (Romanos 10:4).
[68] Stern não especifica qual versão está usando.

é mediador. Pois esta aliança é entregue como *Torah,* na base de melhores promessas" (Novo Testamento Judaico, carta aos Judeus Messiânicos 8:6).

> O que exige a *Torah*, agora que Yeshua, o Messias, inaugurou a Nova Aliança? O que é a *halakhah* da Nova Aliança? [...] Pois existe no judaísmo uma tradição que diz que, quando o Messias chegar, ele explicará os pontos difíceis da *Torah*. Outra tradição diz que ele modificará a *Torah*. [...] Devem os judeus messiânicos observar a *Torah*? [...]. Devem todos os judeus e todos os gentios observarem a *Torah*? (STERN, 2001, p. 123/131).

Para Stern, os judeus messiânicos devem levar essa questão muito a sério, mesmo que os diferentes grupos do movimento não cheguem necessariamente a uma uniformidade. Para um judeu-ortodoxo a importância desta questão é obvia, já para os judeus conservadores e reformistas ela não é tão crucial, para os cristãos que valorizam a fé, e não as obras, essa questão é indiferente.

A posição do autor é muito clara: a *Torah* é eterna, o Novo Testamento não a anulou e ela deve ser compreendida e interpretada na sua totalidade à luz daquilo que Yeshua, o Messias, e o resto das Escrituras do Novo Testamento dizem. Quando nos referimos à *Torah*, segundo Stern, podemos ter em mente um dos seguintes significados: 1) estamos nos referindo aos cinco livros de Moises (Pentateuco); 2) ao *Tanach*; 3) ao *Tanach,* a *Torah* oral, que inclui o *Talmud* e os escritos posteriores; ou 4) ao *Tanach, Talmud*, aos escritos posteriores e aos ensinamentos religiosos dos rabinos, inclusive material ético e agádico. Cada uma das vertentes do judaísmo se relaciona com esses escritos de forma e intensidade variadas: desde a ortodoxia[69], que considera o significado mais completo, até os saduceus e karaitas, que rejeitaram a tradição oral dos fariseus, passando pelos judeus reformados que, em geral, reconhecem somente os mandamentos éticos como lei obrigatória.

Stern acredita que os messiânicos devem interagir com a *Torah* e suas especificidades em um nível intelectual sério, assim como o judaísmo religioso a compreende, caso contrário, eles estarão falhando no objetivo de levar o evangelho ao povo judeu e estarão vivendo um "outro Evangelho" (STERN, 2001, p. 132). Ele resgata a lógica interpretativa do judaísmo tradicional e a aplica ao Novo Testamento, um caminho bastante interessante que não representa uma unanimidade entre os judeus messiânicos e é diverso da lógica cristã. No entanto,

[69] O que os ortodoxos consideram como legalmente obrigatório pode ser encontrado no *Shulchan Arukh,* escrito no século XVI (STERN, 2001, p. 125).

isso corrobora nossa hipótese em relação ao judaísmo messiânico defendido por Stern e à perspectiva cristã. Ele chega à veracidade do Novo Testamento a partir da *Torah* e só então faz o caminho inverso, olhar a *Torah* à luz da Nova Aliança, não para negá-la ou invalidá-la, mas para aprofundar e alargar seu sentido, uma vez que o Messias revela novas camadas da *Torah*, traz explicações.

Vejamos alguns fragmentos de Stern:

> O judaísmo tradicional baseia-se no Antigo Testamento e também na Lei Oral. No âmbito do judaísmo supõe-se que a Lei Oral, que corresponde mais ou menos ao que o Novo Testamento denomina 'a tradição dos antigos'[70], foi entregue a Moisés no Sinai, juntamente com a lei Escrita. A Lei Escrita foi integrada, naturalmente, na Bíblia Hebraica, mas a Lei Oral só foi colocada por escrito quando os compiladores da *Mishna* começaram o seu trabalho no segundo século da era Cristã.
>
> É errônea a ideia cristã generalizada de que o judaísmo 'degenerou' porque a tradição humana foi acrescentada à Lei de Deus. Os cinco livros de Moisés têm sido com justiça chamados de constituição judaica, mas uma nação precisa de mais do que uma constituição. Nunca poderia ter havido um tempo em que algum tipo de tradição deixasse de ser adjunto necessário à *Torah* escrita, pois simplesmente, esta não contém todas as leis e costumes necessários para reger uma nação. (STERN, 2001, p. 132-133)

Para Stern, há evidências em Deuteronômio 12:21 que existiam instruções que não estavam na *Torah,* pois o texto diz que o povo de Israel podia abater animais 'conforme eu vos ordenei', mas não se encontram mandamentos referentes à maneira de sacrificá-los em parte alguma da *Torah* escrita. "Algo de externo está implícito – legislação, tradição, uma *Torah* oral" (STERN, 2001, p. 133).

É importante notar que Stern está discordando do posicionamento cristão sobre a aceitação da lei oral, e isto não parece ser apenas uma estratégia para atrair e convencer judeus como se poderia argumentar.

Com base em Deuteronômio 17:8-12, "[...] que diz que Israel deve obedecer ao sacerdote ou juiz 'que esteja de serviço naqueles dias'" (STERN, 2001, p. 133). Stern encontra fundamento para todo o sistema de leis criado pelos rabinos, que é considerado um derivado daquele recebido por Moises no Sinai. Ele cita Saul Kaatz.

> Toda interpretação da *Torah* feita por autoridade universalmente reconhecida é considerada divina e transmitida no Sinai, no sentido de que é aceita como interpretação original divinamente desejada (*gottgewollte*) do texto; pois o Deus onisciente e sábio inclui em sua *Torah* revelada todas as nuances de sentido que a interpretação divinamente inspirada descobriu daí em diante... Portanto, toda interpretação é chamada *derash*, 'busca' daquilo

[70] Mateus 15:2; Marcos 7:3.

> que Deus ali colocou originalmente... Toda interpretação do Talmud feita pelos eruditos foi recebida por Moisés no Monte Sinai, pois havia recebido a *Torah* e a interpretação estava nela contida, não mecânica, mas organicamente, como fruto da árvore estava contido na semente da qual a árvore se desenvolveu...'. (STERN, 2001, p. 133-134).

O autor está seguro de que essa lógica é seguida por Yeshua quando em Mateus 18:18-20, "[...] tudo o que ligardes na terra será ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu"[71]. Deste modo, Jesus estaria autorizando líderes a reger a vida comunal e a fazer *Halach*. Ele resume: o judaísmo tradicional alega que os rabinos determinam a *Halach*, nessa lógica, o Novo Testamento transferiria a autoridade para os discípulos de Yeshua e para os líderes fiéis daí para frente. A partir disso, a Igreja católica estabeleceu a autoridade Papal, no entanto, a Igreja protestante destituiu estes versículos de significado. Não há consenso sobre quem pode de fato estabelecer *Halach* nem mesmo entre os judeus. Os messiânicos mantêm distância desse tema para evitar um conflito ainda maior, mas Stern acredita que quando eles começarem a lidar com a *Torah* à maneira judaica, emitirão decisões baseadas na autoridade concedida por Yeshua e a proclamação do Evangelho terá entrado numa nova era.

Stern considera que a Lei oral, quando foi fixada por escrito, perdeu a flexibilidade e a capacidade de adaptar-se às necessidades do seu tempo e esse é um dos problemas da ortodoxia: a rigidez excessiva. Por um lado, o judaísmo conservador procura fazer uma certa modernização e, por outro lado, os cristãos flutuam platonicamente acima de regras específicas e valorizam uma ética inspiradora, mas às vezes, distante de realidades concretas. Assim, ele aconselha o equilíbrio entre a imposição férrea da lei e a omissão descuidada. Os messiânicos deveriam observar a *Torah* do Messias, ou seja, aceitar a orientação do Novo Testamento para suas vidas e permanecer sensíveis ao Espírito Santo para as situações que vão se apresentando. *A Torah* oral pode ser respeitada exceto em pontos conflitantes com a Nova Aliança.

Com relação aos gentios, Stern acredita que devam obedecer às leis de Noé. No concílio de Jerusalém[72], uma espécie de *sanhedrin*[73] messiânico, ficou decidido que um gentio para se tornar membro da comunidade messiânica não precisaria se converter ao judaísmo, bastaria: "abster-se de objetos poluídos por ídolos, da

[71] Os termos *unir* e *separar* eram usados no primeiro século como proibir e *permitir.*
[72] Conforme relatado no livro de Atos dos Apóstolos.
[73] Sinédrio: grupo de juízes da lei judaica.

fornicação, daquilo que é estrangulado e de sangue" (STERN, 2001, p. 139). Condições muito semelhantes ao que se encontra nas Leis de Noé. Desta forma, ele conclui que certos elementos da *Torah*, mesmo do Novo Testamento, se aplicam de forma diversa a judeus e gentios.

"A *Torah* continua em vigor sob a Nova aliança" (STERN, 2001, p. 141). Então como se deve agir em determinadas situações? Mesmo admitindo que ninguém o investiu de autoridade para estabelecer regras, o autor passa a abordar aspectos práticos da vida esclarecendo passagens que geram certa polêmica.

O que é permitido fazer no *Shabat*? Em João 7:22-23 encontramos Yeshua defendendo a precedência de uma *mitzvah*[74] de cura sobre o mandamento de guardar o *shabat*. Segundo Stern, Yeshua fez uso de um mecanismo conhecido no *Talmud* e que foi usado para defender em alguns casos a realização de uma circuncisão mesmo no *shabat*, é o argumento *Kal v'homer* (leve e pesado), ou seja, o mesmo que *a fortiori* (força maior). Isso mostrava o domínio que ele tinha da tradição oral. Assim, esse é um princípio que um messiânico deve ter em mente e usar quando necessário.

E a *Kashrut*[75], deve ser seguida por um messiânico? A partir de Gálatas 2:11-14, Stern diz que um judeu-messiânico pode observar a *Kashrut*, as leis dietéticas judaicas nunca perderam a validade e não impedem o companheirismo com os fiéis gentios. Ele não interpreta a passagem de Atos 10:9-17,28, que conta a visão de Pedro na qual um manto baixou do céu sobre alimentos *treif*[76] com a ordem "mata e come", como o fim da necessidade de observação das leis da *Kashurut*, mas entende apenas que os gentios devem ser aceitos igualmente, a despeito do que comem.

Stern, com um espírito bastante prático e sem pretensão de fechar a questão, aborda alguns temas do que seria uma *Halach* da Nova Aliança para os judeus, eis um breve resumo:

---

[74] *Mitzvah:* em hebraico significa mandamentos. "Termo usado originalmente para os mandamentos da Bíblia, mas que mais tarde veio a se referir a qualquer boa ação" (UNTERMAN, 1992,179).
[75] *Kashrut:* leis dietéticas judaicas.
[76] *Treif:* impuros.

– Calendário e festas:

Tendo em vista que o judaísmo santifica o tempo através da celebração de várias festividades ligadas ao calendário, como devem os messiânicos se portar? O autor traz à tona algumas questões sobre o quão judaicas ou evangélicas devem ser estas celebrações e conclui:

> No judaísmo messiânico, a maneira de observar as festas não se acha estabelecida. Há três princípios que se deve ter em mente ao trabalhar nesta área: queremos celebrar o Messias, conservar o significado judaico e manter as coisas suficientemente espontâneas e no Espírito (estas duas expressões não são necessariamente idênticas).
>
> Há espaço para acolher quaisquer festejos e formas de arte tradicionais, usando-os para refletir a nossa fé com alegria e beleza. (STERN, 2001, p. 147-148).

– A vida congregacional:

Stern conta no Novo Testamento 57 referências à palavra sinagoga, portanto, não vê nenhum motivo para que o termo deixe de ser usado. Apenas é preciso ter em mente que os gentios messiânicos devem ser acolhidos nela e que não se pode reduzir a cerimônia a algumas palavras, roupagens e símbolos judaicos.

> Se for usado material judaico, isto deve ser feito de modo correto; ou se modificarmos a maneira habitual de usar tais itens deveríamos fazê-lo intencionalmente, e não por ignorância.
>
> Mas se um rolo da *Torah* é aberto em uma sinagoga messiânica, deverá ser lido corretamente. Se ninguém é capaz disso, então é melhor nem tentar.
>
> Somente as congregações cujos membros procuram com seriedade expressar o judaísmo, que é de fato seu, conseguirão enfrentar estas críticas; e as enfrentarão porque estão agindo com autenticidade e não representando um espetáculo. (STERN, 2001, p 149-150).

– *Kippah*[77]:

Stern não vê qualquer conflito a respeito do uso de *Kippah*. Segundo o seu entendimento, Paulo, em I Co:11, fala contra o uso de véu para homens e não contra o uso de solidéu. Na diáspora, o seu uso identifica o judeu, em Israel identifica o religioso.

[77] *Kippah* ou solidéu: cobertura de cabeça usada no judaísmo ortodoxo e conservador apenas pelos homens.

– Rabinos messiânicos:

Há uma série de questionamentos a respeito, especialmente sobre que tipo de formação e de *smikhah*[78] de um rabino messiânico deveria ter. A conclusão do Manifesto é que: “De qualquer modo, para não embaraçar o movimento judeu-messiânico, insisto junto aos lideres sem preparo rabínico que não permitam ser chamados ‘Rabinos’” (STERN, 2001, p. 153).

– Liturgia judaico-messiânica:

O judaísmo é uma religião litúrgica e alguns membros do movimento acabam iniciando sua experiência messiânica em igrejas protestantes que são naturalmente antilitúrgicas. Existe um esforço para *messianizar*[79] as liturgias, mas nada foi feito que tenha conquistado a comunidade como um todo. A sua sugestão é:

> [...] a versão judeu-messiânica deveria consistir da versão ortodoxa com acréscimos e subtrações. Os acréscimos expressarão especificamente os aspectos messiânicos da nossa fé na estrutura das orações apresentadas; esses acréscimos poderiam ser, por exemplo, citações do Novo Testamento, afirmações de verdades teológicas neotestamentárias, ou expressões de unidade com o corpo do Messias. As subtrações seriam palavras, frases e talvez orações inteiras inconsistentes com a fé messiânica, ou para ela irrelevantes. (STERN, 2001, p. 154)

Cabe ressaltar que Stern, propõe que tais alterações sejam sinalizadas para que se verifique que se trata de uma versão diferente da ortodoxa.

– Cristãos gentios e judaísmo messiânico:

O autor deixa claro que nenhum gentio precisa se converter ao judaísmo messiânico para ser salvo, e que realizar esse ato torna-se um problema em si uma vez que a comunidade messiânica ainda não tem uma ideia clara do que significa ser judeu em um ambiente messiânico. O Novo Testamento permite que alguém se torne judeu, mas terá que aceitar toda a *Torah* conforme entendida no judaísmo. Ele pede cautela, pois se o número de gentios convertidos ultrapassar o número de judeus natos, isto pode criar problemas entre a comunidade messiânica e os judeus não messiânicos.

[78] *Smikhah:* ordenação.
[79] *Messianizar:* termo usado pelo autor.

– Casamentos entre judeus-messiânicos e cristãos gentios:

Stern (2001, p. 159) diz: “[...] o casamento misto só torna a tarefa mais difícil. Não facilita!”. O maior problema diz respeito à criação dos filhos, que podem ser educados com menor conhecimento do judaísmo.

– Imperativo evangelístico:

O imperativo evangelístico não deve ser ignorado.

> Não importa o que se diga a respeito do nosso relacionamento com a comunidade judaica – o judaísmo messiânico não pode jamais ignorar o imperativo da evangelização. [...] O equilíbrio é delicado; no final, somente Deus, que conhece os nossos corações, é capaz de julgar a nossa honestidade e integridade. (STERN, 2001, p. 165).

O autor encerra esse capítulo com a expectativa de ter estimulado outras pessoas a se manifestarem a respeito desses assuntos. Para ele, a chave da união dos caminhos entre a Igreja e a Sinagoga é o papel da Lei. E diz: “Nosso brado de convocação deve ser *Torah! Torah! Torah!* Entendido no Espírito do Messias” (STERN, 2001, p. 165).

No último capítulo do *Manifesto Judaico Messiânico* há mais um tema que merece ser abordado. Stern chama de contextualização do evangelho para judeus. Diz que aquilo que foi conhecido na Inglaterra e em outros países europeus do século XIX como o movimento hebreu-cristão, não passou de contextualização do evangelho para os judeus. Os judeus que criam em Jesus eram incentivados a não abandonar o seu povo, isso era melhor do que exigir que fizessem.

> Contudo há algo estranho ou errado, inclusive, em falar de contextualização do Evangelho para judeus, porque o Evangelho era de início completamente judaico! Se as raízes do cristianismo são judaicas, se o próprio Evangelho é judaico em sua essência, por que precisaria ser contextualizado para os judeus?
>
> Na verdade, o evangelho teve que ser contextualizado para os gentios!
>
> Não, o povo judeu é mais do que uma cultura, ele é o povo de Deus. Portanto, a tarefa relativa aos judeus não é contextualizar o Evangelho como ele chegou aos não-judeus, com sua história pagã, e sim comunicar um Evangelho teologicamente correto vis-à-vis o povo judeu, cuja história e papel na comunicação da salvação de Deus é uma parte eterna da Sagrada Escritura.
>
> O próprio conceito de Messias é judaico e não gentio. (STERN, 2001, p. 223/225/233).

Contudo, será que Stern conseguiu alcançar seu propósito com o Manifesto Judeu-Messiânico? Ele almejava esclarecer a questão identitária judaico-messiânica e, de fato, abordou de forma bastante ampla as principais questões e conflitos identitários deste grupo, desde suas raízes teológicas e históricas até seus reflexos na vida prática. Mesmo não fechando uma posição sobre cada um dos dilemas que cercam a vida de um judeu-messiânico, e admitindo diferentes possibilidades entre a própria comunidade, Stern não esconde as dificuldades e embates e contribui para a reflexão.

Também era seu objetivo reduzir a intolerância com o resgate histórico e teológico e de fato ele realiza esse resgate, mas o quanto essa estratégia alcançará o resultado esperado é uma incógnita. A intolerância com os judeus messiânicos é um reflexo da relação problemática entre cristãos e judeus ao longo de milênios, por mais que se queira curar todas estas feridas e fechar as arestas, esta não é tarefa simples. E com a redução da intolerância e a definição da identidade, eles almejam que o messiânico seja reconhecido como judeu. Se pensarmos como Sibony (2005, p. 2): “[...] ser judeu é transmitir que se é judeu [...]”.

A partir do Manifesto Judaico Messiânico, Stern fez uma contribuição importante para a construção de uma narrativa judaico-messiânica e construção de uma identidade. Como diz Nogueira (2013, p. 453):

> As religiões privilegiam as narrativas como forma de construção de identidade e de transmissão de conhecimento entre as gerações. A narrativa é uma das principais formas de elaboração de conhecimento do universo religioso.

Neste sentido, o esforço do Manifesto pode não alcançar sozinho todos os ambiciosos objetivos de Stern, mas com certeza é um passo importante para o futuro dessa comunidade.

Para Stern, é possível ser 100% judeu e 100% messiânico e ele nos trouxe argumentos para expor seu raciocínio. Certamente, os que possuem posições teológicas diferentes, cristãos e judeus, seguirão não concordando com sua afirmação. Para Stern, a *Torah* não foi abolida e a igreja não substitui Israel, e neste aspecto, os judeus hão de concordar, ao passo que os cristãos favoráveis à teologia da substituição ou supersessionismo não concordarão. Sobre a Velha Aliança e a Nova Aliança não terem nenhuma separação entre si, os judeus não concordarão, mas os cristãos sim. Sobre a defesa de Paulo como alguém que em nenhum

momento rompeu com o judaísmo, Stern encontra muita oposição. As versões mais correntes tratam Paulo como um defensor da graça e não da lei, o apóstolo dos gentios. Aquele que declara o término da lei em Cristo. Os defensores da Nova Perspectiva sobre Paulo poderão concordar com Stern.

Desta forma, Stern, terá tantos críticos ou defensores quantas correntes teológicas cristãs e judaicas existirem. Porém, os críticos mais ferrenhos serão sempre os rabinos antimissionários, que se especializam em combater os judeus messiânicos.

Na próxima seção, vamos apresentar mais um teólogo messiânico que se especializou em debater com os antimissionários[80]: Michael Brown.

2.3 Michael Brown

Michael Brown nasceu na cidade de Nova York, em 1955, numa família judia. A partir de seu *bar-mitsvá*[81], aos 13 anos, ele experimentou uma gradativa e violenta decadência em sua vida. Seus pais estavam profundamente preocupados, pois apesar de ter recebido uma educação judia como a maioria das crianças de sua comunidade, aos 16 anos ele havia se tornado um jovem roqueiro, arrogante, rebelde e viciado em heroína (JUDAISM'S ANSWER, s.d., *on-line;* REAL MESSIAH, s.d., *on-line*).

Em 1971, dois amigos de Michael Brown começaram a frequentar uma igreja que pregava o evangelho porque estavam interessados em garotas e Brown decidiu tirar seus amigos de lá, para isso também começou a frequentar os cultos. Em suas palavras (apud JEWISH TESTIMONIES, s.d., *on-line*), eis o que aconteceu:

> Você pode adivinhar o que aconteceu. Eu perdi a batalha! O amor das pessoas começou a quebrar o meu orgulho teimoso e embora eu não soubesse, suas orações começaram a ter um impacto. Na verdade, eu comecei a me sentir culpado pelas coisas sujas que eu estava fazendo.
>
> Comecei a me sentir desconfortável com o meu estilo de vida, comecei a me ver mais como um idiota do que como um adolescente legal. Eu não tinha ideia de que isso era algo chamado "convicção de pecado",

[80] "[...] líderes judeus que trabalham ativamente na tentativa de resgatar judeus do Cristianismo e de diferentes cultos e religiões, trazendo-os de volta ao judaísmo tradicional." (BROWN, 2014, p xxii).

[81] *Bar-mitsvá:* hebraico, literalmente 'filho do mandamento'. Aos treze anos de idade mais um dia, o menino é considerado um adulto responsável para a maioria dos fins religiosos. Ele passa a ter responsabilidades no cumprimento dos mandamentos. A celebração do *bar-mitsvá* é um marco importante na vida de uma jovem judeu. (UNTERMAN, 1992, p. 42).

> um processo maravilhoso através do qual Deus nos mostra o quão doente realmente somos… a fim de nos curar.
>
> Pela primeira vez na minha vida eu acreditei que Jesus morreu por mim (em outras palavras, Ele pagou a punição que eu merecia, Ele morreu em meu lugar), e ressuscitou dos mortos. Mas, para mim, um judeu (mesmo um judeu não religioso), como poderia eu acreditar em Jesus? No meu modo de pensar, Jesus era apenas para os gentios. [...]
>
> No final de 1971 eu era um novo homem!

A transformação positiva foi radical, mas trouxe uma preocupação para seu pai: seu filho havia se associado a uma religião diferente. No verão de 1973, seu pai pediu a um rabino que trouxesse o filho de volta ao judaísmo. Brown passou uma tarde com rabinos ultraortodoxos e ficou profundamente impactado com a devoção e a gentileza daqueles homens.

Brown já havia lido a Bíblia cinco vezes e decorado mais de quatro mil versículos, mas percebeu que não tinha condições de debater com aqueles homens que a estudavam na língua original. Ele queria oferecer respostas sólidas àqueles homens e à sua própria consciência. E assim que resolveu estudar. Graduou-se em língua hebraica e obteve Ph.D. na Universidade de Nova York, em língua e literatura semítica. Durante seus estudos, manteve diálogo com rabinos e judeus religiosos.

Em 2001, ele fundou a Fire School of Ministry; e em 2005, a ICN Ministries, uma organização focada em trazer reavivamento espiritual e arrependimento a Israel, a Igreja e as nações, além de ministrar aulas em institutos de teologia.

Especializou-se em debater publicamente sobre a compatibilidade da crença em Jesus e o judaísmo, na televisão e no rádio, com rabinos antimissionários, teólogos e ativistas como Shmuley Boteach[82], Tovia Cantor, Moshe Otero, Immanuel Schochet e David Blumofe. Ele tem um ministério chamado Ask Dr. Brown.

2.3.1 Principais obras de Michael Brown

As principais obras de Brown (ASK DR. BROWN, s.d*., on-line*) são:

- Hyper-Grace: Exposing the Dangers of the Modern Grace Message (2014).
- The Real Kosher Jesus: Revealing the Mysteries of the Hidden Messiah (2012).

[82] Shmuley Boteach, rabino ortodoxo que escreveu o livro *Kosher Jesus*, para o qual Brown escreveu em resposta *The Real Kosher Jesus.* BOTEACH, S. **Kosher Jesus.** Springfield: Gefen Books, 2012.

- 60 Questions Christians Ask About Jewish Beliefs and Practices (2011).
- A Queer Thing Happened to America: And What a Long, Strange Trip It's Been (2011).
- Answering Jewish Objections to Jesus: General and Historical Objections, v.1 (2000).
- Answering Jewish Objections to Jesus: Theological Objections. v. 2 (2000)
- Answering Jewish Objections to Jesus: Messianic Prophecy Objections, v. 3 (2003).
- Answering Jewish Objections to Jesus: New Testament Objections. v. 4 (2006).
- Answering Jewish Objections to Jesus: Traditional Jewish Objections. v. 5 (2010).
- It's Time to Rock the Boat (1993).
- How Saved Are We? (1990).
- Go And Sin No More: A Call To Holiness (1999).
- Israel's Divine Healer (1995).
- A Time For Holy Fire: Preparing the Way for Divine Visitation (2008).
- What Do Jewish People Think about Jesus?: And Other Questions Christians Ask about Jewish Beliefs, Practices, and History (2007).
- The Revival Answer Book (2001).
- The End of the American Gospel Enterprise (1993).
- Revolution!: The Call to Holy War (2000).
- Let No One Deceive You (1997).
- Our Hands Are Stained with Blood (1992).
- Can You Be Gay and Christian? Responding With Love and Truth to Questions About Homosexuality (2014).

Seus livros e artigos têm sido traduzidos para muitos idiomas. No Brasil, contamos com a tradução dos dois primeiros volumes da coleção de cinco volumes intitulada: *Respondendo Objeções Judaicas Contra Jesus*. Com base nesses dois volumes, vamos abordar os principais aspectos da teologia judaico-messiânica defendida por Brown.

2.3.2 O que pretende Michael Brown

Por muitos séculos, tanto judeus como cristãos tomaram como certa a afirmação: Judeus não creem em Jesus. Para Brown, essa é uma afirmação irônica e bizarra que deve ser questionada e investigada. Afinal, Jesus era judeu, foi criado, viveu e trabalhou como tal, frequentou a sinagoga, ensinava como um rabino e por fim morreu como judeu. Era seguido por judeus e foi reconhecido por eles como o Messias, curou, profetizou e ressuscitou. Passaram-se muitos anos após a sua morte até que o primeiro não judeu fizesse parte dessa comunidade de crentes. “[...] Por que será que dentre todos os povos da Terra, apenas o povo judeu é caracterizado, de maneira específica, como aqueles que não creem em Jesus?” (BROWN, 2014, v. 1, p. xxi).

Tendo essa realidade em mente, o autor pretendeu atingir quatro objetivos com a publicação da coleção *Respondendo Objeções Judaicas Contra Jesus*: (1) compreender por que chegamos ao ponto em que nos encontramos hoje; (2) listar as principais objeções que o povo judeu teve e ainda tem quanto a Jesus ser o messias prometido de Israel; (3) responder a tais objeções; e (4) demonstrar por que os judeus, mais do que qualquer outro povo, deveria crer que Jesus é o Messias.

“Chegou o tempo de refutarmos as contestações e de respondermos, de uma vez por todas, às objeções” (BROWN, 2014, v. 1, p. xxii). Os judeus que estão buscando a verdade sobre Jesus têm a necessidade de vencer os argumentos dos antimissionários e rabinos, mas a coleção também é escrita para os que pretendem alcançar os judeus com as boas-novas de Yeshua, não porque seja mais importante convencer um judeu ou porque seja um povo com mais valor do que os demais, mas apenas porque as antigas alianças foram feitas com eles e deles vieram os profetas e a origem terrena do Messias, assim pensa Brown.

Há também a grande dúvida que surge no coração de um judeu que passa a crer: será que estou traindo minha família, meus antepassados ou o próprio Deus, crendo em Jesus? Será que os rabinos estão certos? Devo orar em nome de Jesus, ou não devo fazer isso? Para ele, o fato de você ter nascido num lar que possui uma religião não significa que ela seja a certa. Da mesma forma como os judeus já sofreram com todo o tipo de estereótipo e preconceito, Jesus também pode estar sofrendo com ideias infundadas.

Brown também escreve a todos os judeus, sejam eles reformistas, chassídicos, humanistas, conservadores ortodoxos ou reconstrucionistas, que ainda não creem que Jesus é o Messias e queiram ler o livro para fortalecer suas crenças contra ele. Rabinos sinceros acreditam que após a morte de Jesus, seus seguidores, os autores do Novo Testamento adequaram a vida de Jesus e seus ensinamentos a supostas profecias messiânicas para que elas apontassem para ele.

Entretanto, o autor adverte: se você for ortodoxo e vier a crer em Jesus, poderá sofrer extrema perseguição, mas valerá a pena porque terá a benção do Messias e experimentará uma transformação genuína.

2.3.3 O método de Michael Brown

David Stern escreveu um Manifesto bem ao gosto da Contracultura, e Michael Brown, por sua vez, escreveu uma obra didática, na qual ele organiza mais de 150 perguntas[83] colecionadas ao longo dos anos. Elas foram feitas por seus opositores ou por pessoas interessadas no tema. Essa abordagem lembra um dos recursos que o próprio Jesus lançou mão ao longo de sua trajetória, especialmente quando em contato com seus discípulos. Contudo, não são apenas perguntas, são objeções, carregam o gosto pelo debate que é uma marca indelével presente em todas as vertentes e manifestações da vida religiosa e cultural judaica e através dele se perpetuam não só ideias, mas também a própria escritura.

> O pensamento judaico, distinto do mítico, está impregnado de historicidade, mas também de sacralidade. A narrativa dos acontecimentos bíblicos é a história sagrada dos judeus, contada na *Torah* (Pentateuco), lida e relida nos rituais da sinagoga, prática que assegura seu não esquecimento.

[83] Michael Brown possui inúmeros vídeos de debates públicos na internet, além de um canal Ask Dr. Brown inspirado nas objeções judaicas contra Jesus. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/AskDrBrownVideos>. Acesso em: 24 abr. 2017.

> O ritual possibilita que aquela história se mantenha viva. Mas há outro nível em que se situa a perpetuação da *Torah*, para sua leitura ritual nas sinagogas. Basta um pequeno contato com o texto talmúdico para se dar conta da viva atmosfera e do gosto radical pelo debate e pela interpretação, marcas específicas que atam o judeu a suas escrituras (SILVA, 2010, p. 83).

Brown organizou as objeções em seis grupos, a saber:

- Objeções gerais: são as mais comuns, de natureza sentimental, mais corriqueira.
- Objeções históricas: são mais substanciais e fundamentadas, normalmente se referem ao antissemitismo, ao estado da Igreja Cristã e à era messiânica.
- Objeções teológicas: são as mais sérias e complexas e mostram as diferenças entre judaísmo tradicional, a fé messiânica e a fé cristã. Normalmente se referem à trindade, natureza de Jesus, a permanência da Lei face ao Novo Testamento e a expiação.
- Objeções messiânicas e proféticas: são aquelas que argumentam que nenhuma profecia de fato messiânica foi cumprida por Jesus.
- Objeções contra o Novo Testamento: são as que colocam em questão a validade e inspiração divina do Novo Testamento, mesmo quando cita o Antigo Testamento, o faz fora de contexto.
- Objeções tradicionais e rabínicas: elas explicam o porquê tantos judeus não fazem questão de pensar sobre o assunto.

Michael Brown responde a estas objeções partindo do seguinte princípio: em primeiro lugar, os mal-entendidos são frutos da falta de informação. A maioria dos judeus não faz ideia de quem é Jesus, e mesmo aqueles que se dedicam aos estudos podem estar viciados por materiais tendenciosos.

Tanto a fé messiânica como a Rabínica eram expressões de fé estritamente judaicas, mas tomaram rumos diferentes. Portanto, elas têm muito em comum. Todavia, uma vez que a fé rabínica ficou conhecida como judaísmo convencional, e já que essa fé começou a se opor à fé em Jesus, a ideia de que crer em Jesus e no judaísmo são incompatíveis, tornou-se um dogma (BROWN, 2014, v. 1, p. xxvi).

Para Brown, é melhor ser bíblico do que judaico e, em sua concepção, seguir o Novo Testamento é por vezes mais bíblico do que o *Talmud*. Para ele, a fé cristã é muito mais judaica do que algumas pessoas podem pensar. Esse comentário de Brown não significa que ele não valorize as fontes rabínicas, como veremos adiante.

Na verdade, muitos eruditos – tanto judeus como cristãos – argumentam que para alguém compreender o Novo Testamento em sua totalidade será preciso lê-lo sob a perspectiva do contexto judaico do primeiro século. Muitas tradições judaicas estão em harmonia com os ensinamentos do Novo Testamento, independente do que tenha vindo primeiro (BROWN, 2014, v. 1, p. xxvii).

O crescente afluxo de não judeus à fé messiânica deu a ela a aparência de uma fé gentílica, uma fé que jamais interessaria aos judeus. Aos poucos, ela foi se afastando dos laços com o povo judeu e perdendo suas raízes judaicas, de forma que em determinado momento, o cristianismo, contaminado pelo paganismo, já não possuía mais nenhuma semelhança com Yeshua, o Messias da *Torah.* O abismo entre as duas crenças foi se tornando maior e as objeções contra Jesus são na verdade objeções contra a cristandade.

Assim, Brown (2014, v. 1, p. xxix) recorre às escrituras para desfazer os mal-entendidos e responder a todo tipo de objeção. Há também uma grande preocupação por parte dele em separar o antissemitismo do verdadeiro cristianismo[84]: “[...] cristãos genuínos foram – e continuam sendo – os melhores e mais fiéis amigos que o povo judeu jamais poderia ter”.

2.3.4 As objeções judaicas contra Jesus

Vamos abordar os principais pontos dos três primeiros grupos de objeções: geral, histórica e teológica.

O autor responde a dezenove objeções gerais que são as questões mais corriqueiras e que expressam o senso comum de que judeus não acreditam e não podem acreditar em Jesus.

[84] Em nota o editor esclarece que quando o autor usa os “termos ‘verdadeiros ensinamentos do cristianismo’ ou ‘verdadeiros cristianismo’, ele se refere à fé messiânica (absolutamente judaica e estritamente bíblica, disponibilizada por *HaShem,* o Deus de Israel, a todos os que reconhecem ser Yeshua o Messias prometido pelas Escrituras (seja tal pessoas judia ou gentílica), e não à famosa religião papal, consagrada em Roma pelo imperador Constantino, no século IV e.c.” (BROWN, 2014, v. 1, p. 151).

“Eu nasci e morrerei judeu! Você está absolutamente certo.” (BROWN, 2014, v. 1, p. 37).

Brown tem a mesma posição de Stern e dos demais messiânicos, crer em Yeshua não lhe tira a identidade judaica, assim como ser um ateu como Freud ou Marx ou ser um reformista ou humanista. Ele crê que os judeus têm um propósito definido por Deus e que Ele não se importa com a religião, mas sim com o padrão das Escrituras. O mais importante é como se vive e em que se crê.

“Diariamente, presto culto ao Deus de Abrão, Isaac e Jacob, orando a ele e estudando suas Escrituras constantemente.” (BROWN, 2014, v. 1, p. 39).

Brown acredita que um judeu não pode ignorar o Messias, segui-lo faz parte da essência da alma judaica e diz respeito à própria razão do povo. Deus colocou esse povo na terra para que fosse uma nação de sacerdotes e trouxesse luz ao mundo, mas isso só seria possível através do Messias.

“Uma pessoa só pode ser judia ou cristã. Eu sou judeu.” (BROWN, 2014, v. 1, p. 40).

O autor explica que através do nascimento físico você pode ser caracterizado como judeu, mas, para se tornar um discípulo do Messias, é preciso haver um nascimento espiritual. Através dessa identificação pessoal, um judeu pode se tornar um messiânico ou um gentio pode se tornar um cristão. E um judeu que recebe Yeshua como Messias se torna mais judeu do que nunca.

“Em minha opinião, fé em Jesus e Judaísmo são duas coisas incompatíveis.” (BROWN, 2014, v. 1, p. 41).

Para o autor, essa é uma das maiores mentiras da Inquisição porque obrigava um judeu que cresse em Jesus a renunciar completamente à sua identidade judaica. Jesus veio primeiramente para os seus, mas enquanto o judaísmo messiânico do primeiro século começou a se tornar mais gentílico, também a comunidade rabínica foi se afastando desse grupo e o equívoco foi se formando. Segundo Brown, chegou-se a um ponto que na Idade Média os judeus que foram batizados tiveram que prometer que comeriam carne de porco.

“Judaísmo messiânico (ou Cristianismo Judaico) não passa de uma grande mentira [...] Metade das pessoas envolvidas nem sequer nasceu em um lar judaico.” (BROWN, 2014, v. 1, p. 44).

Brown mostra que a maioria dos judeus que passaram a crer em Jesus recuperou aspectos perdidos de sua própria judaicidade, pois eles recuperaram o estilo de vida judaico descrito nas escrituras. Justifica também que existem gentios cristãos que se aproximam dos grupos messiânicos, mas o fazem por amor a Israel e pela vida judaica e não para enganar os judeus.

Segundo o autor, os messiânicos rejeitam a ideia de que tenham entrado para uma religião estrangeira, gentílica, antes, acreditam ser um remanescente judaico. Muitos usam *tefillin*[85], oram, usam *talit*[86] e *kippah* o dia todo, assim como os judeus ortodoxos, pelas mesmas razões, e também seguem o mesmo calendário e participam do mesmo ciclo de vida. A maioria dos líderes é chamada de rabinos ou de rabinos messiânicos, mas alguns, para não causarem desconforto ou serem chamados de enganadores, preferem ser chamados de líderes congregacionais ou pastores. Estes não formam uma igreja, mas também não querem ser uma sinagoga tradicional conservadora, reformista ou ortodoxa. As escolas são chamadas de *yeshivot*, mas indicam que estão formando ministros judeus que creem em Yeshua. Brown cita eruditos modernos que consideram o cristianismo em sua forma original como mais um dentre os judaísmos do primeiro século[87].

“[...] Jesus é para os gentios [...]. Todavia, quanto a nós, o povo judeu, nós temos a Torá. Essa é a nossa porção.” (BROWN, 2014, v. 1, p. 51).

Conforme o autor, os seguidores de Jesus estavam tão inseridos em um contexto judaico que pensavam que ele havia morrido apenas para os judeus, e somente dez anos depois de sua ressurreição o anunciaram aos gentios.

“A Torá e o Messias compõem nossa herança eterna. É nosso privilégio compartilhar esses tesouros inefáveis com as nações do mundo. Como judeus, nós temos um relacionamento singular com a Torá e com o Messias”

[85] *Tefillin*: os filactérios.
[86] *Talit:* manto de oração.
[87] O autor, em nota, cita: Edith Schaeffer, Christianity Is Jewish, Wheaton: Tyndale, 1977; Gabrielle Boccaccini, Middle Judaism: Jewish Thought, 300 C.E. to 200 C. E., Minneapolis: Fortress, 1991; Marvin R. Wilson, Our Father Abraham: Jewish Roots of the Christian Faith, Grand Rapids: Eerdmans, 1989 (BROWN, 2014, p. 266).

(BROWN, 2014, v. 1, p. 53). Contudo, este não é um relacionamento exclusivo, cada um, judeus e gentios, com o seu chamado específico.

> O principal problema do Cristianismo é que ele não se enquadra no Judaísmo. Logo, todas aquelas 'provas' que são citadas a partir das Escrituras Hebraicas não têm peso nenhum para nós. São apenas a sua interpretação, não a nossa. (BROWN, 2014, v. 1, p. 54).

Como resposta, o autor indaga:

> Quem disse que o Judaísmo é a fé que está em concordância com as Escrituras Hebraicas? [...]. É claro, muito do que tem sido chamado Cristianismo ao longo dos anos está longe de ser algo verdadeiramente cristão ou bíblico – muito menos judaico! (BROWN, 2014, v. 1, p. 54).

Para Brown, judaísmo e cristianismo são expressões de fé que têm muito em comum: a fé na autoridade e na inspiração das escrituras hebraicas, um único Deus, a crença na vinda do Messias, uma vida após a morte, recompensa e punição. Ele ressalta que, apesar do judaísmo tradicional ter se afastado das raízes bíblicas, existem coisas profundamente inspiradas, tradições fundamentadas nas escrituras, carregadas de beleza e princípios éticos. Também existem no cristianismo muitas coisas que estão longe das raízes bíblicas, é preciso voltar às escrituras.

> Talvez você se sinta encorajado ao saber que muitos de nós, envolvidos no trabalho com judeus, já conversamos com Ortodoxos e até mesmo ultraortodoxos que nos contaram [...] que creem ser Yeshua o Messias de Israel. Tais pessoas, no entanto, afirmam ter medo de ir a público porque não sabem o que pode acontecer com elas. (BROWN, 2014, v. 1, p. 58).

"O que acontece com os judeus que não creem em Jesus (principalmente se eles nunca ouviram falar sobre ele)? [...]." (BROWN, 2014, v. 1, p. 64).

Quer gostemos ou não, a história de Israel mostra que o julgamento tem sido a regra. Diz Brown que todos são culpados e ninguém pode ignorar os meios que Deus providenciou para a expiação. Yeshua pode apagar nossa culpa, porque ele pagou o preço definitivo por ela. Ele começou seu ministério com uma mensagem de arrependimento que é marca registrada da espiritualidade judaica. A *Torah* enfatiza a necessidade de um sistema sacrificial e os profetas a necessidade de arrependimento, o Novo Testamento faz as mesmas afirmações.

> [...] o que significa que devemos fazer dele nosso Salvador e Messias, confiando que sua morte em nosso lugar anula a sentença eterna por nossos pecados, assim como os sacrifícios de animais oferecidos no Dia da Expiação pagavam pelas iniquidades do nosso povo. (BROWN, 2014, v. 1, p. 76).

Outro aspecto interessante abordado por ele dentro dessa objeção é a necessidade de ações concretas, pois a fé sem ações está morta. Ele ressalta que em nenhum lugar no NT consta que a libertação definitiva da escravidão passa apenas por uma declaração de fé, sem verdadeira obediência. Isso seria uma interpretação errônea frequente em algumas vertentes do cristianismo.

“Um judeu religioso, que se decida a estudar a Torá, jamais creria em Jesus.” (BROWN, 2014, v. 1, p. 80).

O autor diz que essa é uma alegação falsa, pois sempre existiram rabinos proeminentes, eruditos brilhantes, que reconheceram Yeshua como o Messias. Para ilustrar, ele cita a história do grão-rabino da Bulgária que salvou centenas de judeus durante o Holocausto, mas seu nome é desconhecido pelos judeus hoje, ele cria em Yeshua. Ele era tão respeitado que, em 1954, foi indicado para juiz da suprema corte rabínica de Jerusalém, mas não aceitou, pois teria que manter sua fé em segredo. Acabou sendo destituído do título de *rav* pela corte rabínica, mas continuou a ser considerado assim pelos judeus da Bulgária. Todo *shabat*, ele ensinava em sua casa sobre o NT e Yeshua. Morreu em 1979, com 96 anos.

Outro caso é o de Samuel Isaac Joseph Schereschewsky, nascido em um lar ortodoxo na Lituânia, foi um estudante destacado do *Talmud.* No entanto, quando ganhou um NT em hebraico, passou a estudá-lo com cuidado, até que se convenceu de que as profecias da Bíblia Hebraica sobre a vinda do messias haviam sido cumpridas em Yeshua. Depois que se formou na universidade de Breslávia, confessou publicamente sua fé e partiu para a China com o objetivo de traduzir a Bíblia para o mandarim e wenli. Max Muller, filólogo da Universidade de Oxford, o considerou um dos seis maiores linguistas orientais do mundo e o chamou de Bispo judeu-cristão. Brown faz questão de deixar claro que esses e muitos outros judeus estavam plenamente satisfeitos com suas crenças e não se converteram para adquirir prestígio e algum tipo de vantagem, pelo contrário, perderam posições e foram humilhados publicamente.

Partindo para as objeções históricas, a primeira questão abordada por Brown (2014, v. 1, p. 107) é: “Se Jesus é realmente o Messias, por que então não há paz na Terra?” E explica que o profeta Malaquias disse que o Messias traria purificação e expiação, executaria julgamento antes de estabelecer a justiça. E que as escrituras também ensinam que o Messias seria um Rei davídico, ou seja,

Rei e sacerdote como David foi. Como sacerdote, traria expiação e, um dia, estabeleceria seu reinado sobre a terra.

O livro de Isaias no capítulo 2:1-4 fala de uma era de paz ao final dos tempos e não de um Messias trazendo paz. O resultado de sua primeira vinda, trazendo esperança de reconciliação e perdão ao mundo, conduzirá ao seu retorno e uma era de paz.

O autor compartilha uma tradição do *Talmud* e a interpretação de Gaon de Vilna. Para ele, o maior erudito rabínico dos séculos XVIII e XIX.

O *Talmud* diz:

> O mundo existirá por seis mil anos. Dois mil anos de desolação [a saber, de Adão até Abrahão]; dois mil anos de Torá [a saber, de Abrahão até algo em torno do início da era comum]; dois mil anos de Era Messiânica [a saber, os últimos dois mil anos aproximadamente]. Todavia, uma vez que muitas foram as iniquidades, tudo isso se perdeu (i.e., o Messias não veio na época esperada); b[88]. Sanhedrin 97 a-b. (apud BROWN, 2014, v. 1, p. 108).

De acordo com essa tradição, o Messias deveria ter vindo há mais ou menos dois mil anos. Rashi explicou:

> ‘Após os 2000 anos de Torá, foi decreto de Deus que o Messias viesse, que o reino dos perversos tivesse um fim e que a sujeição de Israel fosse destruída’. Em vez disso, já que os pecados de Israel eram muitos, ‘o Messias ainda não veio até os dias de hoje’- ou seja, dois mil anos mais tarde. Interessante, não? (apud BROWN, 2014, v. 1, p. 108).

Brown destaca que Gaon de Vilna acreditava que a era messiânica começou no devido tempo, mesmo sem o Messias, há mais de 1.800 anos e que é um período de transição, uma era de trevas e apostasia. Para o autor, segundo a tradição, o Messias veio e se manifestou antes da destruição do segundo templo, mas não foi reconhecido pela maioria do seu povo. Desta forma, o povo ficou sem o templo e sem o Messias, portanto, sem um substituto para o sistema sacrificial do templo. Ele cita o *Talmud* em b. Yomá 39b, que diz que Deus não aceitou sacrifícios oferecidos no Dia da Expiação, durante os últimos 40 anos antes da destruição do (segundo) templo. O texto se refere, portanto, ao período de 30 a 70 d.C.

Para Brown, isso se deve ao sacrifício de Jesus que aconteceu nesse período, o sacrifício perfeito e definitivo já havia acontecido, os sacrifícios não eram mais necessários. Essa e outras tradições rabínicas preservam a memória de que o

[88] A letra b antes da referência indica um trecho do *Talmud* Babilônico, o *Talmud* de Jerusalém é indicado com a letra y.

Messias deveria se manifestar no segundo templo com base em passagens bíblicas, tais como:

> [...] A glória do novo templo será maior do que a do antigo [...]. Nesse lugar estabelecerei a paz (Ageu 2: 6-9). Hei de enviar Meu mensageiro e ele há de desobstruir o caminho para Mim; de súbito, então, o Senhor, a quem buscais, virá a Seu templo, pois o mensageiro da aliança do Eterno, a quem tanto desejais, estará chegando! – diz o Eterno dos Exércitos. Mas quem terá condições de suportar (os acontecimentos que caracterizarão) o dia da sua vinda, e quem sobreviverá à sua chegada? Porque ele agirá como o fogo purificador e como a lixivia que retira toda a impureza [...] (Malaquias 3:1-5). (BROWN, 2014, v. 1, p. 113/115).

Em termos visíveis, a glória do primeiro templo foi maior do que a do segundo: ele possuía a arca, o fogo divino, a *Shechiná*[89], o *Urim* e *Tumim*[90]. Sendo assim, em que a glória do segundo templo poderia ter sido maior do que a do primeiro? Para Brown, as respostas convencionais rabínicas para esse enigma não são suficientes. Eles dizem que o segundo templo foi embelezado por Herodes e que permaneceu mais tempo do que o primeiro, para o autor, nada disso se compara à presença de Deus. No texto de Malaquias, citado acima, o termo *haAdon*, Senhor, faz referência ao próprio Deus, assim haveria uma visitação do próprio divino no Segundo Templo.

Segundo David Kimchi[91] o termo Senhor se refere ao Rei Messias.

> Nenhum desses comentaristas ateve-se ao fato de que o Messias deveria manifestar-se no Templo que permanecia de pé nos dias de Malaquias [...] Pergunto-lhe: isso de fato aconteceu? Se sim, então o Messias precisava ter vindo antes de o Templo ser destruído em 70 e.c.; se não, então a Palavra de Deus caiu por terra. (apud BROWN, 2014, v. 1, p. 115).

Assim, o autor conclui que a pessoa do Messias faria a glória do segundo templo ser maior do que a do primeiro, e que a paz foi estabelecida ali porque Ele oferece a paz a todos os que se dispõem a recebê-lo e a renunciar ao pecado, Ele estabelece a paz entre os homens e Deus, Ele concede a paz a todos os que o seguem e sua morte sacrificial restabelecerá a paz mundial quando ele voltar.

---

[89] *Shechiná*: em hebraico significa 'morada em'. A presença divina, ou imanência de Deus. (ULTERMAN, 1992, p. 240).

[90] *Urim* e *Tumim*: Oráculo usado pelo sumo sacerdote (num.27:21). O peitoral do sumo sacerdote tinha doze pedras onde estavam gravados os nomes de Deus e das doze tribos. As respostas às questões levantadas pelo rei ou pelo chefe do *Sanhedrin* eram transmitidas por letras daqueles nomes que se acendiam. O *Urim* e o *Tumim* deixaram de ser usados quando o primeiro templo foi destruído. (BROWN, 2014, v. 1, p. 270).

[91] Também conhecido por Radak, famoso comentarista judeu da Idade Média.

> As respostas são bem simples: ou o Messias veio há quase dois mil anos, ou os profetas da Bíblia eram falsos profetas. Se a última for verdadeira, podemos jogar a Bíblia no lixo e procurar outra crença – ou abandonar de vez essa história de religião. (BROWN, 2014, v. 1, p. 118).

Para o autor, a grande tragédia é que Israel como povo perdeu a hora da visitação do Messias, porque falhou em perceber que Ele viria para entregar a sua vida como mártir justo e reto, oferecendo um sacrifício expiatório pelos pecados antes de exercer seu reinado. O judaísmo tradicional eliminou de suas tradições, leis, coletâneas e liturgias o papel sacerdotal do Messias "[...] como uma forma de reação à obra messiânico-sacerdotal de Yeshua"[92], e essa objeção diz:

"[...] o messias não trouxe a paz à terra e nem estabeleceu o Reino de Deus." (BROWN, 2014, v. 1, p. 124).

Então, qual seria o contexto bíblico que mostra o conceito de um Messias sacerdotal? Lembra Brown: não podemos nos esquecer de que os judeus que escreveram os manuscritos do mar Morto estavam procurando duas figuras messiânicas chamadas, Messias de Aarão e Messias de Israel[93]. A referência estaria em Sl. 110:4 "Tú és um Kohen para sempre, a ser comparado com Malki-Tzedek [melquisedeque]" (BROWN, 2014, v. 1, p. 125).

Uma das interpretações diz que tal salmo foi recitado para David, portanto, ele seria rei-sacerdote por decreto do alto. De fato, ele realizou estas duas funções e seus filhos foram designados como *cohanim*[94]. No entanto, outra interpretação diz que ele mesmo recitara o salmo a respeito do Messias. Assim, o Messias seria rei-sacerdote e Davi seria o protótipo bíblico do Messias, em Zacarias 3:8, ele é tipificado como um sacerdote reinando sobre um trono.

Para Brown, está claro que o Messias rei-sacerdote é Yeshua, que fez expiação dos pecados conforme Isaías 53:4-12. Sobre a referência de Isaías 53, o editor da obra e Brown (2014, v. 1) pede que o leitor tenha em mente o contexto que abrange do capítulo 42 ao capítulo 53 e também recomenda que se consultem fontes rabínicas, como o *Midrash Yalkut Shimoni* e o *Targum Yonatan bem Uziel*,

---

[92] "Para a única referência, na literatura Rabínica, sobre uma figura sacerdotal atribuída ao Messias, cf. Avót d'Rabi Natan 34:6 (os dois filhos do azeite são Aarão e o Messias, porém, é o Messias quem recebe o título de mais amado [chaviv], com base em Sl.110:4)." (BROWN, 2014, v.1, p. 280, nota 32).

[93] "Vale a pena também observar que muitos outros textos de Qumram referem-se a um Messias davídico e a um sacerdote (veja Collins, em Scepter and the Star [o cetro e a estrela], 74-101); cf. ainda b. Sucá 52b, interpretando Zc. 1:20 com referência aos dois Messias: Elias e o justo Sumo Sacerdote." (BROWN, 2014, v. 1, p. 280, nota 30).

[94] *Cohanim:* Sacerdotes.

cujos comentários se mostram esclarecedores. Tal recomendação se dá pela diferença encontrada entre a tradução hebraica e as demais. Na tradução hebraica, o Messias, servo sofredor, foi substituído pelo próprio Israel, povo sofredor. Há grandes discussões a respeito desta diferença. Os messiânicos acreditam que essa mudança tenha sido feita propositalmente, assim, o editor sugere uma consulta a uma fonte judaica que concorda com os messiânicos.

O autor reafirma sua convicção de que o Messias já veio, realizou a primeira parte do plano da redenção e retornará para dar continuidade à sua obra, contudo, haverá muitos anos de desolação antes do desenrolar da história, nas palavras de Oseias 3:4-5: “Porque os filhos de Israel ficarão por muitos dias sem rei, e sem príncipe, e sem sacrifício, e sem estátua, e sem *éfode*[95] ou *terafim*[96]”.

Depois tornarão os filhos de Israel, e buscarão ao Senhor seu Deus, e a Davi, seu rei; e temerão ao senhor, e à sua bondade, no fim dos dias.

O autor lembra que há uma corrente dentro do judaísmo tradicional que diz que em cada geração há um Messias em potencial, mas nenhum Messias se revelou do ponto de vista tradicional até agora. Isso significa que nenhuma geração foi digna dele ou nenhuma reconheceu a sua manifestação. Se pensarmos que cada geração terá seu Messias, isso significa que ele será diferente a cada geração, portanto alguém que não apresenta detalhes específicos e cujo tempo não foi predito.

“Durante o primeiro século, não havia nenhum tipo de expectativa entre o povo judeu a respeito de um messias que realizasse milagres. [...].” (BROWN, 2014, v. 1, p. 138).

A essa objeção, Brown responde: “havia sim expectativas entre o povo judeu a respeito de um Messias que realizasse milagres, pois assim predisseram os profetas bíblicos” (BROWN, 2014, v. 1, p. 139). A própria resposta de Yeshua para Yochanan[97] reflete essa expectativa. A pergunta de Yochanan a Yeshua por intermédio de seus emissários foi: “Você é aquele que deveria vir?

[95] *Éfode*: usada pelo sumo sacerdote, era uma antiga vestimenta feita de linho fino, carmesim, estofo azul e púrpura, bordado a ouro, com os nomes das doze tribos de Israel e era utilizada por cima das suas vestes, ao apresentar-se a Deus no lugar do Santo dos Santos, no templo de Salomão.
[96] *Terafim:* ídolo venerado por alguns povos semíticos.
[97] *Yochanan*: nome hebraico para João Batista.

Ou devemos esperar por mais alguém? (Lucas 7:20)" (BROWN, 2014, v. 1, p. 139), ao que respondeu:

> [...] vão, digam a Yochanan o que vocês têm visto e ouvido: os cegos veem outra vez, os aleijados andam, as pessoas com *tzara'at* (lepra) estão sendo limpas, os surdos estão ouvindo, mortos são ressuscitados, as boas-novas são pregadas aos pobres, e quão abençoados são os que não se ofendem por minha causa! (Lucas 7:21-23). (BROWN, 2014, v. 1, p. 139).

Em nota, o autor esclarece que está ciente que na época de Jesus não havia uma interpretação judaica fixa sobre que tipo de homem o Messias seria e o que ele exatamente deveria fazer. "O que estou querendo dizer é que, com toda a certeza, existiam judeus que esperavam um messias sobrenatural, cujos milagres fariam parte de suas credenciais messiânicas" (BROWN, 2014, v. 1, p. 285, nota 61). Para entender a diversidade das expectativas messiânicas no primeiro século, o autor indica algumas fontes de consulta.

Há um excerto do Apocalipse encontrado em *Qumram* (4Q521, fragmento 2)[98], que faz um impressionante paralelo com as palavras e atos de Jesus, conforme tradução de Florentino Garcia Martinez. Brown lembra que os textos de *Qumram* foram escritos muito antes do Novo Testamento:

> [Portanto os c]éus e a terra darão ouvidos ao Seu Messias, [e tudo] o que há neles não se desviará dos santos preceitos. [...] Pois o Eterno contemplará os devotos, e pelo nome chamará os justos. Sobre os pobres colocará o seu espírito, e aos fieis renovará com sua força. Ele honrará os devotos sobre o trono da eterna realeza, libertando os cativos, dando vista aos cegos, endireitando o que estava torto [...] E o Eterno realizará prodígios e maravilhas, tais como nunca houve antes, assim como dis[se], porquanto curará os feridos e fará viver os mortos; proclamará boas-novas aos humildes, suprirá com abundância [os necessita]dos, liderará os exilados e enriquecerá os famintos. (BROWN, 2014, v. 1, p. 140).

As diferentes comunidades judaicas teriam tirado essa ideia da própria Bíblia hebraica, dos trechos de Isaias 35:5-6 e Isaias 61:1-3. Na literatura Talmúdica, em b. Sucá 52a, em que o Messias ben David ressuscita o Messias ben Yosef dentre os mortos. Até hoje, acredita-se entre os *Hassidim* de Lubavitch que o sinal mais especial do favor divino que um sábio do *Talmud* pode ter é a capacidade de operar milagres.

[98] Nas proximidades de Khirbet Qumram, nas margens do Nordeste do mar Morto fica um conjunto de cavernas, onde entre 1947 e 1956 foram encontrados os manuscritos do mar Morto que datam do 3º século a.C. ao primeiro século d.C. Os pergaminhos se dividem em três categorias principais: bíblica, apócrifa e sectária. (INTRODUCTION... s.d. *on-line*).

> Os cristãos sempre odiaram e perseguiram o povo judeu.
> As origens do antissemitismo podem ser encontradas nas páginas do Novo Testamento. Do retrato depreciativo dos fariseus às acusações de deicídio, o antissemitismo é definitivamente uma praga cristã. (BROWN, 2014, v. 1, p. 167/189).

Brown elenca uma série de objeções nessa mesma linha e recupera historicamente alguns eventos para mostrar que a história mundial está permeada de todo o tipo de perseguição religiosa, e que a Igreja não mediu esforços para matar tantos cristãos verdadeiros como judeus, por se recusarem a seguir suas tradições, mas isso não está relacionado à verdadeira congregação de crentes genuínos no Messias de Israel. Os atos de violência começaram a acontecer quando o Imperador Constantino se converteu ao cristianismo.

> Em sua velhice, Agostinho chegou até mesmo a defender o princípio de coerção forçada e de perseguição contra hereges e dissidentes, como fruto de uma falsa exegese das palavras desta parábola: 'Persuada as pessoas a entrar' (Lucas 14:23). (BROWN, 2014, v. 1, p. 174).

Contudo, infelizmente a força foi usada contra os judeus que não queriam se converter. A perseguição durante as Cruzadas foi muito grande.

Quanto à situação dos discípulos judeus de Yeshua ao longo dos primeiros séculos, o historiador Marcel Simon resume:

> Eles foram expulsos de Jerusalém na véspera da primeira guerra, oprimidos, de tempos em tempos, pelas autoridades religiosas, anatemizados da liturgia sinagogal e perseguidos durante a segunda guerra pelas tropas de Bar Kochba. [...] eram considerados dissidentes e sectários, tanto pela Sinagoga como pela Igreja. Por haverem professado o cristianismo, como o fizeram os gentios, passaram a ser classificados como gentios aos olhos da Sinagoga. (apud BROWN, 2014, v. 1, p. 179-180).

Raymond E. Brown, um erudito católico, ao falar sobre a morte de Jesus, não considera que o Novo Testamento seja um documento histórico preciso e apresenta a partir de outras fontes quatro argumentos sobre a possibilidade de ter havido oposição judaica contra Jesus:

> (1) 'precisamos entender que as elites religiosas podem ter odiado Jesus';
> (2) 'naquela época a oposição religiosa geralmente conduzia à violência';
> (3) 'responsabilidade é uma coisa; culpa é outra';
> (4) 'a disputa religiosa com Jesus era uma disputa judaica interna'. (apud BROWN, 2014, v. 1, p. 199)

Sobre a frase "Seu sangue sobre nós e nossos filhos" (Mateus 27:25), Samuel Tobias Lachs, professor de História das Religiões da Universidade de Bryn Mawr, explica que o versículo tem um tom hebraico que se aproxima a várias expressões paralelas no Talmud. Um sentido plausível da frase hebraica seria:

“O sangue dele será sobre sua própria cabeça (cf Js 2:19; b. Avodá Zará 12 b)” (apud BROWN, 2014, v. 1, p. 200).

Sobre as palavras acaloradas usadas entre Yeshua e os líderes judeus, Urban C. von Wahlde comenta que “até mesmo as conotações mais hostis são usadas para fazer alusão às autoridades religiosas e não à nação como um todo” (apud BROWN, 2014, v. 1, p. 203). Tal linguagem era típica de debates judaicos internos do primeiro século e podemos vê-la na retórica do evangelho de João quando Yeshua repreende as autoridades judaicas. A retórica dos manuscritos do mar morto também apresenta essa característica. Os rivais eram chamados de filhos das trevas, filhos do abismo e sob o domínio de satanás. Algumas das retóricas dos manuscritos são dirigidas aos fariseus, o próprio *Talmud* que deu continuidade às tradições farisaicas, faz alusão à praga de fariseus b. Sotá 22 b. Assim, as fortes citações encontradas no Novo Testamento a respeito dos fariseus fazem parte do contexto da época.

Brown diz que não podemos esquecer que na Bíblia Hebraica era sempre a liderança religiosa que se opunha às palavras dos profetas, basta ler os livros de Jeremias e Amós. Assim, Yeshua poderia ser uma ameaça como um profeta carismático e realizador de milagres. “Ninguém jamais falou da maneira que esse homem fala!” João 7:32-47 (BROWN, 2014, v. 1, p. 206). Mas nem todos os fariseus eram considerados ímpios ou rebeldes, como José de Arimateia. Alguns estudiosos contemporâneos[99] sugerem que o próprio Yeshua era um fariseu, debatendo com outros fariseus sobre pormenores da lei.

Segundo Brown (2014, v. 1, p. 182), até hoje, a comunidade messiânica sofre com perseguição por parte de alguns ultraortodoxos radicais, mas como disse um *Haredi*[100], após um episódio de violência em Israel: “Não julgue a comunidade inteira pelas ações de uns poucos”.

Sobre o Novo Testamento, Brown (2014, v. 1, p. 193) diz que é um livro 100% judaico, sob todos os aspectos. “Ele nos apresenta as boas novas sobre Yeshua, o Messias judeu, sem contar que todos os seus autores, com exceção de

[99] Por exemplo: James H. Charlesworth e Loren L. Johns, eds., Hillel and Jesus: comparative Studies of Two Major Religious Leadres. Minneapolis: Fortress, 1997.
[100] *Haredi:* significa “temente”, judeu que observa o judaísmo ultraortodoxo.

um, eram judeus". Além disso, ele tem trezentas citações diretas e mais de mil alusões ao *Tanach.*

As escrituras se referem aos israelitas como sendo o povo eleito e escolhido, amados e preciosos aos olhos de Deus, mas também obstinados e rebeldes, alvos especiais de sua ira. O Novo Testamento também retrata o povo dessa forma e mostra que, mesmo tendo rejeitado os mensageiros de Deus, ele nunca seria rejeitado pelo Todo Poderoso. Antes, foram chamados a desempenhar um papel especial em seu plano de redenção da humanidade como um todo.

Como Stern e os demais messiânicos, Brown rejeita a ideia da teologia da substituição. Ele lembra que, segundo João, o destino final de todos os remidos será uma cidade em cujos portões estarão inscritos os nomes das doze tribos de Israel, e seus doze fundamentos levarão os nomes dos doze apóstolos. O próprio apóstolo "Paulo dizia que, sob a perspectiva espiritual, havia muita vantagem – 'em todos os sentidos! – em nascer judeu' (Rm. 3:1-2)" (BROWN, 2014, v. 1, p. 195). Apesar de inúmeros teólogos dizerem que Paulo rejeitou o judaísmo e a lei. A temporária insensibilidade de seu povo trouxe libertação aos gentios para provocar-lhe ciúmes, diz Paulo em Rm. 11, se referindo a Isaias 59:21. Para Paulo, os gentios devem ao povo judeu a participação através do messias nas bênçãos espirituais de Israel.

Ele relata a experiência de Yechiel Lichtein, um rabino húngaro do século XIX que desprezava o cristianismo com toda a força, pois havia testemunhado cristãos cometendo atos de assassinato contra seu povo. Para ele, Cristo era a praga e a maldição dos judeus, a origem e o propagador de perseguições. Um dia, ele resolveu ler o Novo Testamento, que por quarenta anos esteve em seu escritório. Algumas de suas frases relatam a experiência surpreendente:

> [...] assim que comecei minha leitura, fui tomado por um sentimento peculiar de familiaridade e de admiração. Estava procurando por espinhos, porém encontrei rosas [...] em lugar do ódio encontrei amor; no lugar da vingança, perdão [...] Em cada linha do Novo Testamento, em cada palavra ali registrada, podemos enxergar que o espírito judaico emana luz [...]. (apud BROWN, 2014, v. 1, p. 194-195).

Esse rabino acabou se tornando um fiel seguidor de Yeshua apesar das perseguições que sofreu. Muitos eruditos atentam que Yeshua e seus discípulos só podem ser plenamente compreendidos sob o prisma do contexto judaico em que estão inseridos. Um desses eruditos a que Brown se refere é David Flusser, em sua obra *Judaísmo e as Origens do Cristianismo* (2000, v. 1; 2001, v. 2).

Sobre as acusações de deicídio, Brown destaca alguns pontos fundamentais sobre a morte de Yeshua: ele se entregou voluntariamente, morreu pelos pecados da humanidade (I Cor. 15:3); a morte dele foi ordenada pelo próprio Deus antes da fundação do mundo (Ap. 13:8); pessoas se uniram para concretizar essa morte, Herodes[101], Pôncio Pilatos (*goyim*[102], não judeus) e pessoas do povo de Israel (Atos 2:23, 4:27-28); Yeshua proferiu as palavras “Pai, perdoa-lhes, eles não entendem o que estão fazendo” (Lucas 23:34).

Muitos judeus religiosos e mulçumanos pensam erroneamente que os cristãos acreditam em três deuses, este assunto profundamente complexo Brown discute no volume 2 de *As Objeções Judaicas Contra Jesus* (2015), por enquanto, ele apenas conclui que a acusação de deicídio é falsa.

“O verdadeiro problema do Novo Testamento jaz na noção de que Deus desistiu do povo judeu, o qual passou a ser a sinagoga de Satan, visto que foram substituídos pelos cristãos – os verdadeiros judeus e o Novo Israel” (BROWN, 2014, v. 1, p. 216). Essa é uma objeção muito frequente, na verdade, o conceito de Teologia da Substituição é defendido por parte da cristandade, e para Brown é grosseiramente antibíblico.

Para Brown, a polêmica deve ser esclarecida ponto a ponto: primeiramente Paulo explicou a seus leitores que a queda de Israel era temporária e que seu povo estava parcialmente endurecido para que a salvação chegasse aos gentios, e que isso não se referia a todos os judeus, pois os primeiros seguidores eram todos judeus. O próprio Jesus profetizou que as tribos de Israel continuarão fazendo parte dos planos do Eterno (Mateus 19:28). Porém também disse que muitos nascidos no reino serão lançados para fora na escuridão (Mateus 8:11-12). Isso se refere aos que deveriam ter sido os primeiros a reconhecê-lo, mas não o fizeram. Paulo nunca ensinou que a Igreja é o novo Israel. Antes, os gentios que depositaram sua fé no Messias tornaram-se coparticipantes da família de Deus, mesmo ainda permanecendo gentios.

[101] Herodes era filho de mãe árabe e pai idumeu, foi criado na judeia.
[102] *Goym:* plural de *goy,* expressão usada para se referir a um não judeu.

Nos capítulos 9, 10 e 11 de Romanos, Paulo trata os gentios de gentios. Mesmo tendo usado algumas representações espirituais de Israel para referir-se a crentes gentios, Paulo em momento algum disse que a Igreja havia substituído Israel, mesmo que eles sejam retratados como filhos de Deus, a noiva de Deus, o povo escolhido, em nenhuma passagem a Igreja é chamada de Israel. O Israel de Deus não faz alusão à Igreja e os 144 mil selados no Apocalipse, pode se referir à colheita final de judeus do mundo inteiro.

Na epístola de Romanos 2:28-29, em que Paulo diz que aqueles que são judeus exteriormente não são de fato judeus, ao passo que o verdadeiro judeu é aquele que o é interiormente, o contexto diz respeito a Paulo indagando aos judeus que moravam em Roma sobre quem era judeu, o que apenas fez a circuncisão da carne ou a verdadeira circuncisão do coração, aquele que também serve ao Eterno de todo o coração.

Segundo Brown, quando em Apocalipse Yeshua consola os crentes de Esmirna e Filadélfia e se refere aos que são sinagoga do adversário, ele pode estar fazendo referência a um grupo de hebreus negros que se opunham aos judeus e cristãos, dizendo-se os verdadeiros judeus. Sinagoga era o termo grego para lugar de reunião. Também não podemos esquecer que, às vezes no *Tanach*, Israel por sua desobediência era retratado como se não fosse mais povo escolhido. “Porque não sois mais meu povo, e não mais serei vosso Deus! (Oseias 1:9)” (BROWN, 2014, v. 1, p. 221). Os pergaminhos do mar Morto são ainda mais fortes, os que se opunham àquela comunidade eram tratados como parte da congregação de Belial (Satanás). As alegações Talmúdicas a respeito de Yeshua garantem que ele está no Inferno, queimando junto com excremento (b. Guitín 56b-57a).

Brown encerra essa longa objeção dizendo que nunca conheceu um verdadeiro cristão antissemita e que eles ficam horrorizados quando descobrem que muitos judeus acreditam que o Novo Testamento é antissemita.

O segundo volume de *Respondendo Objeções Judaicas Contra Jesus*, aprofunda principalmente as seguintes objeções teológicas: trindade, pecado, sacrifício e aliança. Talvez, a maior das objeções judaicas contra o cristianismo se refira à ideia de trindade. “Nós não acreditamos, sob hipótese alguma,

em três deuses. Nosso Deus é Um, e seu nome é YHVH (Adonai; HaShem)" (BROWN, 2015, v. 2, p. 19).

É importante dizer que entre os messiânicos, a posição de Brown e de David Stern não é uma unanimidade, há grupos que acreditam que Yeshua é o Messias, mas não acreditam na sua natureza divina, exemplo disso é a comunidade Beit El Shamah, localizada em São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Belo Horizonte[103].

Quem é Yeshua? E respondem primeiro dizendo quem ele não é. Para esse grupo de judeus messiânicos Ele não é um Deus, nem uma manifestação de D'us, nem é parte de uma trindade.

> [...] Ieshua foi criado pelo Eterno, e em um sentido mais profundo, é uma alma que saiu da cabeça de Adam Kadmon. Diferente de nós, foi criado antes de Adam Rishon (o primeiro Adão terreno). Veio como um judeu, nascido de pai e mãe judeus, através de uma concepção natural e não da forma mitológica por intervenção angelical como o sistema religioso romano quis transmitir. Ele viveu como judeu, fez a circuncisão, foi resgatado como todo primogênito, seguiu a *Torah* e as demais tradições estabelecidas pelos sábios do povo judeu, e foi sepultado junto aos Justos na Galileia. Veio como Mashiach ben Yossef para oferecer uma expiação pelas almas da Casa de Israel, das 10 tribos do Norte que se dispersaram. Foi morto, como outros judeus, pelas mãos dos romanos. Ele, na qualidade de um Tsadik foi um mártir, e o seu mérito serve para ajudar as pessoas que se conectam ao seu testemunho, a fim de que façam Teshuvá, retornando ao Eterno e a *Torah*. [...]. (SINAGOGA MESSIÂNICA EL SHAMAH, 2005, *on-line*).

Na opinião de Brown, Deus se revelou a nós através de seu filho, o Messias, que é sua própria imagem e reflexo e fala conosco através do seu Espírito. A este conceito, os teólogos deram o nome de trindade, no entanto, ele explica que essa palavra não é mencionada nenhuma vez sequer no Novo Testamento e pode gerar muita confusão. Para esclarecer esse conceito, Brown recorre às escrituras hebraicas e às fontes judaicas que, ao contrário do que se imagina, justificam essa posição:

> Há uma coisa em particular que nenhum cristão está disposto a renunciar: sua plena aceitação do ensinamento bíblico de que Deus é um. Isso é simplesmente inegociável. Trata-se de uma máxima firmemente enraizada nas Escrituras. (BROWN, 2015, v. 2, p. 19).

Entretanto, Deus possui inúmeras facetas e o próprio judaísmo reconhece diferentes aspectos para a pessoa do Eterno.

[103] No site da sinagoga Beit El Shamah (http://www.beitelshamah.com.br) há uma explicação detalhada sobre o posicionamento do grupo.

A principal confissão de fé dos judeus é o *Shemá*, que foi extraído de Deuteronômio 6:4. Em uma versão tradicional lê-se: “Escuta, Israel! O Eterno, nosso Deus, o Eterno é Um!” (BROWN, 2015, v. 2, p. 20). Os judeus messiânicos costumam alegar que a palavra hebraica para “um” (*echád*) usada nessa passagem significa, na verdade, uma unidade composta e os judeus tradicionais dizem que *echád* significa uma unidade absoluta. Da mesma forma que a palavra “um” em português pode se referir a um casal, um time, ela nem sempre faz alusões a unidades compostas. Por outro lado, para Brown, a palavra *echád* jamais poderia exprimir a ideia de unidade absoluta. Ele lembra que Maimônides disse que o povo judeu precisa acreditar que Deus é um *yachid*, ou seja, uma unidade “única e singular”, ele provavelmente disse isso em oposição ao conceito cristão.

Fazendo uma análise do uso da expressão *echád* ao longo da bíblia hebraica, Brown destaca algumas passagens em que está claro o significado de unidade composta, por exemplo: Gn.2:24, na qual lemos que o homem se uniu à sua mulher, tornando-se os dois “uma (*echád*) carne”; Êx.36:13, Deus instrui Moisés a unir diversas peças do Tabernáculo a fim de que se tornasse “um” (*echád*); também em Êx.26:6,11;38:18, existem diversos elementos, mas um tabernáculo só; a Bíblia também se refere ao povo de Israel como sendo “uma nação” (*goy echád*), II Sm.7:23 e Ez.37:22; o povo que se juntou para construir a torre de Babel foi chamado de “*am echád*” em Gn. 11:6; a união de Siquem com os israelitas teria formado um povo só “*am echád*”, Gn.34:16,22.

Para Brown, dizer que YHVH, o Deus de Israel é *echád* não nos revela a essência de sua natureza, questão que, aliás, não era objeto de preocupação naquela época, a verdadeira preocupação era a idolatria e a instituição de falsos deuses cultuados em todo o próximo oriente naquele período. O *Shemá* foi instituído não para abordar questões filosóficas, mas instituir o Eterno como único Deus. *Echád* também pode ser usado no sentido de “apenas ele”, “somente ele”, como em I Cron. 29:1, referindo-se a Salomão como somente o escolhido. A interpretação de dois comentaristas bíblicos da Idade Média, Avraham Éven Ezrá e Rashbam (Rabi Sh’muêl ben Meir) para Dt 6:4, é: “Ouve, ó Israel! O Eterno é o nosso Deus”. Moshé Weinfeld, erudito judeu, por razões técnicas e gramaticais sugere a tradução: “Ouve, ó Israel! YHVH, o nosso Deus, é um YHVH”, ele acredita que o propósito

central de Deuteronômio era enfatizar que somente o Eterno deveria ser o Deus de Israel. Para ele, em I Cron. 29:1, a palavra *echád* sugere exclusividade.

Ainda, segundo o autor, há conceitos místicos no judaísmo que devem ser considerados nessa discussão, como o das dez *Sefirót*[104], que são as emanações divinas que atuam como "intermediárias ou elos entre o criador – completamente espiritual e incognoscível - e o mundo físico" (BROWN, 2015, v. 2, p. 24).

Os judeus místicos explicam que:

> Deus e as *Sefirót* funcionam como um homem e seu corpo: diversos membros, porém, um único homem. Ou, para dar-lhe exemplo, pense em uma arvore: há um único tronco central, porém, diversos galhos. Existe tanta unidade como pluralidade: na árvore, no corpo e também em Deus. (BROWN, 2015, v. 2, p. 24).

Brown (2015, v. 2, p. 25) também se refere a um conceito do Zohar[105], o *razá dit 'latá* (o mistério dos três), existem cinco expressões no Zohar que fazem alusão a vários aspectos da natureza tríplice do Eterno, ou seja, "três cabeças, três espíritos, três formas de revelação, três nomes e três sombras de interpretação".

Ao longo dos séculos, os cristãos têm olhado para algumas passagens em que podem supor que Deus é uma unidade composta: Deus é chamado de Elohim (plural), em Gn 1:26; Deus diz: "Façamos o homem a nossa imagem e semelhança"; em Gn 3:22, "Eis que o homem se tornou como um de Nós"; em Gn 11:7 ele diz: "Vinde, desçamos e confundamos ali a sua língua" e em Is 6:8,diz: "A quem enviarei, quem há de ir por nós? ".

---

[104] *Sefirót*: "As dez estruturas divinas que fizeram surgir o mundo através da Emanação e constituem os diferentes níveis da realidade. *Sefirót* são mencionadas no *Sefer Ietsirá*, desenvolvidas no *Sefer há-BAHIR* e atingem sua expressão plena no *Zohar*, sob diferentes designações, e na Cabala luriânica. As dez *sefirot* formam uma unidade e não devem ser pensadas como entidades separadas. A *sefirá* mais elevada é *Keter*, a 'cora' [...] Houve considerável discordância entre escolas cabalísticas quanto a se as *sefirot* eram realmente parte da Divindade ou meros veículos para que o Divino fluísse através deles." (ULTERMAN, 1992, p. 23).

[105] *Zohar:* (hebraico, significa esplendor). Principal obra da Cabala, escrita como um *midrash* da Bíblia em aramaico. O *Zohar* é atribuído aos seguidores de Simão Bar Iochai (séc. II), que registrou os ensinamentos místicos que aprendera de Elias durante os anos em que vivei escondido em uma caverna. O texto só foi publicado no séc. XIII por Moisés De Leon, que alegou estar de posse de um antigo manuscrito enviado da Terra Santa à Espanha por Nachmanides. Quando se tentou obter esse manuscrito, após a morte de De Leon, sua mulher admitiu que ele não existia, e alegou que seu marido atribuía seus próprios escritos a Simão Bar Iochai para poder vende-los aos interessados em textos místicos antigos. Estudiosos modernos têm aceitado que De Leon escreveu a maior parte do Zohar, pois ele manifesta a influência da cultura espanhola. O *Zohar* descreve a realidade esotérica subjacente na experiência cotidiana. (ULTERMAN, 1992, p. 273).
Midrash: método homilético de interpretação bíblica no qual o texto é explicado diferentemente de seu significado literal. *Midrash* também é o nome dado a várias coleções de tais comentários bíblicos, compilados da Torá Oral (ULTERMAN, 1992, p. 174).

No entanto, Brown lembra que os rabinos no Talmud (b. Sanhedrin 38b) dizem que sempre que uma forma plural é usada, segue-se uma forma singular, por exemplo: Deus (*Elohim*) criou (*bará*). Ele também lembra que plurais compostos eram usados com frequência para descrever líderes, donos, senhores e poderosos, seria uma expressão de proeminência. Desta forma, o autor conclui:

> [...] essas passagens bíblicas podem referir-se à pluralidade de Deus ou à diversidade dentro da unidade, porém, outras explicações também são plausíveis. Esses versículos estão em plena concordância com as crenças trinitarianas, e podem fundamentá-las com facilidade. Todavia, não podem prová-las. Em contrapartida, esses versículos não excluem, de forma alguma, tais crenças. (BROWN, 2015, v. 2, p. 26).

Mais à frente, Brown (2015, v. 2,) exemplifica a complexidade do assunto com o conceito chassídico de que Deus está em uma desunidade, ou seja, sua *Sh'chiná*[106], Presença Divina, que se refere aos aspectos femininos e materiais de Deus, está em busca de se unir com a *Tiferet,* a *Sefirá*[107] da glória ou beleza, aspecto masculino.

Os pecados de Israel atrapalham essa união e impedem a reunificação dos mundos, um pré-requisito essencial para a manifestação do reino de Deus. A pergunta é: A *Sh'chiná* e a *Tiferet* são Deus? E a *Minrá*[108], a palavra de Deus que criou todas as coisas, é Deus? Brown diz que já recebeu dos rabinos diferentes

---

[106] *Sh'chiná* ou *Shechiná*: (hebraico, significa 'morada em'). A presença divina, ou imanência de Deus. "*Shechiná* frequentemente usada como mero sinônimo de Deus, mas foi considerada por alguns filósofos judeus uma entidade separada, um ser criado de luz, que entra em contrato com o homem. O tabernáculo no deserto e o Primeiro Templo em Jerusalém foram lugares de morada da *Shechiná*, mas Deus não morou no Segundo Templo. O exílio de Israel fez a própria *Shechiná* ir para o exílio, pois ela mora com a comunidade de Israel mesmo em sua impureza." (ULTERMAN, 1992, p. 241).

[107] *Tiferet:* é a sexta *sefirá* da árvore da vida da Cabala e significa beleza. Seria a força que integra a *Chesed* (compaixão ou amor) e a *Geburah* (severidade ou julgamento) para que juntas manifestem a energia divina.

[108] *Mimrá:* "Os rabinos levam esse conceito muito mais além. Uma vez que Deus era visto, de certa forma, como intocável, foi necessário que se providenciasse uma conexão entre o Eterno e sua criação terrena. Gênesis 1, quando Deus disse e o mundo material veio à existência. Podemos encontrar esse conceito da *Mimrá* centenas de vezes nos *targunim* aramaicos, ou seja, nas traduções e paráfrases da Bíblia Hebraica que eram lidas nas sinagogas antes, durante e depois da época de Yeshua." (BROWN, 2015, v. 2, p. 35). "Semana após semana, o povo ouvia sobre essa Palavra que passeava, falava, criava, salvava e libertava – uma Palavra que era o próprio Deus de Jacob" (BROWN, 2015, v. 2, p. 38). "Muito embora *Yochanan* [João, discípulo de Jesus], sendo um judeu da Galileia, estivesse completamente familiarizado com o conceito aramaico de *Mimrá,* escreveu seu livro de boas-novas em grego, e o termo grego que ele usou para a 'palavra' foi Logos." (BROWN, 2015, v. 2, p. 39). E Filon de Alexandria usou o conceito de Logos conforme o *Oxford Dictionary of Jewish Religion*: "O conceito foi apropriado por Filon com o fim de preencher a lacuna entre o Deus transcendental do Judaísmo e o princípio divino experimentado pelos seres humanos. Esse entendimento do Logos como um princípio mediador entre Deus e a criação material poderia se alinhar com as referências bíblicas à 'criadora Palavra de Deus', pela qual os céus foram feitos (Sl. 33:6) e com o conceito da *Mimrá* (aramaico: 'palavra') na literatura Targúmica (principalmente no Targum de Ônkelos)." (BROWN, 2015, v. 2, p. 39).

respostas para esta mesma pergunta, para ele são questões teológicas e filosóficas profundas, mas sua posição pessoal é:

> A Bíblia Hebraica não ensina – em nenhum lugar – que o único Deus verdadeiro seja uma unidade absoluta. Antes, há diversas indicações sugerindo que a unidade do todo-Poderoso seja, na verdade, complexa e composta. (BROWN, 2015, v. 2, p. 31).

Contudo, as objeções prosseguem: “O deus de vocês usava fraldas, mas o nosso Deus está entronizado nos Céus”, ou “Você afirma que Jesus é Deus, porém, a Bíblia diz: “Deus não é homem” (Nm 23:19). Logo, a sua fé contradiz as Escrituras”. A esta objeção, Brown (2015, v. 2, p. 57) responde:

> Nós acreditamos que o Filho de Deus é tanto divino quanto eterno, e não criado. Quando ele veio ao mundo, vestiu-se de natureza humana, e, daquele ponto em diante, temo-lo conhecido como Yeshua – um carpinteiro judeu, rabino, Messias e Salvador do mundo.

Para mostrar a abrangência do conceito bíblico de ‘filho’, o autor percorre uma série de trechos bíblicos nos quais a expressão é usada e identifica três situações distintas, em que a expressão ‘filho de Deus’ aparece. A primeira situação se refere a Reis, e ao próprio povo de Israel, com um sentido de adoção; a segunda situação se refere a indivíduos especialmente obedientes; e a terceira se refere a anjos.

> Contudo, nem anjos, nem o rei, nem mesmo o povo de Israel eram literalmente filhos de Deus – como se o Eterno, à semelhança dos deuses da mitologia pagã, tivesse se associado a uma deusa que, depois, lhe deu à luz filhos e filhas. Infelizmente, muitos estudiosos judeus ainda acreditam que nós – judeus messiânicos e cristãos gentios – interpretamos o conceito de Jesus como ‘filho de Deus’ de forma grotescamente literal, e alguns segmentos da igreja podem muito bem ter contribuído para isso. É imperativo, portanto, que deixemos muito claro em que aspectos o Messias é o Filho de Deus. (BROWN, 2015, v. 2, p. 58).

O autor destaca uma série de passagens sobre a filiação dos reis israelitas, alguns exemplos: 2 Sm 7:14, “Eu lhe serei como um pai e ele Me será como um filho” Sl 2:7, “Proclamarei o que me diz o Eterno: ‘Tu és Meu filho, hoje te gerei’”. Este tipo de declaração foi feita por profetas durante cerimônias de coroação ao longo da história do povo israelita. Eles colocavam tanto Deus como o seu rei ungido como dignos de louvor e, assim, todas as nações deveriam aclamar e exaltar seus nomes. Era dito a respeito do Rei: “Que ante ele se prostrem todos os reis e que o sirvam todos os povos” (Sl 72:11), “Porei sua mão sobre os mares; sua destra sobre os rios [...] e seu trono preservarei como os dias do céus” (Sl 89:26,30). Desta forma, é possível constatar que na bíblia hebraica:

> [...] o rei davídico foi chamado de filho de Deus e primogênito, sem contar que foi descrito como gerado pelo próprio Eterno. Por que, então, seria de admirar que tais coisas fossem ditas acerca do supremo rei davídico e verdadeiro 'filho de Deus', o Messias? (BROWN, 2015, v. 2, p. 59).

Segundo Brown (2015, v. 2, p. 59), as escrituras afirmam que na Era Messiânica o povo judeu "servirá ao Eterno, seu Deus, e a David, o rei que para eles estabelecerei" (Jr 30:9). Para o autor, é um fato incontestável que as palavras de adoração, louvor, serviço, glorificação e prostração usadas para se referir ao Eterno também foram usadas para se referir ao Messias, o rei davídico por excelência. Para ele, o texto de Ap. 5:13[109] representa o cumprimento daquilo que foi profetizado nos Salmos: "Todos os povos louvarão e glorificarão o Eterno e seu Ungido, o Messias"; "Se você realmente aderir às palavras da Bíblia Hebraica, não terá nenhum problema em aderir às palavras de Yeshua e de seus emissários, as quais se encontram registradas na Nova Aliança" (BROWN, 2015, v. 2, p. 60).

Este tipo de abordagem do autor parece com as características dos messiânicos, a referência primeira é a escritura hebraica e a partir dela o Messias se revela:

> Existiram muitos reis davídicos na história de Israel, alguns dos quais se destacaram por sua natureza - David, Salomão, Ezequias e Josias -, e é muito provável que cada um deles tenha sido chamado de filho de Deus, mas nenhum deles se assentou à mão direita de Deus (Salmo 110), nenhum foi (ou é) adorado e glorificado por pessoas de toda língua e nação (Daniel 7), e apenas Yeshua, o qual se denominou tanto 'filho do homem' como 'Filho de Deus', retornará com as nuvens do Céu (mais uma vez, Daniel 7). É ele quem cumpre o que foi profetizado acerca do rei davídico, o ungido (*mashiach*) do Eterno, nos Profetas e nos Salmos. (BROWN, 2015, v. 2, p. 62)

Sobre o Salmo 45:3,5,7 e 8, como um rei terreno pode ser chamado de Elohim?

> Tu és belo entre os homens; graciosas palavras fluem de teus lábios. Que Elohim te abençoe para sempre [...]. Em tua majestade, cavalgas vitoriosamente pela verdade, mansidão e justiça. Que tua mão direita te ensine coisas impressionantes [...]. Teu trono, ó Elohim, durará para todo o sempre. Dominas teu reino com o cetro da equidade. Amas a retidão e odeias a iniquidade. Assim, Elohim, te [ungiu] com o óleo do júbilo em lugar de teus companheiros. (BROWN, 2015, v. 2, p. 62-63).

Para Brown, este salmo foi originalmente dirigido a um "filho de Deus" humano e só mais tarde veio a ser aplicado, em um sentido pleno, a Yeshua, o último e supremo rei davídico. Infelizmente, muitos eruditos judeus costumam forçar

[109] "E ouvi todas as criaturas no céu, na terra, debaixo da terra e no mar – sim, tudo o que neles há – dizerem: 'Àquele que está assentado no trono e ao Cordeiro pertencem o louvor, a honra, a glória e o poder, para todo o sempre! (Ap. 5:13)." (BROWN, 2015, v. 2, p. 60).

a tradução de palavras-chave a fim de evitar as implicações do texto e, por outro lado, os acadêmicos cristãos não consideram o contexto original do salmo, que foi dirigido primeiramente a um rei terreno. Ele justifica a sua conclusão da seguinte forma:

> A palavra Elohim pode significar Deus, deus, deuses ou até mesmo anjos, sempre com a conotação de 'seres divinos'. Vale a pena lembrar que, no Antigo Oriente próximo, os próprios reis da Mesopotâmia e do Egito eram considerados deuses. Esse, porém, não era o caso de Israel. O rei davídico era um ser humano, altamente exaltado e reconhecido como um filho de Deus singular. Aqui, no Salmo 45, a língua hebraica é levada ao seu limite, caracterizando o rei davídico como Elohim, um 'ser divino'. No entanto, embora se trate de um conceito bastante ousado, ele acaba servindo como uma perfeita introdução à filiação divina do Messias. Ele sim pode ser chamado de Elohim! Logo, essa passagem se aplica, em um sentido limitado, ao rei davídico terreno, ao passo que em seu sentido pleno, aplica-se a Yeshua, o Messias davídico. (BROWN, 2015, v. 2, p. 64).[110]

Assim, toda vez que um rei assumia o trono, uma cerimônia era realizada onde, entre outras coisas, o governo sobre todo o mundo era prometido. No entanto, o rei sempre falhava em atingir expectativas tão altas e a frustração era inevitável. Contudo, como as palavras de Deus poderiam deixar de se cumprir? Esse tipo de inquietação, segundo Brown, levou o povo a aguardar pela manifestação do grande filho de David, o ungido (*mashiach*) por excelência. O mesmo princípio se aplicaria a Is. 9:6-7 [5-6], que é uma proclamação profética sobre o nascimento de um novo rei davídico, cujo reinado duraria eternamente.

> Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, e o governo está sobre os seus ombros. E ele será chamado Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz. Ele estenderá o seu domínio, e haverá paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, estabelecido e mantido com justiça e retidão, desde agora e para sempre. O zelo do Senhor dos Exércitos fará isso (Versão NVI). (BROWN, 2015, v. 2, p. 65).

O único rei piedoso daquele período foi Ezequias, que não correspondeu às profecias anunciadas. Antes de falecer, o profeta Isaías lhe disse que seus descendentes seriam levados cativos à Babilônia (Is.39). Para alguns intérpretes, judeus e cristãos, o texto se trata de uma autêntica profecia messiânica. Conforme o autor, o Targum de Yonatán ben Uziel chama a criança explicitamente de Messias, desta forma, as palavras que podem ter sido ditas ao rei que nasceu nos dias de

[110] "De acordo com John J. Collins, um dos maiores especialistas nos Pergaminhos do Mar Morto de todo o mundo, 'Se considerarmos a própria Bíblia Hebraica, havia insinuações de divindade em alguns dos salmos de realeza, sobretudo em Sl. 45:6[7], onde o rei é chamado de Elohim'. Confira seu importante estudo intitulado *The Scepter and the Star: The Messiahs of the Dead Sea Scrolls and Other Ancient Literature* (O Cetro e a Estrela: Os Messias dos Pergaminhos do Mar Morto e de Outros Textos Antigos) (New York: Doubleday, 1995)." (BROWN, 2015, v. 2, p. 304).

Isaías, não se cumpriram naquele tempo e só atingiram seu objetivo quando o Messias veio ao mundo. E concluindo, para Brown (2015, v. 2, p. 68):

> Longe de ser um conceito idólatra, a doutrina do Novo Testamento sobre o Filho de Deus, não passa da concretização do sonho dos profetas e salmistas de Israel – o cumprimento das Escrituras Hebraicas; a esperança da humanidade.

Ainda há mais um ponto sobre a Trindade a ser esclarecido, a questão do Espírito Santo. A Bíblia hebraica faz diferentes alusões ao Espírito de Deus, vejamos algumas: o Espírito do Eterno sendo derramado (Joel 2:28[3:1]); quando os filhos de Israel pecaram no deserto na verdade foi contra o Espírito de Deus (Sl. 1006:32-33); a rebelião contra o Santo Espírito (Is 63:10); Neemias faz referência a atuação do Espírito durante a peregrinação no deserto, foi ele que se manifestou na nuvem de dia e na coluna de fogo à noite (Ne 9:19-20); o Espírito de Deus instruía os israelitas no deserto (Sl 1004:30, Sl 143:10 e Zc 7:12); o Espírito pode ser dado e tirado (Sl. 51:9-11), e muitas outras. Mas, o "'Espírito de Deus' e 'Deus' são a mesma coisa?" (BROWN, 2015, v. 2, p. 75).

O autor explica que é possível concluir que o Espírito é o Espírito do próprio Deus e não uma entidade separada, o Eterno nos toca, ensina, capacita e interage através de seu Espírito.

> Deus habita entre nós por meio de seu Espírito (de certa forma, como vemos em Sl 139:7, o Espírito de Deus é a sua presença, a qual se encontra em toda a Terra). Por um lado, o Eterno está assentado sobre o trono, nos altos Céus, separado da Terra. Por outro, está intimamente envolvido com os afazeres diários, bem aqui em nosso meio. (BROWN, 2015, v. 2, p. 76).

Ele ressalta que não há nada de antibíblico no ensinamento neotestamentário sobre o Espírito Santo e que qualquer judeu-ortodoxo poderá encontrar conceitos surpreendentemente similares na literatura rabínica.

É comum, quando se fala das diferenças entre o cristianismo e o judaísmo, que se caracterize a última como uma religião da 'prática' e a primeira como uma religião da 'fé'. Brown aborda essa ideia como mais uma objeção judaica que se origina numa compreensão equivocada, por parte de judeus e cristãos, acerca da relação entre obras e fé.

Para o autor, o Novo Testamento é enfático ao ensinar que, sem obras, a fé está morta, por outro lado, sem fé, as obras jamais serão significativas. Da mesma forma, na Bíblia Hebraica as duas coisas também são inseparáveis.

“A verdadeira fé é marcada por boas ações, e boas ações são o resultado natural da verdadeira fé” (BROWN, 2015, v. 2, p. 83). Para o autor, não é possível alguém se dedicar a obedecer cautelosamente aos preceitos de Deus sem antes crer que Ele existe e que de fato foi Ele que nos deu tais instruções para a vida, assim, o relacionamento com Deus começa pela fé.

> Foi assim que o Eterno lidou com o nosso povo no passado. Ele libertou os nossos antepassados do Egito com mão forte e braço estendido, revelando-se como o único Deus verdadeiro – e só depois nos outorgou leis e estatutos. (BROWN, 2015, v. 2, p. 85).

Quando o povo forjou o bezerro de ouro no deserto, demonstrou sua falta de fé na capacidade de Deus em conduzi-los à terra prometida, assim, as várias manifestações de incredulidade do povo israelita ao longo da história e as seguidas falhas em confiar no Eterno causaram inúmeras consequências, observa Brown (2015, v. 2, p. 87): ”[...] fé e obediência, assim como incredulidade e desobediência, sempre andam de mãos dadas”.

Mas qual foi o número de mandamentos que Deus deu ao povo judeu? O Rabí Simlai estipula o número de *mitsvót*[111] em 613, sendo 365 *mitsvót* negativas (mandamentos “não farás”, um para cada dia do ano) e 248 *mitsvót* positivas (mandamentos “farás”, um para cada osso do corpo humano). Este número, porém, gerou uma discussão entre os sábios talmúdicos e Brown traduz essa discussão. Resumidamente podemos dizer que: David estabeleceu onze mandamentos, Isaías veio e determinou que os mandamentos são seis, Michá [Miqueias] fixou três e Habacuc (para Rav. Nachman bar Ytschák, foi *Amós*) resumiu todos em um e este é: “O justo, porém, sobreviverá por sua fé” (Hc 2:4).

Brown (2015, v. 2, p. 88) lembra que foi isto que Paulo, ensinou aos crentes gentios que viviam em Roma: “Como diz o *Tanach*: ‘Mas a pessoa que é justa viverá sua vida por meio da confiança’ [i.e. fé] Rm 1:16-17”. Paulo teria usado este versículo da Bíblia Hebraica para ensinar que tanto os judeus como os gentios são justificados diante de Deus por meio da fé, ao passo que o *Talmud* cita esse mesmo texto como uma síntese de todos os outros mandamentos da *Torah*. Assim, conclui Brown, na *Torah*, fé, justificação e obediência andam de mãos dadas.

[111] *Mitsvot*: plural da palavra *mitsvá*, i.e., mandamentos.

Ao pensar sobre o posicionamento de Brown, não podemos esquecer que a discussão entre fé e obras é desde o início do cristianismo um debate crucial, como indaga Lopes (2006, p. 83): “[...] qual é exatamente a posição da lei de Moisés dentro da nova dispensação da graça? Não se trata de uma discussão teológica sem valor prático. Várias alternativas práticas dependem das respostas”.

A interpretação mais tradicional, segundo Lopes (2006), está representada no liberalismo luterano alemão de Rudolph Bultmann que argumenta que Paulo fala de forma negativa sobre a lei e sobre as ‘obras da lei’ porque ambas levam à autoconfiança e à justiça própria. Para Bultmann (apud LOPES, 2006, p. 83), até os esforços de guardar a lei são pecaminosos. Tal posicionamento tradicional protestante, que usa os óculos de Lutero, segundo Krister Stendahl[112], colocou parte da cristandade na oposição ao judaísmo tradicional, que valoriza o cumprimento dos mandamentos em primeiro lugar, até mesmo antes da fé. Será que a natureza da justificação é intrinsicamente antijudaica? Será que Paulo, o primeiro grande teólogo da justificação é o responsável por tudo o que se seguiu de antijudaico?

Há um certo pensamento tradicional protestante que lê Paulo como opositor do judaísmo e do farisaísmo, mas sabemos que existem outras formas interpretativas, a mais recente é conhecida como Nova Perspectiva sobre Paulo que alega que a Igreja o interpretou erroneamente e que o judaísmo do primeiro século não era uma religião legalista, mas da Graça. Para eles, a oposição de Paulo poderia ter se dado porque as obras da lei marcavam uma identidade cultural que acabava por distanciar judeus e gentios. Para Wright (2009), Paulo reelabora a crítica judaica do império pagão.

Continuando com Brown, uma vez que o Cristianismo histórico sempre enfatizou o crer, é possível que ele gere profissões de fé vãs, sem a presença de obras, o que acabaria tornando-o uma religião morta. Semelhantemente, o judaísmo tradicional, com sua ênfase nos mandamentos, pode produzir obras hipócritas desprovidas de uma fé viva, o que, por sua vez, também acabaria tornando-o uma religião morta. Ambos os extremos devem ser evitados, e o padrão bíblico, aderido: A verdadeira fé será acompanhada de boas obras. É assim que você poderá desfrutar de uma vida justa aos olhos do Eterno (BROWN, 2015, v. 2, p. 89).

[112] “Krister Stendahl lançou a famosa tese de que a interpretação tradicional usa os óculos de Lutero para interpretar Paulo.” (LOPES, 2006, p. 85).

Vale a pena lembrar que o judaísmo sempre deu importância a profissões de fé, embora não na mesma proporção que a igreja o fez no decorrer da história.

> Há séculos que judeus de todo o mundo recitam a declaração de fé de Maimônides (organizada na forma de Treze Princípios do Judaísmo[113]) em suas orações diárias. Portanto, seria um grande exagero negar a importância da fé no Judaísmo tradicional, bem como a importância das boas obras na vida de um verdadeiro discípulo de Yeshua. (BROWN, 2015, v. 2, p. 90).

Para Brown, no entanto, há algo de paradoxal no questionamento que parte da comunidade judaica faz aos messiânicos: “Se Jesus é realmente o Messias judeu, por que, então, vocês pararam de guardar a Torá?”.

Ao que Brown (2015, v. 2, p. 90) responde: “Nós não paramos de guardar a Torah. Na verdade, seguir Yeshua acabou fortalecendo o nosso desejo de viver conforme os mandamentos da Torah”. Entretanto, depois, eles replicam:

> Vocês são um bando de hipócritas e enganadores! Toda essa história de observância da Torah não passa de uma fachada para seduzir judeus inocentes e desprevenidos com o objetivo de convertê-los ao Cristianismo. De jeito nenhum! Pelo contrário, o Novo Testamento ensina, explicitamente, que a fé não anula a Lei, mas a confirma (veja Rm.3:31). (BROWN, 2015, v. 2, p. 90).

Concluindo, o autor afirma que a fé messiânica e o judaísmo tradicional são religiões tanto de graça como de boas obras; tanto de fé como de mandamentos, tendo a primeira uma ênfase na graça e na fé, sem minimizar os mandamentos e as obras e a segunda uma ênfase nos mandamentos e nas boas obras, sem minimizar a graça e a fé.

---

[113] O Rambam (Maimônides) escreveu os 13 Princípios da Fé, "Ani Maamin" – Creio plenamente:
1) creio plenamente que D’us é o Criador e guia de todos os seres, ou seja, que só Ele fez, faz e fará tudo. 2) creio plenamente que o Criador é um e único; que não existe unidade de qualquer forma igual à d’Ele; e que somente Ele é nosso D’us, foi e será. 3) creio plenamente que o Criador é incorpóreo e que está isento de qualquer propriedade antropomórfica. 4) creio plenamente que o Criador foi o primeiro (nada existiu antes d’Ele) e que será o último (nada existirá depois d’Ele). 5) creio plenamente que o Criador é o único a quem é apropriado rezar, e que é proibido dirigir preces a qualquer outra entidade. 6) creio plenamente que todas as palavras dos profetas são verdadeiras. 7) creio plenamente que a profecia de Moshê Rabeinu é verídica, e que ele foi o pai dos profetas, tanto dos que o precederam como dos que o sucederam. 8) creio plenamente que toda a Torá que agora possuímos foi dada pelo Criador a Moshê Rabênu. 9) creio plenamente que esta Torá não será modificada e nem haverá outra ortorgada pelo Criador. 10) creio plenamente que o Criador conhece todos os atos e pensamentos dos seres humanos, eis que está escrito: "Ele forma os corações de todos e percebe todas as suas ações" (Tehilim 33:15). 11) creio plenamente que o Criador recompensa aqueles que cumprem os Seus mandamentos, e pune os que transgridem suas leis. 12) creio plenamente na vinda do Mashiach e, embora ele possa demorar, aguardo todos os dias a sua chegada. 13) creio plenamente que haverá a ressurreição dos mortos quando for a vontade do Criador.

Praticar a justiça e a integridade é mais aceitável a Deus que qualquer sacrifício! Esta é mais uma objeção comum à teologia do Novo Testamento, e Brown aborda o tema extensamente, desde o estabelecimento dos sacrifícios, suas diversas modalidades, condições e aplicabilidades, até o sacrifício expiatório do Messias, assim, ele mostra a importância desse assunto para a compreensão da fé messiânica.

O primeiro aspecto que ele aborda é a supremacia da prática da integridade e da justiça sobre qualquer sacrifício. Os antimissionários costumam alegar que a *Torah* diz que obedecer é melhor do que sacrificar (Sm. 15:22). Este argumento tem como objetivo questionar a centralidade do sacrifício do Yeshua na teologia messiânica e cristã. Para Brown, os versículos citados pelos antimissionários não diminuem a importância dos sacrifícios, na verdade, o *Tanach* ensina que Deus se opõe à hipocrisia religiosa e à observância formal e meramente externa de rituais religiosos.

> Em vez de pecarmos, arrependermo-nos, e então, oferecermos um sacrifício por nossos pecados, Ele simplesmente prefere que sigamos os seus conselhos. A triste realidade é que todos nós pecamos gravemente, e todos nós precisamos de expiação por nossos pecados – ninguém pode negar este é um assunto ensinado e ratificado, vez após vez, pelas Escrituras Hebraicas. (BROWN, 2015, v. 2, p. 92-93).

Outro aspecto dessa objeção é a ideia de que os judeus messiânicos se concentram apenas em crer que Yeshua se entregou como perfeito sacrifício e não se preocupam mais em viver com moralidade, pois isso não teria mais importância, uma vez que os pecados já estariam pagos.

Para Brown, não há nenhum fundamento em tal discussão, o que de fato o *Tanach* diz é que o sacrifício e qualquer outra atividade religiosa oferecida pelo iníquo é uma abominação, é isto que ensinam Pv.15:8 e 21:17. O problema também não está no conceito de arrependimento, pois a tradição rabínica também ensina que ele deve ser sincero – “Aquele que diz Pecarei [agora], mas [depois] me arrependerei. Pecarei [agora], mas [depois] me arrependerei” (BROWN, 2015 v. 2, p. 94) – o problema é a hipocrisia religiosa.

“Deus preza muito mais por uma vida de justiça e retidão do que por uma vida de mentira, traição, roubo, ódio e promiscuidade acompanhada de jejum, oração, arrependimento e sacrifícios. Ele prefere obediência.” (BROWN, 2015, v. 2, p. 94).

Contudo, alguns alegam:

> Os profetas foram incisivos ao dizer que Deus não tinha prazer em sacrifícios de sangue. Na verdade, eles praticamente repudiaram todo o sistema sacrificial, ensinando-nos que o arrependimento e a oração eram suficientes. Os rabinos Talmúdicos simplesmente corroboram essa verdade bíblica. (BROWN, 2015, v. 2, p. 95).

Para Brown, os rabinos podem ter ensinado isto, mas não os profetas, essa objeção é um desdobramento da anterior. Os profetas nunca contrariariam Moisés, eles apenas repudiaram a hipocrisia religiosa. Os livros proféticos possuem inúmeras reprimendas que atestam que o Eterno rejeitou os sacrifícios e as ofertas trazidas pelo seu povo, da mesma forma as orações e os *shabatot*[114] realizados de forma vazia, irresponsável, com o coração longe de Deus e uma conduta não íntegra. Isto não significa que Deus aboliu as orações, *shabatot* e sacrifícios.

Sendo assim, os profetas ensinaram que os sacrifícios oferecidos sem justiça e misericórdia eram vãos, e que as oferendas apresentadas sem arrependimento e contrição eram inaceitáveis. Quanto a isso, todos nós – os profetas, os judeus tradicionais e os judeus messiânicos – estamos de acordo (BROWN, 2014, v. 1, p. 96).

Há um argumento antimissionário que, com base no texto de Michá [Miqueias] 6:6-8, diz: “Os profetas declaram ao povo judeu, em alto e bom som, que a oração contrita feita pelo pecador penitente substitui o sistema sacrificial” (BROWN, 2014, v. 1, p. 99).

Para Brown (2015, v. 2, p. 101), não há nenhuma possibilidade de que os judeus vivendo nos dias de Miqueias pensassem que ele estivesse dizendo: “Esqueçam a Lei de Moisés! Joguem fora a Torá! Não observem mais o dia da Expiação! Ignorem o cordeiro de *Pessach*! Esqueçam essa história de ofertas diárias! Livrem-se dos sacerdotes e de seus sacrifícios”.

Antes, é importante entender que a linguagem dos profetas costumava ser uma linguagem de “ou isso ou aquilo” para enfatizar a mensagem. É por isso, segundo Brown, que Hoshêa (Oséias) disse em nome do Eterno:

> ‘Pois o Meu desejo é benevolência, e não sacrifício; é conhecimento de Deus, e não ofertas de elevação!’ (Os.6:6), quando na realidade, o Todo Poderoso esperava *tanto* benevolência quanto sacrifícios, tanto conhecimento de Deus quanto ofertas de elevação. (BROWN, 2015, v. 2, p. 101).

[114] *Shabatot:* plural de *Shabat.*

Para corroborar seu ponto de vista, Brown cita, entre outros, o Dr. J. H. Hertz, grão-rabino do antigo Império Britânico e autor do comentário inglês da *Torah* mais usado em sinagogas conservadoras de todo o mundo. No tocante à má compreensão generalizada em relação à atitude dos profetas para com o culto sacrificial, Hertz escreve:

> Os profetas nunca procuraram alterar ou abolir os rituais religiosos em si mesmos. Eles não eram tão implacáveis a ponto de exigir que as pessoas adorassem a Deus sem o auxílio de um simbolismo exterior. Seu protesto resumia-se tão somente à tendência fatal de limitar a religião a esses símbolos exteriores, supervalorizando os sacrifícios em detrimento da justiça, da misericórdia e da pureza – para não mencionar a monstruosa impiedade com a qual os sacrifícios eram oferecidos. (apud BROWN, 2015, v. 2, p. 109-110).

E ainda nas palavras de Abraham Joshua Heschel:

> Os sacrifícios são a força e a medida da piedade, e atuam quando Deus e os homens se encontram – tudo isso deveria ser considerado detestável? É mais do que evidente que os profetas não condenaram a prática de sacrifícios propriamente dita. Doutra sorte, poderíamos concluir que Isaias estava desencorajando a prática da oração (Is.1:14-15). O que eles fizeram, porém, foi alegar que os atos de injustiça violam tanto a oração quanto o sacrifício. As pessoas não podem abafar o clamor dos oprimidos com o estrépito de cânticos, nem tampouco subornar o Eterno com uma multidão de oferendas. Os profetas depreciavam o culto quando este se tornava um substituto da justiça. Era justamente o reconhecimento implícito do valor do culto que intensificava a insistência profética de que há algo muito mais precioso do que sacrifícios [...]. (apud BROWN, 2015, v. 2, p. 110).

Brown (2014, v. 1, p. 119) aborda mais um aspecto da mesma objeção judaica a respeito do sacrifício, que é a alegação de que após a destruição do templo e a consequente cessação dos sacrifícios, “A oração, o arrependimento e a caridade afastam o mal decreto”, ou seja, sem o templo, a oração, o arrependimento e a caridade substituíram os sacrifícios pois afastam a condenação, portanto teriam poder expiatório.

Ao comentar este conceito Talmúdico o rabino Tovia Singer diz:

> Os profetas nunca instruíram o povo judeu a adorar um messias crucificado ou um tipo de semideus. Da mesma forma, as Escrituras nunca afirmaram que um homem inocente pode morrer como expiação pelos pecados do ímpio. [...]. Antes, são os lábios do pecador que se tornariam como os novilhos das ofertas pelo pecado. O rei Salomão também ecoou este sentimento. Em 1 Reis 8:46-50 [que é um paralelo idêntico a 2 Cr. 6:36-40], enquanto era realizada a inauguração do Primeiro Templo (o qual tinha acabado de ser concluído), Salomão entrega uma mensagem profética surpreendente, prevendo que, um dia, o povo judeu seria expulso da terra de Israel, banido para as nações de seus inimigos. Durante o exílio, eles apresentariam um fervoroso arrependimento por seus pecados. Depois, o rei declara que eles olharão para Jerusalém, ainda no exílio, confessarão os seus pecados ‘e Deus ouvirá dos Céus a sua oração, perdoando todas as

> suas transgressões'. [...] Embora a mensagem atemporal do rei se destaque como uma impossibilidade teológica em termos cristãos, ela, não obstante, permanece como peça central de todo o sistema de expiação no decorrer do longo e amargo exílio judaico. (apud BROWN, 2015, v. 2, p. 119-120).

Brown contesta tal pensamento a partir da análise da própria prática religiosa judaica tradicional nos dias de hoje. Se é ponto pacífico entre os judeus tradicionais que o sacrifício foi substituído e que não tem mais importância depois da destruição do templo, porque até os dias de hoje a *Amidá*[115] ou *Sh'mône Esrê*, é finalizada assim:

> Ó Eterno, nosso Deus, que Teu povo Israel seja aceitável perante Ti. Recebe as suas preces e restaura o serviço no palácio de Tua casa [i.e. Templo], a fim de que as oferendas queimadas de Israel e suas preces possam ser rapidamente aceitas por Ti, com amor e favor; e o serviço religioso de Teu povo Israel, que seja sempre aceitável perante Ti. (CHABAD, 2016, *on-line*).

A seguinte petição também é recitada todos os dias:

> [...] e que, com brevidade, reconstituas o Teu Santo Templo, prontamente, em nossos dias, de maneira que possamos oferecer, diante de Ti, o Sacrifício Contínuo para a remissão, conforme prescreveste a nosso respeito na Tua *Torah*, por intermédio de Moisés, Teu servo, diretamente da Tua Glória, assim como foi dito (Nm. 28:1-8). (BROWN, 2015, v. 2, p. 120).

A destruição do templo deve ter sido bastante traumática, diz Brown, e o povo reconhece que ele foi destruído por causa dos seus pecados. Na oração do *Sidur*[116] há esse reconhecimento e a petição de que Deus aceite a oração do seu povo como se o Sacrifício Contínuo tivesse sido oferecido. Para ele, os constantes clamores do povo pedindo a restauração do templo ou suplicando que as orações sejam aceitas em lugar dos sacrifícios só revelam que há algo errado e desalinhado e que existe uma carência de uma forma aceitável de expiação. Ele acredita que nenhum versículo sequer de toda a Bíblia Hebraica afirma "que os profetas repudiaram o sistema sacrificial e que a oração substituiu as oferendas preestabelecidas pela *Torá*". (BROWN, 2015, v. 2, p. 126).

Ainda assim, alguns judeus podem alegar que mesmo considerando que os sacrifícios são importantes na *Torah*, a própria Bíblia Hebraica fornece outros tipos de expiação além dos sacrifícios de sangue. Para Brown (2015, v. 2, p. 127), não há dúvidas de que a expiação feita por sangue é o meio expiatório mais importante e mais central de toda a Bíblia. "O sangue é essencial, vital e insubstituível".

---

[115] *Amidá:* "A *amidá* é uma prece presente em todas as orações diárias, recitada em silêncio, sem intervenções externas, composta de dezoito bênçãos e que foram formuladas pela Grande Assembléia." (CHABAD, 2016, *on-line*).

[116] *Sidur*: hebraico, significa "ordem". Nome do livro de orações diário. (ULTERMAN, 1992, p. 248).

O autor retoma a história do estabelecimento dos sacrifícios de sangue a partir da própria *Torah*, que relata que eles foram oferecidos a Deus desde os primórdios da humanidade, quer por iniciativa própria quer por ordem divina. É a partir do livro de Êxodo que o derramamento de sangue por ordem divina passa a ser natural. Durante o primeiro *Pessach*, a Bíblia mostra que somente o sangue do Cordeiro pode fazer separação entre vida e morte. Em Êxodo 24, há o relato de outro evento marcante, o estabelecimento da aliança entre Deus e o povo, após Moisés ter explicado todas as exigências do Eterno. O povo disse: “Faremos e ouviremos tudo que o Eterno falou! E Moisés tomou o sangue e o aspergiu sobre o povo, e disse: Eis aqui o sangue da aliança que o Eterno fez convosco sobre todas estas palavras. (Êx. 24:5-8)” (BROWN, 2015, v. 2, p. 128).

O *Targum de Ônkelos* acrescenta uma frase a este texto: “E Moisés tomou o sangue, e derramou-o sobre o altar como uma *expiação* pelo povo” (BROWN, 2015, v. 2, p. 128). As tradições rabínicas refletidas no *targum* foram além do texto bíblico, para Brown, isso indica o quanto o conceito de derramamento de sangue e expiação estava ligado nas mentes dos rabinos talmúdicos. O episódio seguinte, ainda no livro de Êxodo, diz respeito ao estabelecimento da expiação anual:

> E Aarão fará expiação sobre os ressaltos [i.e. chifres; pontas] do altar uma vez no ano; com o sangue do sacrifício de pecado do Dia do Perdão fará expiação por ele, por todas as vossas gerações. Santidade de santidade é o altar para o Eterno. (BROWN, 2015, v. 2, p. 129).

O texto não fala de arrependimento, jejuns e orações, porque os ritos de expiação estão intimamente relacionados ao sangue. Em Levítico 16, as leis do dia da expiação são detalhadas, e vemos ali que o sangue é fundamental, diz o autor. O texto de Lv.17:11, diz: “Porque a alma de cada criatura se acha ligada ao sangue, e Eu o dei a vós sobre o altar, para expiar pelas vossas almas; porquanto o sangue, ele é que expiará pela alma” (BROWN, 2015, v. 2, p. 130), este texto é normalmente menosprezado pelos antimissionários, eles dizem que a passagem se refere apenas a proibição de ingerir sangue.

Os messiânicos, segundo Brown, são acusados por eles de interpretar erroneamente este versículo, mas Rashi explica: “Toda criatura depende do sangue. Por isso, eu vo-lo dei sobre o altar para fazer expiação pela vida do homem; que a vida venha e faça expiação pela vida” (apud BROWN, 2015, v. 2, p. 130).

Para o autor, está claro que há um princípio de substituição, ou seja, vida por vida, por isso um antigo *midrash* de Levítico 1:2 declara: “Quando vós ofereceis, voluntariamente, uma *Korban ólá* [i.e. uma oferta queimada], a qual é sacrificada e cujo sangue, aspergido sobre o altar, considerá-la-ei como se tivésseis oferecendo-vos a vós mesmos” (apud BROWN, 2014, v. 1, p. 130).

O erudito cristão John E. Hartley (apud BROWN, 2015, v. 2, p. 131) explica:

> O sangue representa a *nésfesh* (alma; vida) do animal. O ofertante já se identificou com o animal ao impor-lhe as mãos sobre a cabeça; com esse gesto, ele reconhece que a morte do animal comutará a penalidade por seus pecados.

Os rabinos talmúdicos discutiram a partir de Lv. 1:4 (‘E porá sua mão sobre a cabeça da oferta de elevação, e esta será aceita para servir-lhe de expiação’) a seguinte questão:

> Será que a imposição de mãos [sobre o sacrifício] faz expiação? Acaso a expiação não vem por meio do sangue, conforme foi dito: ‘porquanto o sangue, ele é que expiará pela alma’ (Lv. 17:11)? [...]. Será que a movimentação [da oferta] faz expiação? Acaso não é o sangue que faz expiação, conforme está escrito: ‘porquanto o sangue, ele é que expiará pela alma’ (outra vez, Lv.17:11)? (b. Yomá 5a; cf. também uma passagem praticamente idêntica em b. Zevachím 6a; b. Menachót 93b; Siffrá 4:9) (apud BROWN, 2015, v. 2, p. 131).

Segundo o Brown (2015, v. 2, p. 132), a frase: “não existe expiação sem sangue” é repetida inúmeras vezes no *Talmud*, quase que de maneira proverbial.

O professor Geza Vermes, da Universidade de Oxford, especialista em Pergaminhos do Mar Morto, afirmou: “de acordo com a teologia judaica, não é possível haver expiação sem derramamento de sangue: *êin Kapará êla bedám*”. (apud BROWN, 2015, v. 2, p. 132, grifo do autor).

O professor Baruch Levine, em seu comentário sobre Levítico, para a Jewish Publication Society, escreveu que: “A expiação, por meio de ritos sacrificiais com sangue, constitui um pré-requisito para a garantia do perdão de Deus. Como disseram os sábios, *êin Kapará êla bedám: só existe expiação ritual através do sangue”* (apud BROWN, 2015, v. 2, p. 132, grifo do autor).

Brown lembra que até hoje esse conceito está tão arraigado que muitos ortodoxos do mundo inteiro ainda oferecem um sacrifício de sangue na véspera de *Yom Kipur* ou na véspera de *Rosh Hashaná*, através do sacrifício de um galo, para homens, e galinha, para as mulheres, movimentando-os sobre a cabeça,

três vezes, enquanto recitam a seguinte oração: “Este é o meu substituto, minha oferta vicária, minha expiação [*kaparáh*]. Este galo será morto, porém, eu desfrutarei de uma vida longa, prazerosa e pacífica” (apud BROWN, 2015, v. 2, p. 132). Esse costume também mostra como a expiação com sangue não se aplica apenas aos pecados não intencionais, como muitos defendem. Os sacrifícios em Yom Kipur realizavam expiação para pecados intencionais e não intencionais, mesmo porque, de acordo com tradições rabínicas, o arrependimento podia converter os pecados intencionais em não intencionais.

O autor faz questão de frisar que, além do sacrifício, a Bíblia hebraica também requer arrependimento genuíno e fé no meio expiatório estipulado por Deus. Para ele, quando os antimissionários usam o texto de Ez.18:6,11,15 e 6:13, para dizer que os sacrifícios foram abolidos, ainda que essa interpretação não fosse conhecida pelos rabinos Talmúdicos e nem pelos comentaristas da Idade Média, eles o fazem apenas para refutar a fé judaico-messiânica e não porque o texto prove que há um método alternativo de expiação para os exilados que não tem acesso ao Templo.

O autor concorda que o estudo da *Torah*, oração e caridade sejam muito importantes, mas não que assumiram o lugar do sistema sacrificial. “Sendo assim, só nos restam duas alternativas: ou Deus nos deixou sem expiação, por séculos a fio, ou ele a disponibilizou, de forma definitiva, por meio de Yeshua, o Messias” (BROWN, 2015, v. 2, p. 175). Os sacrifícios oferecidos no Templo serviram para incutir em nós a necessidade do sacrifício expiatório e a necessidade de um substituto inocente que morresse em nosso lugar.

Porém, Deus nunca quis sacrifícios humanos. Segundo Brown, aqueles que fazem essa objeção talvez não saibam que as Escrituras Hebraicas, o *Talmud* e o Novo Testamento ensinam que a morte do justo tem poder expiatório e é isso ele vai procurar mostrar.

Berel Wein, historiador judeu-ortodoxo, mostrou como o povo judeu sobreviveu aos horrores que se sucederam na Europa Oriental do século XVII, explica:

> A reação judaica perante o massacre de seu povo mostrou-se diferente por outra razão. Havia uma antiga tradição judaica, remontando aos tempos bíblicos, que dizia que a morte de um homem justo e inocente servia como expiação pelos pecados da nação ou de todo o mundo. A história de Isaac, o relato sobre Nadáv e Avihú, a descrição profética de Israel como servo sofredor de Hashem, os sacrifícios oferecidos no Templo – tudo isso serviu

> para reforçar o conceito fundamental da morte do justo como expiação pelos pecados de outrem. (apud BROWN, 2014, v. 1, p. 180).

O *Zohar*, livro mais sagrado do misticismo judaico, declara: “Enquanto Israel habitava na Terra Santa, os rituais e os sacrifícios que eram realizados [no Templo] removiam do mundo todas aquelas doenças; agora, é o Messias quem as remove dos seres humanos (2:212a)”. Brown (2015, v. 2, p. 180-181) enfatiza: esta não é uma “nova doutrina inventada pela igreja cristã”. Antes, é um conceito bíblico, judaico, que explica o significado da morte de Yeshua. Na verdade, é um tema bem comum na literatura rabínica, como a seguir:

> Moisés disse a Deus: ‘Acaso não chegará o tempo em que Israel não terá nem Tabernáculo nem Templo? O que lhes sucederá então?’. A resposta divina foi: ‘Tomarei, pois, um homem dentre os seus justos e o manterei como um penhor a favor de todos, para que eu possa perdoar [ou fazer expiação por] todos os seus pecados’ (Êxodo Rabá, Terumá 35:4).
>
> O Messias, a fim de fazer expiação por ambos [i.e. por Adão e David], fará de sua alma uma oferta pela transgressão, como está escrito na Parashá [passagem bíblica] Eis que o meu servo [i.e. Is.52:13 -53:12]: ashám [oferta pela culpa], ou seja, cabalisticamente [i.e. usando os valores numéricos das letras hebraicas], ‘Menachem bem Amiêl’ [um título Talmúdico para o Messias] (Midrásh Assará Maamarót). (apud BROWN, 2015, v. 2, p. 182-183).

Sobre a morte dos guerreiros Macabeus, está escrito em 4 Macabeus 17:22: “Eles se tornaram como um resgate pelo pecado da nação. Por meio do sangue desses homens justos e por meio da propiciação de sua morte, Israel foi contemplado com Divina Providência” (BROWN, 2015, v. 2, p. 184).

O serviço adicional de *Rosh Hashaná* termina com as palavras: “Lembra-Te, hoje, da Amarração de Isaac[117] usando de misericórdia para com seus descendentes” (BROWN, 2015, v. 2, p. 186). Há outro exemplo, no capítulo 35 do livro de Números, que explica como a morte do sumo sacerdote, quando ocorresse, teria poder expiatório no caso de homicídios culposos.

Desta forma, o autor procura demonstrar que o sistema sacrificial da Bíblia Hebraica é baseado no princípio de vida por vida, uma vítima inocente toma o lugar da pessoa culpada. A tradição faz referência ao grande mérito de patriarcas e justos, mas a vida do Messias é a mais valiosa, porque ele seria o justo perfeito.

[117] Sacrifício de Isaac, passagem encontrada em Genesis 22:1-18.

Para Brown, messiânicos em geral e cristãos, o texto de Isaías 53 trata da morte do servo sofredor, o messias que morreu pelos pecados do mundo. Algumas versões da Bíblia Hebraica, como a da editora Sefer, colocam Israel (o povo) no lugar de 'servo sofredor'. Há uma extensa discussão sobre essa substituição, mas em nota, o editor (BROWN, 2015, v. 2, p. 190) recupera as traduções das eras Tanaita e Amoraíta que aplicavam a passagem de Is.53:12-53:12 ao Rei Messias (*Targum Yonatán, Zohar, Talmud, Midrash Tanchumá, Yalkút Shimoni* e o próprio *Rambam*).

Para os judeus messiânicos só existe uma pessoa cuja vida perfeita e morte substitutiva realizou plena expiação pelo mundo inteiro e esse era o sentimento de Kefa ao expressar: "Porque o próprio Messias morreu pelos pecados, de uma vez por todas, o justo por pessoas injustas, para poder levá-los a Deus" (I Pe. 3:18).

A tradição judaica ensina que um sacrifício tem o poder de redimir pecados futuros? O autor acredita que se essa ideia não estivesse implícita, não haveria validade na tradição rabínica que confere poder meritório a 'amarração de Isaac' cujos efeitos se estenderiam por todas as gerações subsequentes, até mesmo para ressurreição dos mortos. Também não haveria sentido na frase: "Que a morte do rabino 'X' sirva como expiação por esta geração" (BROWN, 2015, v. 2, p. 191).

No entanto, parece existir uma diferença entre a salvação messiânica e a salvação judaica. Para os que consideram a salvação judaica tradicional uma salvação física/terrena, e a messiânica uma salvação espiritual/celestial, Brown explica que na verdade não existe diferença significativa entre os conceitos de salvação no *Tanah* e no Novo Testamento. Ele sustenta que conflitos terrenos de Israel fazem parte de uma batalha cósmica superior, uma luta pela supremacia de *Hashem* sobre falsos deuses, uma guerra por domínio espiritual. O Reino de Deus sobre a terra está sempre relacionado à sua santidade, ao físico e ao espiritual. Os vários relatos de libertação de Israel de nações pecadoras não dizem respeito apenas à esfera terrena, mas fazem parte de um cenário espiritual muito maior. Isso pode ser percebido no livro de Jó, tanto Israel quanto Jó estavam numa batalha entre o bem o mal, o Eterno e Satan, com testemunhas celestiais e testemunhas terrenas.

O autor considera que a salvação é muito mais do que um conceito limitado ao terreno, na verdade, está muitas vezes diretamente relacionado à salvação do

pecado, seja o pecado conjunto de Israel, seja o pecado individual. A principal palavra usada no Novo testamento para ‘salvar’ é o termo grego ‘*sozo’*, que significa: resgatar, salvar, libertar e livrar do perigo, isto inclui a salvação, libertação ou livramento da morte, do pecado, das enfermidades, dos demônios, do inferno, do mal etc. No livro de Lucas, a palavra ‘*sozo’* é usada em quatro contextos diferentes: ser salvo do pecado, ser salvo dos demônios, ser salvo das doenças e ser salvo da morte. O Salvador, no grego ‘*soter’*, perdoa, liberta, cura e ressuscita física e espiritualmente.

Ele considera que o profeta Daniel tenha dado a mensagem mais explicita do *Tanah* sobre o inferno: “Muitos dos que repousaram sob a terra serão despertados; alguns para uma vida eterna de méritos, e outros para o opróbrio eterno (Dn. 12:2)” (BROWN, 2015, v. 2, p. 218). Assim, a Nova Aliança seria um desenvolvimento daquilo que a Bíblia Hebraica apenas comentou e os sábios posteriores debateram. A Bíblia hebraica fala principalmente sobre como nossas ações e crenças podem nos afetar no presente, e o Novo Testamento, por sua vez, fala principalmente sobre como nossas crenças e ações podem nos afetar no mundo vindouro, mas não se trata de uma questão excludente, apenas diferentes abordagens e ênfases distintas. Para ele, ambas as tradições ressaltam a importância de uma vida reta e moral, de fé no único Deus verdadeiro, de arrependimento e de obediência.

Desta forma, para Brown (2015, v. 2, p. 219), o conceito bíblico de salvação refere-se à libertação dos julgamentos presentes e futuros. A vida presente é temporária e parcial, mas a vida futura é plena e eterna. Trata-se de uma “única bíblia: uma revelação, uma verdade”.

Os judeus precisam ser salvos? Não cremos que toda a raça humana é pecadora. Essa é outra objeção contra Yeshua. Naturalmente que sim, diz o autor. Os judeus, como todos os seres humanos, não são capazes de resistir ao pecado. Ele acredita que todos os dias fazemos escolhas éticas e morais, mas uma coisa é vencer o pecado particular, como disse Rashi: “Se quiseres, podes vencê-lo” (apud BROWN, 2015, v. 2, p. 219), outra coisa é ser libertado das garras do pecado em geral.

Deus conhece muito bem a nossa natureza, como revelou a Jeremias, “Inconstante, acima de todas as coisas, é o coração, e débil como é, quem o poderá conhecer [i.e. compreender]?” (Jr. 17:9), como diz o salmista “Contra Teu servo não

ponderes em julgamento, pois criatura não há que diante de Ti se justifique (Sl. 143:2) e como se lê em (Pv. 20:9), “Limpei meu coração. Purifiquei-me de meu pecado?”, portanto, “Sem perdão, estaríamos completamente perdidos” (apud BROWN, 2015, v. 2, p. 219).

Será que o povo judeu precisa de intermediário? Quando Deus deu a *Torah* para Moisés, ele disse que somente os descendentes de Aarão poderiam entrar no Santo Lugar e realizar os ritos anuais de expiação. O povo era completamente dependente deles e dos levitas, todos os Judeus podem orar a Deus e clamar por misericórdia, mas sem a intercessão e ação sacerdotais, nenhum judeu tem acesso direto a Deus, nem mesmo os reis tinham acesso direto ao templo. Deus também levantou profetas para revelar a sua vontade, quando Ele falou diretamente ao povo, eles ficaram aterrorizados: “[...] e não fale Deus conosco para que não morramos. (Êx.20:18-19)” (BROWN, 2015, v. 2, p. 223).

Hoje, muitos judeus tradicionais dependem de um rabino, diz Brown, e mais especialmente um sábio que se destaque em cada geração e que diga o que Deus exige e como interpretar a *Torah*. Este rabino é visto como representante de Deus e seus decretos e interpretações são plenamente acatados. “A tradição judaica chega até a ensinar que os líderes Rabínicos recebem a mesma inspiração com que os profetas foram contemplados no passado” (BROWN, 2015, v. 2, p. 224).

Os rabinos também atuam como intermediários em outras áreas, como a oração. Muitos acreditam que a oração de um rabino tem um peso especial perante o eterno, assim, é muito comum que os judeus enviem pedidos de oração a rabinos que moram em Jerusalém. Para o autor:

> Foram a morte e ressurreição do Messias que abriram as portas dos céus para todos nós judeus e gentios igualmente. Por meio dele, os nossos pecados são perdoados, e, assim, podemos nos aproximar do santo trono de Deus com toda a confiança. Em outras palavras, temos livre acesso ao próprio Eterno. É neste sentido que Yeshua atua como o mediador entre Deus e os homens: [Ele] se entregou como resgate a favor de todos. (BROWN, 2015, v. 2, p. 221).

No entanto, alguns costumam questionar: os Judeus não acreditam em pecado original e nem na queda da humanidade. Não acreditamos que toda raça humana seja pecadora. O autor explica que tanto judeus messiânicos quanto os cristãos acreditam que o homem caiu do estado ideal em que foi criado e que agora a corrupção moral faz parte da natureza inerente a todo homem. “Cremos que, por

natureza, somos irremediavelmente propensos a pecar; estamos todos atolados no pecado. Estamos sempre fazendo coisas que gostaríamos de não fazer [...]" (BROWN, 2015, v. 2, p. 224-225).

O que vocês querem dizer com 'pecado original' e 'queda'? Ele explica que, quando o homem foi criado, ele era perfeito, dotado de livre arbítrio, capaz de escolher a obediência, mas depois da desobediência de Adão tudo mudou.

> O eterno fez Adão a sua própria imagem, uma imagem perfeita. Em contrapartida, Adão, depois de sua queda e desobediência, gerou um filho a sua própria imagem, A imagem de Deus, nosso pai, foi tão corrompida pela imagem de Adão que, por natureza, somos mais filhos de Adão do que de Deus. (BROWN, 2015, v. 2, p. 228).

De acordo com Brown, a queda do homem explica as doenças e os males do mundo, o desequilíbrio da natureza, as guerras, as atrocidades, enfim, tudo o que não estava no plano original de Deus. "A triste realidade é que a natureza humana é assim mesmo – uma natureza mortalmente deteriorada e terrivelmente contaminada" (BROWN, 2015, v. 2, p. 227). Entretanto, o autor acredita que ainda existe uma luz moral dentro de nós, o Espírito Santo que convence o homem de suas falhas e o guia ao arrependimento, o ser humano jamais conseguirá por conta própria erradicar o mal, porque, "[...] o impulso [hebraico: *yétser*] do coração do homem é mau desde a sua mocidade [...]" (Gn.8:21), "[...] e se encontrardes um homem que aja com justiça e busque praticar a verdade, Eu a perdoarei" (Jr. 5:1) (BROWN, 2015, v. 2, p. 229).

Abraham Cohen (apud BROWN, 2015, v. 2, p. 232) comenta a opinião dos rabinos Talmúdicos:

> '[...] o homem pode ser sobrecarregado pelas consequências das transgressões de seus antepassados', explicando com mais detalhes: 'os Sábios concordam com a ideia de que o pecado no Jardim do Éden teve repercussões em todas as gerações subsequentes. Ele continua: Isso foi uma causa direta da morte, o destino de toda criatura. Da mesma forma, [os Sábios] acreditavam que o pecado do bezerro de ouro resultou em uma grave contaminação e vem afetando, desde então, o destino da humanidade. Não há geração sequer que não apresente ao menos um grama do pecado do bezerro de ouro' (p. Taanít 68c).

Brown lembra que há um ensinamento judaico tradicional de que o ser humano possui uma natureza superior e inferior, uma inclinação para o bem e uma inclinação para o mal. O judaísmo conclama todas as pessoas a endireitar seus caminhos obedecendo às leis de Deus e muitos judeus realmente conseguem algum tipo de transformação observando as *mitsvot*, mas, na opinião dele, às vezes estas mudanças são superficiais. A culpa não é do judaísmo tradicional, mas do ser

humano. Quando o homem erra precisa se arrepender, e a literatura tradicional judaica, *talmud, sidur, o mishnê Torah* de Maimônides e outras, estão repletas de orações de arrependimento e ensinamentos sobre o assunto.

Sobre o poder do arrependimento, Maimônides escreveu:

> Até mesmo a pessoa que foi ímpia durante toda vida, mas que se arrependeu nos momentos finais, não será relembrada de nenhum aspecto da sua maldade, como foi dito [Ez 33:12]: 'a maldade do ímpio não será obstáculo no dia em que retornar [i.e. arrepender-se] da sua maldade' (apud BROWN, 2015, v. 2, p. 235).

Assim sendo, Brown (2015, v. 2, p. 192) conclui:

> O evangelho cristão é totalmente judaico! A Morte do justo – do verdadeiramente justo, o Messias, o Sumo Sacerdote de Israel e das nações, o Redentor que pagou pelos nossos pecados – de fato faz expiação.

Esta exclamação do autor em relação às objeções referentes ao sacrifício revela o esforço de Michael Brown ao longo dos cinco volumes de sua obra dedicada a responder as objeções judaicas contra Jesus. Ele procura, a partir do resgate da Bíblia Hebraica, da literatura rabínica e da tradição judaica, provar que a fé em Yeshua como o Messias judeu esperado e profetizado é completamente coerente com a fé judaica.

3 CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS DE PERSPECTIVAS

> Isso é o Messias, e por que é chamado de grande monte? Porque é maior do que os patriarcas, como está escrito (Is. 52:13): Eis que o meu servo prosperará, será exaltado e elevado, e estará muito alto. (FLUSSER, 2001, p. 27)

No capítulo anterior, abordamos o Movimento Judeu-Messiânico, as suas principais características e desafios, e explanamos a respeito dos principais temas do pensamento teológico de dois de seus proeminentes representantes. De posse desses elementos, neste capítulo, pretendemos chegar ao questionamento central desta pesquisa.

Como vimos, as questões desenvolvidas por Stern e Brown são complexas por si mesmas, ainda mais quando colocadas em confronto com o judaísmo e o cristianismo. Não seria possível realizarmos aqui uma análise aprofundada de cada um dos temas da teologia judaico-messiânica, nosso objetivo é bem menos ambicioso. Porém, percorremos essa trilha buscando um indício, uma pergunta nos inquietou desde o começo: os judeus messiânicos, ao crerem em Jesus como o Messias, têm a mesma cristologia dos cristãos? O tema da cristologia nos acompanhou até aqui em segundo plano, agora já temos elementos para explorá-lo.

Estamos conscientes de que ao longo desta dissertação estamos transitando em terreno árido e controverso, por esse motivo, nos detemos capítulo após capítulo em considerações sobre as dificuldades do tema e os limites de nosso trabalho. Novamente devemos reconhecer que vamos adentrar em um campo amplamente debatido, e por isso corremos o risco de sermos considerados superficiais ao focalizarmos nosso interesse em alguns aspectos do debate maior.

A cristologia, como vimos, é central no cristianismo, no entanto, no judaísmo, o Messias é importantíssimo, mas não central. Porém, ao reconhecer que o Messias judeu é Yeshua, evidentemente, o tema toma grandes proporções também para os judeus-messiânicos. Desta forma, apesar das dificuldades conceituais e de nossos limites, precisamos enfrentar o tema, e para tal traçamos um caminho, dentre os muitos possíveis.

O ponto de partida desta reflexão é o conceito de Messias propriamente dito, dentro do judaísmo, cristianismo e judaísmo messiânico, para então chegar ao conceito de cristologia e caminhar para a questão ora apresentada. Buscamos esclarecer, ao menos pontuar, quais as principais características do Messias em cada uma dessas vertentes, sem a intenção de analisar teologicamente as assertivas de cada uma delas. Visto que nesta dissertação não temos o propósito de realizar uma análise histórica da formação da ideia messiânica e seus desdobramentos, decidimos realizar um recorte e tratar da ideia messiânica como ela se apresentava no tempo de Jesus, no século I d.C. Para compor esse quadro, no tocante à pesquisa bibliográfica, recorremos a especialistas consagrados que desenvolveram estudos nessa temática, a saber: Pierre Grelot[118] (1996), Oscar Cullmann[119] (2008), David Flusser[120] (2000; 2001), entre outros.

3.1 O Messias no judaísmo

Um dos principais temas da pauta teológica de Brown (2012) e Stern (2001) e dos messiânicos é o próprio conceito de messias, a ideia messiânica ou esperança messiânica[121], paradoxalmente, é o principal ponto de união e discórdia entre judaísmo e cristianismo. Apesar de ser um tema muito importante dentro do judaísmo, pois todo o judaísmo é em certa medida messiânico, não é um tema tão central quanto no cristianismo e no próprio judaísmo messiânico. Como diz J. Doré, a respeito do judaísmo no século I d.C.: "[...] se na época de Jesus, 'está viva em toda a parte a expectativa messiânica (excetuadas certas nuanças importantes)', o messianismo propriamente dito (no entanto) ocupava apenas um espaço restrito na escatologia judaica" (apud GRELOT, 1996, p. 9).

---

[118] Pierre Grelot (1917-2009): teólogo e exegeta, sacerdote francês, era especialista em exegese de aramaico, foi citado por J. Ratzinger em seu livro *Jesus de Nazaré*; foi professor do Institut Catholique de Paris e membro da Pontifícia Comissão Bíblica de 1972 a 1983.

[119] Oscar Cullmann (1902-1999): teólogo austríaco de origem luterana, escritor, erudito do Novo Testamento e história da igreja; lecionou em Basileia, e sua tendência ecumênica o fez observador oficial do concílio Vaticano II.

[120] David Flusser (1917-2000): judeu ortodoxo austríaco, que aplicou seu estudo da Torá e Talmud para a literatura grega, romana, árabe e hebraica; doutorou-se na Universidade Hebraica de Jerusalém, onde foi professor de religiões comparadas; examinou textos antigos judaicos e cristãos a fim de evidenciar as raízes judaicas do cristianismo.

[121] As expressões: ideia messiânica, esperança messiânica ou esperança judaica são usadas como sinônimos para referir-se a uma esperança escatológica e muitas vezes ao próprio Messias como principal agente dessa esperança. A escatologia é a área da teologia e filosofia que trata do destino final do ser humano e do mundo.

Quando Jesus é professado como Cristo, partimos da ideia de que ele representa o cumprimento da promessa do surgimento do Messias judeu, a realização de uma esperança, mas como acreditam seus seguidores, a sua identificação projetou uma superação, uma nova luz sobre as correntes judaico-messiânicas[122] e a totalidade das expectativas que precederam seu aparecimento em Israel (GRELOT, 1996).

No entanto, não se pode esquecer que o messianismo teve origem em circunstâncias de exílio, e que essa característica exílica confere nuances diferentes a cada uma das concepções judaicas sobre a ideia messiânica ao longo do tempo. Portanto, esse conceito deve ser entendido sempre dentro do contexto histórico-político e sociocultural do povo judeu, mesmo porque os textos referentes ao tema "[...] só falam de esperança por estarem inseridos na realidade da história que os produziu", explica Grelot (1996, p. 10). Também é importante levar em consideração que antes da corrente farisaica hilelita[123] assumir a liderança judaica pós-destruição do templo, 70 d.C., existia uma diversidade religiosa marcada justamente por distintas concepções da ideia messiânica, às vezes contraditórias entre si. Assim, não podemos falar de uma única e estática escatologia judaica, antes, há diferentes narrativas acerca da esperança messiânica dentro do judaísmo.

Apesar da diversidade de posições, é possível identificar alguns elementos fundamentais na análise feita por Grelot (1996).

A ideia judaico-messiânica teve seu ponto de partida no *Tanach*, as mensagens dos profetas ecoavam a esperança messiânica pelas promessas recebidas de Deus nas fases mais difíceis da história do povo israelita. O *livro de Daniel*, escrito em um gênero apocalíptico, se tornou uma das principais referências sobre o assunto e a exegese desse livro, segundo Grelot (1996), aparece mais diretamente na literatura de *Qumram* e nos *Targumin*[124] aramaicos. Além desse material, as fontes da tradição rabínica, como os escritos dos doutores

[122] Grelot se refere às correntes do judaísmo tradicional que mantém viva a esperança escatológica.

[123] Hilel (séc.I a.C.- séc.I d.C.): sábio do início do período rabínico, conhecido como *Hilel*, o Velho; descendente da casa de David,se tornou chefe da comunidade judaica-palestina; como líder religioso era menos conservador que seu principal colega, *Shamai*; os seguidores de *Hilel* são chamados *Beit Hilel*, que após a sua morte, tornaram-se a facção dominante (UNTERMAN, 1992, p 116).

[124] *Targum:* o nome dado às traduções, paráfrases e comentários em aramaico do *Tanach* compiladas em Israel e Babilônia, da época do segundo templo até o início da Idade Média. As traduções e paráfrases tinham o objetivo de tornar inteligível o texto hebraico para os judeus que falavam aramaico, mas não eram um registro da opinião particular dos doutores que realizavam o trabalho, o objetivo era conservar a tradição comum. Assim, o material representa a leitura antiga das escrituras, de acordo com Grelot (1996), em sua pesquisa analisa o *Targum* Palestinense do Pentateuco*, Targum* Jonatan sobre os profetas e o *Targum* dos Salmos.

Tannaim[125], os escritos de *Hilel* e *Shammai,* a *Mishna*[126]*,* a *Tosefta*[127]*,* os *Midrashim*[128], o *Talmud*[129] de Jerusalém, o *Talmud* Babilônico, *Mekhilta*[130]*, Midrash*[131] *Rabba* e o *Midrash Tanhuma* entre outros, mesmo que voltadas mais para a *Halach*[132] do que para a *Haggada*[133], também devem ser consultadas para compor um quadro mais completo sobre o Messias e a esperança messiânica no judaísmo, lembrando que o estudo de tais documentos deve ser realizado levando-se em conta o contexto social e cultural sob o qual foram produzidos.

Em sua análise, Grelot (1996) distingue os traços comuns para as mais importantes expressões religiosas judaicas[134] no século I d.C., e traços variáveis no que diz respeito à esperança judaica. Os traços comuns podem ser extraídos do material que lhes é comum, ou seja, das Escrituras[135]. Segundo o autor, excetuando-se algumas divergências vindas dos saduceus, os aspectos comuns eram partilhados pelo judaísmo palestinense, o judaísmo da diáspora oriental, e pelas comunidades helenísticas judaicas, onde a esperança messiânica era mais prolixa. Em resumo, os traços comuns aos diferentes grupos seriam:

- A esperança conserva uma forte dimensão de nacionalismo religioso, o povo, a terra, o templo e o culto são aspectos fundamentais:

> No século I de nossa era, os judeus apegados à corrente de esperança que arrastava o seu povo desde o tempo dos reis e dos profetas, esperavam um Messias filho de Davi que realizasse, em primeiro lugar, a sua libertação política, vencesse (ou até exterminasse!) as potências pagãs, estabelecesse em Israel uma ordem social justa e conforme as exigências da *Torah* restituísse ao Estado judeu o brilho perdido há muito tempo, assegurasse um reconhecimento universal do Deus único, permitisse a irradiação do Templo em que todas as comunidades dispersas

[125] *Tannaim:* são os sábios do período da *Mishná.*
[126] *Mishná:* é a mais antiga das obras remanescentes da literatura rabínica e se tornou a base da tradição *haláchica* (tradição legal).
[127] *Tosefta*: representa a compilação da lei oral de forma mais completa do que a *Mishná* (200 d.C.).
[128] *Midrashim*: são antigas exposições rabínicas das Escrituras Sagradas.
[129] *Talmud*: é a obra mais importante da *Torah* oral, e foi redigido numa versão palestina. *Talmud* de Jerusalém, e numa versão babilônica que é mais autorizada, as duas versões refletem diferenças sociais e culturais entre as comunidades palestina e babilônica.
[130] *Mekhilta:* é uma regra de exegese bíblica no judaísmo.
[131] *Midrash Rabba* e *Midrash Tanhuma*: são uma parte dos *Midrashim* dos livros da *Torah*.
[132] *Halach*: significa, em hebraico, “caminho” ou “trilha”, é a tradição legalista do judaísmo; decisões halachicas são normativas.
[133] *Haggada:* é um acervo de conhecimento e tradições rabínicas sobre ética, teologia, história, folclore e lendas, não se preocupa com questões legais ou rituais, nisso se difere da *Halach*.
[134] Expressões religiosas, escolas filosóficas, correntes ou partidos religiosos: são, na maioria das vezes, usados como sinônimos e variam conforme preferência do autor. Segundo Flavio Josefo (1986), as principais escolas filosóficas ou partidos eram os fariseus, saduceus e os essênios.
[135] Sendo as referências mais comuns: Gn 49:10-12; Nm 24: 17; Is 9:1-6; 11:1-9; 32:1; 55:3-5; 10:27; 52:13; 63:1-3; Jr 23:5-6; Ez 34:23-25; 37:24-25; Mq 5:1-4; Zc 4:7-10; 9:9-10; Sl 12; 18:29-31; 45.

> viriam em peregrinações regulares; em suma, conduzisse ao seu coroamento a obra dos grandes reis de outrora. Esse sonho aparecia no horizonte desde o momento em que era pronunciado o nome do Messias. (GRELOT, 1996, p. 211).

- O Messias visto como um profeta semelhante a Moisés ou o retorno de Elias: tem importância menor, mas está presente.
- A existência de um julgamento final e ressurreição dos mortos: o reino messiânico seria condição prévia à realização do grande desígnio de Deus.
- Servo sofredor: está ausente a ideia de um Messias que possa fracassar e sofrer, a ligação entre Is.52:13 e o Messias davídico aparece em textos posteriores.
- O Messias como Filho do Homem: aparece no livro de Daniel e ocupa um lugar na esperança messiânica. É possível que no Targum palestinense do Pentateuco, no poema das quatro noites, a imagem do Filho do Homem sobre as nuvens, sobreposta à do Messias, seja uma representação simbólica para evocar a grande libertação.
- Mediador da salvação: segundo Grelot (1996), a ideia de “mediador de salvação”, está presente na esperança judaica no século I d.C., mas o estabelecimento do Reino de Deus e o reestabelecimento da fidelidade à *Torah* ocupam um lugar muito mais importante.

No entanto, existem elementos variáveis da esperança judaica que refletem as diferenças políticas, sociais e religiosas entre as correntes do judaísmo do século I d.C.

- Os *saduceus* formavam um partido conservador em matéria de tradição jurídica e temiam ameaças à ordem estabelecida, sobretudo em relação aos acordos de certa autonomia firmados com Roma.

  Existiam motivos políticos e religiosos para que o messianismo fosse encarado com reserva por essa corrente. Os diversos embates entre os sacerdotes e Jesus demonstram essa reticência.

  Primeiramente, eles não aceitavam a equivalência de autoridade entre as tradições oral e escrita, entre os livros jurídicos e a vida dos patriarcas e

os Salmos e profetas. Assim, as promessas proféticas contidas em Salmos e em Daniel, tinham uma autoridade menor. Além disso, o messianismo poderia colocar em risco os acordos políticos estabelecidos com Roma, que permitiam o próprio funcionamento das instituições judaicas.

- Os Fariseus, fundamentados nos Salmos, nos *Targumin* e nas tradições rabínicas, se prendiam a imagem do Messias como Rei que restabeleceria a fidelidade de Israel à *Torah*.

- Os essênios, no entanto, orientavam a sua perspectiva escatológica a um Messias sacerdotal ou Messias de Aarão, que aparece ao lado do Messias Rei ou Messias de Israel, que pede diretrizes aos filhos de Aarão para submeter a sua conduta à Lei e tem um papel de libertador de Israel, em um plano bastante político que aparece no fragmento 1QM, a Regra da Guerra[136]. Não se sabe, porém, até que ponto os essênios influenciavam as massas judaicas, uma vez que os fariseus exerciam grande influência através das reuniões sinagogais e dos grupos de pureza, porém os movimentos sediciosos como o dos zelotas, acreditavam que os Messias davídico exerceria uma ação de libertação política.

Percebemos, assim, que o pano de fundo judaico não era de forma alguma unificado no século I d.C., quando Jesus apareceu e precisou se posicionar. Como diz Grelot (1996, p. 217):

> Pelo fato de Jesus ter sido obrigado a posicionar-se em relação às crenças e às esperanças de seus contemporâneos e de seus ouvintes, não é de surpreender que os textos evangélicos deem a impressão de certa indefinição, como se ele mesmo tivesse evitado definir-se. Com efeito, como é que Jesus teria podido definir-se, quanto à sua missão e sua função pessoal em relação a seu povo, se sabemos que o vocabulário da esperança estava semeado de emboscadas?

Assim, Grelot (1996) conclui que tal diversidade pode justificar a existência de várias cristologias no Novo Testamento, pois as mesmas referências bíblicas podem projetar sobre Jesus diferentes aspectos ideológicos. Além disso, segundo o autor, os títulos dados a Jesus – Senhor, Filho do Homem, Filho de Deus, Profeta –

[136] Manuscrito da Guerra (1QM), popularmente conhecida como "A Guerra dos Filhos da Luz contra os Filhos das Trevas", é um dos sete originais manuscritos do mar Morto descobertos em *Qumran* em 1947.

sofreram uma longa maturação desde o tempo em que os autores usaram essas expressões pela primeira vez.

Ainda hoje, no judaísmo as crenças sobre o Messias não são unificadas, isso torna tarefa quase impossível reduzir a esperança messiânica a uma lista pronta e acabada de características rigorosamente demarcadas do Messias judaico.

3.2 O Messias no cristianismo

Na seção anterior, procuramos delimitar quem é o Messias no judaísmo, e a partir dos estudos de Grelot, conseguimos vislumbrar a complexidade da questão e quais as características comuns da esperança judaico-messiânica. Mas, essa pergunta pode ser feita aos cristãos? Quem é o Messias dentro do cristianismo? É interessante notar que a pergunta anterior – quem é o Messias para os judeus? – nos conduz a uma definição, um conceito ou um conjunto de características; mas a pergunta – quem é o Messias para os cristãos? – nos remete, inevitavelmente, a uma pessoa, Jesus. Parece impossível conseguirmos uma resposta totalmente desvinculada da pessoa de Jesus para a pergunta quem é o Messias para os cristãos.

Em primeiro lugar, para entender tal questão, precisamos ter em mente, como lembra Schiavo (2006), que Jesus pode ser abordado de diferentes formas: o Jesus real, que é o homem que viveu na Galileia na primeira metade do século I d.C.; o Jesus histórico, que é reconstruído a partir do contexto histórico, sociológico e religioso do seu tempo; o Jesus da fé, imaginado, representado e sonhado a partir dos próprios desejos e necessidades daquele que crê; e o Jesus teológico, que é o Jesus dos primeiros quatro concílios: Niceia (325), Constantinopla (381), Éfeso (431) e Calcedônia (451), que definiram de forma dogmática os elementos fundamentais da cristologia.

Hans Kessler (apud SCHNEIDER, 2000) localiza a cristologia como fruto de um exercício técnico-conceitual, desenvolvido mais sistematicamente a partir de Niceia, tendo em vista necessidades da época, num determinado contexto histórico e que até hoje sofre inúmeros debates e desdobramentos. O contexto e o pensamento que originaram as concepções cristológicas e soteriológicas mudaram, porém, mesmo apesar das transformações e atualizações teológicas,

existe um ponto de partida que continua inalterado em cada uma das tradições cristãs, Jesus, o Cristo encarnado.

No entanto, para Cullmann (2008), o pensamento cristão começa a ser forjado desde a revelação de Jesus. O autor assim deduz a partir da análise das antigas confissões de fé da comunidade cristã primitiva. Para ele, ao contrário do que alguns possam achar, o pensamento teológico dos primeiros cristãos também partia de Cristo e não de Deus, e a ordem trinitária – Deus, Cristo e Espírito Santo – seria posterior aos primeiros cristãos, apesar de Jesus ter se limitado a anunciar Deus, o Pai e seu Reino, sem ter se considerado "[...] uma espécie de plenipotenciário divino *sui generis*" (CULLMANN, 2008, p. 25).

Nessas confissões mais antigas, Deus aparece como Pai de Jesus ou aquele que ressuscitou a Cristo, o que faz da teologia primitiva quase exclusivamente uma cristologia. No entanto, isso não significa que os primeiros cristãos e a igreja antiga abordam a cristologia da mesma forma. A igreja antiga enfrentou a discussão sobre a natureza de Cristo, para a qual o Concílio de Calcedônia, a partir dos credos de Niceia e Constantinopla, definiu os limites dentro dos quais uma cristologia ortodoxa deveria permanecer, e que resume a questão sobre a natureza de Cristo como uma pessoa em duas naturezas, verdadeiramente divino e verdadeiramente humano.

Os pais da igreja[137] tinham a tarefa de expressar a fé cristã em relação à sua herança grega e combater as heresias que, segundo eles, podiam colocar em risco a substância da mensagem cristã, tais desafios não estavam postos aos primeiros seguidores de Jesus que ainda não viviam em um ambiente helênico. Com o tempo, o pensamento grego foi transformado, mas também influenciou o cristianismo[138], porém, conforme Cullmann (2008), isso não significa que Jesus não tenha trazido por sua doutrina e sua vida algo novo independente dos esquemas já existentes no judaísmo da época e no helenismo.

[137] O termo "patrístico" vem da palavra *pater*, "pai", e tanto designa o período referente aos pais da igreja quanto às ideias características que se desenvolveram ao longo desse período (McGRATH, 2005, p. 41). O período patrístico pode ser considerado a partir do término dos documentos do Novo Testamento (c.100) até o Concílio da Calcedônia (451).

[138] No final do século XVIII, o movimento da "história do dogma" teve claras implicações para a cristologia, e "[...] seu auge com Adolf von Harnack defendia que uma série de determinados conceitos cristológicos decorria da influência das ideias gregas, no período patrístico" (McGRATH, 2005, p. 439).

Em relação ao conceito de cristologia, vale observar algumas afirmações de Hans Kessler (apud SCHNEIDER, 2000, p. 219/291):

> [...] cristologia é [...] uma doutrina ou discurso acerca do Cristo (Jesus) [...]. A pergunta que a cristologia procura responder é: Quem é esse afinal? (Mc. 4:41). A cristologia constitui o tema central e ponto crucial da teologia cristã. Ela é a chave para todos os outros temas da teologia.
>
> [...] no início e no centro da fé cristã e da comunhão eclesial não se encontra um livro ou uma ideia abstrata, e sim uma pessoa viva (é para ela que o 'livro' do NT quer apontar com seu testemunho). O elemento cristão não pode ser desligado da pessoa de Jesus Cristo, mas consiste essencialmente nele mesmo, naquilo que se pode ouvir de sua boca e depreender de sua vida.

A definição de Cullmann (2008, p. 17) segue a mesma direção: "Se a teologia é a ciência que tem por objeto a Deus (*θεός*), a cristologia é aquela que tem por objeto a Cristo, sua pessoa e sua obra".

Assim, podemos concluir que a cristologia é um exercício que parte de uma pessoa manifesta. Desta forma, o Messias cristão se constituiu a partir da própria mensagem de Jesus e de seus atos. "Quem deseja entender Deus, depende de Jesus Cristo, o Filho. Ele é para os cristãos a visibilização de Deus; nele, Deus tornou-se palavra da essência, o Logos, carne", expressa Schneider (2000, p. 19). Da mesma forma, McGrath (2005, p. 404) pontua: "O cristianismo é uma religião histórica que veio a existir em resposta a um conjunto de eventos específicos, que estão centrados em Jesus Cristo, e aos quais a teologia cristã é obrigada a retornar no curso de suas especulações e reflexões".

O problema da cristologia apareceu formulado pelo próprio Jesus em Mc8:27-29:

> E Jesus partiu com seus discípulos para as aldeias de Cesaréia de Felipe e, no caminho, perguntou-lhes: Quem dizem os homens que eu sou? Ao que replicaram: João Batista; outros, Elias; outros ainda, um dos profetas, E vós, perguntou ele, quem dizeis que eu sou? Pedro respondeu: Tu és o Messias.

É uma questão recorrente e polêmica o quanto Jesus tinha uma autoconsciência messiânica, mas a igreja primitiva cria que ele era o Messias e que ele mesmo havia se considerado assim.

No Novo Testamento são encontrados numerosos títulos cristológicos que demonstram diferentes aspectos da pessoa de Jesus e sua missão, dentre eles, podemos destacar: Profeta, Sumo Sacerdote, Mediador, Servo de Deus, Messias,

Filho de Davi, Filho do Homem, juiz, Santo de Deus, *Kyrios* (Senhor), Salvador, Rei, Logos, Filho de Deus Cordeiro de Deus e Deus.

Esses títulos podem ser classificados, segundo Cullmann (2008), como característicos da obra terrena de Cristo, da obra futura ou escatológica, da obra presente ou da obra realizada em sua preexistência, uma vez que a cristologia não é a ciência das naturezas de Jesus, mas sim a ciência de uma história, o acontecimento messiânico desde a preexistência até a escatologia. Cabe aqui ressaltar que na escatológica judaica o adjetivo messiânico é empregado muitas vezes como sinônimo de escatológico, mesmo que no Antigo Testamento não se empregue o termo *mashiach* necessariamente nesse sentido.

Não obstante o Messias tenha chegado a ser considerado o título cristológico por excelência, uma vez que a palavra grega *Χριστός (Khristós)* significa "Ungido" e o termo grego, por sua vez, é uma tradução do termo hebraico *מָשִׁיחַ (Māšîaḥ),* transliterado para o português como Messias, e mais tarde usado também como nome próprio de Jesus, devemos esclarecer que a cristologia não se reduz apenas ao aspecto messiânico, e que quando utilizado no Novo Testamento o termo tem um caráter distinto do Messias político, libertador de Israel, como visto no judaísmo do século I d.C. Porém, é preciso ter em mente as questões concernentes às várias tendências judaicas no século I d.C., abordadas na seção anterior, uma vez que há uma influência mútua e uma interação entre as diferentes estruturas judaicas (FLUSSER, 2000).

Partindo dessas premissas, a pergunta mais apropriada deverá ter um outro ponto de partida: por que os cristãos acreditam que Jesus é o Messias ou por que a comunidade primitiva considerou Jesus o Messias? E ainda, até que ponto ele mesmo se considerou como tal?

Sobre o posicionamento de Jesus, Cullmann (2008) assim responde:

- A pergunta de Caifás: o sumo sacerdote precisava de uma declaração do próprio Jesus para condená-lo como agitador político, pois como Messias ele seria suspeito de querer estabelecer o trono de Davi, ou seja, um governo independente. Segundo o texto grego de Marcos 14:62, Jesus respondeu “sim”, mas, os textos de Mateus 26:62-65 e Lucas 22:66-71 diferem. Em Mateus, a expressão grega “tu o disseste” deveria

significar “sim”, mas as palavras aramaicas correspondentes não têm o sentido de “sim”, o sentido poderia ser: “És tu quem o diz, e não eu”. Porém, a continuação da resposta de Jesus é: “Mas vos digo: vereis o Filho do Homem sentado à direita do poder de Deus, vindo sobre as nuvens do céu” (Mateus 26:64). É possível que Jesus não se referisse ao Messias como os judeus o esperavam, mas como Filho de Homem, com quem ele se identificava. Em Lucas, Jesus também se nega a responder sim ou não e acrescenta a declaração referente ao Filho do Homem. Talvez ele tenha evitado declarar-se o Messias, porque sabia que o título carregava uma conotação política que não fazia parte de sua missão, isso não quer dizer que ele renunciou à sua pretensão soterológica. Nesse raciocínio, sua resposta poderia transcender a questão apresentada.

- Filho do Homem: o Filho do Homem tal como aparece em Daniel não é um rei terreno, mas sim uma figura celestial. Não costumava ser vinculado à ideia messiânica, porém Jesus usou tal expressão a seu respeito, talvez o tenha feito em oposição à ideia de um Rei Messias puramente político.
- A pergunta de Pilatos: Pilatos pergunta, numa forma romana de entender o Messias: “És tu o Rei dos judeus? Jesus responde: “Tu o dizes”. Pilatos declara: “Eu não encontro culpa alguma neste homem” (João 18:38), isso mostra que ele entendeu a resposta como negativa.
- A confissão de Pedro: Jesus não afirma e nem nega, mas diz que o Filho do Homem deve sofrer. Quando Pedro diz que isso não poderia acontecer é repreendido por Jesus (Mateus 16:13-21). Cullmann (2008) acredita que isso pode revelar a resistência de Jesus ao papel de Messias político, fonte da tentação diabólica no deserto – “para trás de mim satanás” – que o poderia desviar de sua verdadeira missão.
- Filho de Davi: para Cullmann (2008), o principal ponto das diversas discussões sobre a passagem em que Jesus ensina no templo, sobre a filiação davídica do Messias (Mc.12:35), mostra que Jesus atribui ao Messias uma origem divina, porque Davi não poderia chamar o Messias de Senhor se ele não fosse superior ao próprio Davi. Assim, para esse autor, nesse contexto, não significa que Jesus tenha recusado diretamente

> o título de filho de Davi ou seu parentesco, mas sim a ideia de uma realeza política associada a este título. No entanto, existem outros eruditos, como Bultmann que defendem que esse relato não é palavra autêntica de Jesus, mas algo acrescentado posteriormente.

Conclui Cullmann (2008, p. 167), após a análise dessas passagens, que Jesus observa "[...] extrema reticência no tocante ao título de Messias, e que, inclusive, considerou como tentação satânica as ideias específicas que se agregavam a ele". Isso não significou uma recusa, mas uma grande reserva à imagem política, porque havia um elemento positivo que se harmonizava com sua missão, o papel mediador que o próprio povo escolhido por Deus tinha que ter assumido. O caráter nacionalista da concepção judaica de Messias condensa toda a história de Israel. "Porém, a maneira em que Jesus a cumpre se opõe à esperança judaica, tomada em seu sentido mais restrito" (CULLMANN, 2008, p. 168).

Se por um lado, Jesus tinha reservas ao título de Messias, por outro lado, a comunidade primitiva declarava abertamente que Jesus o era. Logo, que elementos levaram a comunidade primitiva a considerá-lo o Messias? Segundo Cullmann (2008), esses elementos são:

- Jesus é o Messias: após a sua morte e ressurreição, a ideia de que Jesus cumpriu a missão de Israel foi tão forte que apagou as diferenças entre o Messias político e o Filho do Homem. O seu messiado havia se cumprido não no sentido político, mas no esquema da história da salvação. Nos evangelhos de Mateus e Lucas e na epístola de Atos podemos observar o qualificativo Cristo (Messias) sendo atribuído a Jesus, mas aos poucos, o título passa a ser usado como nome próprio e vai perdendo o sentido original do termo. Porém, é possível observar que o apóstolo Paulo continua consciente de seu uso e costumava colocar o título antes do nome, Cristo Jesus.
- A filiação davídica de Jesus: o título de Filho de Davi foi introduzido nas confissões de fé. "O sentido mais profundo da realeza davídica era realizado no reinado de Jesus, elevado à destra de Deus" (p. 178).
- A realeza de Jesus se manifestará de modo visível no futuro: ele virá como Rei Messias no fim dos tempos.

Assim, a comunidade cristã primitiva adotou a terminologia relativa ao Messias, desenvolvendo certas ideias próprias da esperança judaico-messiânica frente ao próprio Cristo e a interpretação que fizeram seus seguidores.

3.3 O Messias no judaísmo messiânico

Como exposto, existem diferenças importantes entre a concepção judaica de Messias e a cristã. Assim sendo, os judeus messiânicos têm o desafio de se posicionarem frente a tais diferenças.

Segundo Brown (2012), como visto no capítulo 2, aos poucos, a comunidade dos primeiros seguidores de Yeshua foi se afastando dos laços com o povo judeu e com o Messias da *Torah*, a tal ponto que muitas das objeções judaicas contra Yeshua são objeções contra a cristandade que, em sua opinião, está longe de ser bíblica ou judaica. Stern (2001) parece compartilhar dessa opinião e acrescenta que o judaísmo também se afastou e ocultou elementos importantes da *Torah*, às vezes como forma de se contrapor ao cristianismo. A abordagem de Brown e de Stern a respeito do Messias é realizada a partir da *Torah, Tanach, Talmud* e outros materiais da tradição ética e agádica judaica, além do Novo Testamento, considerados como material judaico, assim eles não só confrontarão as posições rabínicas, mas também confrontarão a teologia cristã.

Em síntese, a posição desses autores a respeito das principais características do Messias prometido e de Yeshua como Messias é a seguinte:

- Messias Davídico: o Salmo 45 caracteriza o rei davídico como Elohim, um ser divino, porém não há consenso entre os diversos grupos de judeus messiânicos quanto à natureza divina do Messias Davídico. Brown (2012) lembra que a ideia de um Messias Divino e de um Deus que se revela de três formas (*razá dit 'latá*) não é estranha à tradição judaica. Para esse autor, seria mais correto falar de Yeshua como parte de uma Triunidade Divina.
- Mediador da salvação: ambos os autores enfatizam que a reparação vicária (sistema sacrificial) e mediação entre Deus e o homem (sacerdócio) são ideias totalmente judaicas, assim como a possibilidade da morte de um homem justo e reto fazer expiação pelo povo. Brown (2012) e

Stern (2001) consideram o Rei Messias como sendo o servo sofredor de Isaias: 53, tal como acreditavam as comunidades *Tanaita*[139] e *Amoraita*[140]. Assim, Yeshua seria o Messias, servo sofredor, mediador justo e reto, que deu sua vida como expiação dos pecados de todos os homens.

- Retorno à *Torah*: o Messias levaria o povo à fidelidade à *Torah*, o *Midrash, Vayikra Rabá*[141] diz que do Messias sairá uma nova dimensão da *Torah*. Para eles, Yeshua enfatizou a *Torah* em um nível mais profundo de conhecimento e fidelidade e o Novo Testamento não cancela o *Tanach*.
- A libertação da nação e a salvação do indivíduo: Brown (2012) enfatiza que é um erro do cristianismo o enfoque na salvação apenas do indivíduo e do espírito. No judaísmo, a santidade está sempre relacionada ao físico e ao terreno, não há oposição. De igual forma, também não há salvação apenas do indivíduo uma vez que o Messias personifica seu povo.
- Rei e sacerdote: as profecias falam do Messias como rei e sacerdote (Messias de Israel e Messias de Aarão). Yeshua como sacerdote fez a mediação e se ofereceu como expiação pelo povo. Um dia ele se manifestará como rei escatológico.
- O Messias realiza milagres: este feito está presente na *Torah* e na tradição rabínica. Conforme citado no capítulo 2, há um texto de *Qumram* que fala do Messias que curará os feridos e fará viver os mortos.

Nesta seção, apesar da complexidade do tema, buscamos delinear um panorama dos principais aspectos da esperança messiânica para os judeus, cristãos e judeus-messiânicos, cumprindo o objetivo de ilustrar as diferenças e semelhanças, especialmente no que tange ao tipo de abordagem de cada uma dessas vertentes, conforme os estudos de Grelot (1996) e Cullmann (2008), Brown (2012) e Stern (2001).

---

[139] *Tanaitas:* sábio do período da *Mishná*, eles podem discordar de opiniões expressas no corpo da *Mishná*.
[140] *Amoraitas:* são os sábios do *Talmud*, um *amoraita* não poderia contradizer explicitamente os ensinos *tanaitas*, ele apenas poderia interpretá-los.
[141] *Vayikra Rabá:* é uma interpretação do livro de Levítico em forma de coleção de sermões sobre os temas desse livro.

Fica explicitado que a esperança judaico-messiânica possui diferentes ênfases, que podem se localizar no aspecto sacerdotal, no aspecto escatológico ou na observância estrita da *Torah*. Ao longo do tempo, essas diferenças tornaram o tema alvo de constante inquietação dentro da tradição judaica. As crenças não são e nunca foram unificadas, todavia, originam-se na profecia e passam de alguma forma pela via da libertação política. A literatura mística interpreta a história desde a criação até a redenção (fim dos tempos) como narrativa de um exílio da divindade no mundo. Segundo Scholem (apud BOURETZ In: MORGAN; GORDON, 2007), tal interpretação tem assumido poder inspirador em diferentes momentos da história judaica, especialmente em situações de degradação. Nesse contexto, o elemento político reside na ideia de que o Messias deverá restituir ao povo judeu o brilho perdido e o reconhecimento universal do seu Deus, único e verdadeiro. No entanto, Flusser (2001) lembra que as opiniões judaicas sobre a redenção messiânica também são sobrenaturais, e não apenas políticas, apesar da ênfase encontrada no século I d.C. e em outros períodos da história judaica.

O contexto histórico vivido pelas populações judias no século I d.C., sobressaltou o aspecto político nato da esperança messiânica. Porém, como vimos, Jesus se esquivou de assumir esse aspecto do messianismo, antes, concentrou suas ações e palavras no aspecto soteriológico da redenção, o seu “já”, e deixou o aspecto escatológico para um “ainda não”. A partir desses elementos, os primeiros cristãos prosseguiram e desenvolveram o cristianismo e o “agora” da missão da igreja.

O caráter político da esperança messiânica não é tão visível no judaísmo tradicional, hoje, talvez porque o contexto histórico não esteja a requerer tal ênfase. Tampouco no caso dos judeus-messiânicos podemos perceber uma tônica política.

Acreditamos que, face ao conjunto de elementos apresentados, podemos seguir para a nossa questão inicial acerca da cristologia dos messiânicos.

A título de facilitar a visualização dos principais aspectos abordados acima elaboramos o Quadro 1, a seguir:

Quadro 1 – Panorama dos principais aspectos da esperança messiânica para judeus, cristãos e judeus-messiânicos

Judaísmo do 1º século d.C.		**Comunidade cristã primitiva**		**Judaísmo messiânico**	
Traços comuns	**Traços distintos**	**O próprio Jesus**	**Os seguidores**	**Stern**	**Brown**
Nacionalismo religioso, liberdade política. Mediador da Salvação, ideia presente, mas não principal.		Procura fugir das conotações políticas e nacionalistas ligadas ao título de Messias.	Jesus é o Messias no esquema da história da salvação e não no sentido político.	A lei exige sacrifício. Yeshua é mediador da salvação e sacrifício perfeito para todos os homens. O Messias de Israel personifica um povo, tratar a libertação que ele realizou como algo apenas voltado aos indivíduos é inadequado ao judaísmo e aos gentios.	O Messias fará de sua alma uma oferta pela transgressão. Um entre os justos será tomado como penhor a favor de todos. Yeshua satisfaz a necessidade do sistema sacrificial. Não há oposição entre a libertação terrena no Tanach e a salvação espiritual no Novo Testamento. O físico e o espiritual no judaísmo estão relacionados.
Profeta semelhante a Moisés.				Quando o Messias se revelar sairá dele uma nova dimensão da *Torah*. Yeshua revelou um novo nível de *Torah*	
Existência de um julgamento final e o Reino messiânico é pré-requisito para tal julgamento e para a ressurreição dos mortos.			Jesus voltará como Messias no final dos tempos, ação escatológica.		O profeta Malaquias disse que o Messias traria purificação e expiação, executaria julgamento antes de estabelecer a justiça.

(Continua)

(Conclusão do Quadro 1)

Judaísmo do 1º século d.C.		**Comunidade cristã primitiva**		**Judaísmo messiânico**	
Traços comuns	**Traços distintos**	**O próprio Jesus**	**Os seguidores**	**Stern**	**Brown**
Filho do homem, título que pode evocar o grande libertador.		Filho do homem vincula-se ao título usado em Daniel, figura celestial, longe da ideia política.	Jesus é o Filho do homem.		
	Rei que reestabelecerá a fidelidade de Israel à *Torah* (Fariseus).	Rei dos judeus. Resposta a Pilatos não conclusiva (Tu o dissestes).	A realeza de Jesus se manifestará plenamente de modo visível no futuro.		O Reino de Deus sobre a terra está relacionado ao físico e ao espiritual.
	Filho de Davi (comunidades da diáspora e comunidade palestinense).	Filho de Davi, dá a entender que o Messias tem uma origem divina superior a Davi.	Jesus Filho de Davi no sentido mais profundo da realeza davídica.		O rei davídico era um filho de Deus singular, no Salmo 45 o rei davídico foi chamado de Elohim, um ser divino, uma perfeita introdução à filiação divina do Messias. Yeshua o Messias Davídico
	Messias sacerdotal (Messias de Aarão) Messias Rei (Messias de Israel) (Qumram).			Yeshua o Messias de Israel personifica seu povo sendo luz para o mundo	O Messias será Rei e sacerdote. Yeshua como sacerdote oferece um sacrifício expiatório antes de exercer seu reinado
					Os profetas e fragmento de Qumram falam dos milagres de Messias. Yeshua realiza milagres.

Fonte: Elaborado pela autora a partir do estudo de Grelot (1996) e os textos de Brown (2012) e Stern (2001).

3.4 A narrativa judaico-messiânica

Tendo em vista o exposto: a cristologia dos judeus-messiânicos é a mesma dos cristãos? Ou ainda, podemos dizer que eles possuem uma cristologia?

A complexidade do tema nos permite apenas levantar a suspeita a partir dos indícios e elementos aqui reunidos, que o termo cristologia talvez não seja o mais apropriado para compreendermos a concepção dos judeus-messiânicos sobre o Messias. A contribuição de Flusser (2000; 2001) é valiosa para traçarmos uma importante distinção.

Percebemos que além das diferenças sobre o conteúdo da fé messiânica no judaísmo, no cristianismo e no judaísmo messiânico, também existem diferenças de perspectiva. Ou seja, se um cristão for questionado sobre quem é o Messias, prontamente responderá: Jesus. Se a mesma pergunta for feita a um judeu religioso, ele responderá com titulações e características que podem variar, mas serão sempre referenciais: Rei, Sacerdote, Filho de Davi, entre outras. Porém, um judeu-messiânico provavelmente unirá as duas respostas, partindo da titulação e da expectativa gerada no judaísmo, chegando à sua concretização em Yeshua. Isto pode ser explicado pelo simples ato de haver no início da fé cristã uma pessoa, o próprio Messias, e no início da fé judaica a *Torah,* sendo que o Messias é uma promessa ainda não concretizada, como explicado por Flusser (2001, p. 46):

> Desse modo, de acordo com a fé cristã, o Messias já apareceu no passado: não é mais apenas uma esperança para o futuro, mas sim uma personalidade histórica concreta. Por conseguinte, as especulações sobre o caráter e a missão do Messias recebiam no cristianismo um alto valor de solidez, que falta em analogias judaicas.

Todavia, na visão dos judeus-messiânicos, Yeshua é a concretização da esperança messiânica. Na leitura dos textos de Brown (2012), é possível perceber com maior clareza a existência de um enfoque diferenciado na exposição e na justificativa da fé messiânica, parece haver outro *leitmotiv*[142]. Esse aspecto pode ser considerado irrelevante, mas se for real, talvez se constitua como a característica mais peculiar da fé messiânica em relação ao judaísmo, sobretudo em relação ao cristianismo.

[142] *Leitmotiv:* usado no sentido de motivo condutor.

No cristianismo, Jesus é o perfeito modelo de relação com Deus e com os outros seres humanos, o cristianismo está imerso na temporalidade da encarnação, seu ponto de vista seminal e central. O cristão rememora a narrativa dos atos salvíficos de Cristo que o conduzirá à redenção final e o estabelecimento do reinado de Cristo.

O judaísmo se refere e é referido pela *Torah,* que através de sua narrativa revela a Deus e sua demanda ao seu povo e a todo homem. O judaísmo está impregnado de historicidade, e esta, de sacralidade, debate, interpretação. O judeu rememora o pacto, seu ponto seminal e central e os atos salvíficos de Deus ao longo da história do povo israelita e projeta sua esperança para a redenção final que virá pelo Messias, e estabelecerá o reinado de Deus e do seu povo na Terra.

Como vimos a partir das argumentações de Stern (2001) e Brown (2012; 2015) os judeus-messiânicos partem, como o judaísmo tradicional, do mesmo ponto na história, o pacto, e por isso a *Torah* deve ser observada moral e ritualmente. Aqui, o judeu-messiânico requer sua identidade. A maioria dos messiânicos passa a ser *shomer Torah*[143] e o NT é incorporado ao cânon. Para eles, a mensagem bíblica só pode ser entendida a partir dos escritos judaicos, os quais apontam para o Messias Yeshua, enviado para redimir o homem e o mundo e que um dia voltará para estabelecer o trono de Deus e do seu povo. Afinal, Yeshua era um judeu falando a outros judeus, sua mensagem estava dentro da estrutura do judaísmo, e Stern e Brown se esforçam para deixar isso bem claro.

Flusser (2000, p. 15) considera que ocorreram dois estádios subsequentes no cristianismo primitivo:

> Enquanto o primeiro estádio se desenvolveu a partir do caráter rabínico principal da mensagem de Jesus e das igrejas judaicas palestinas, o segundo estrato do cristianismo primitivo incorporado no chamado Kerygma[144] das comunidades helenísticas cristãs era devedor ao essenismo.

Para o autor, os nazarenos e outros grupos judeu-cristãos já se opunham à cristologia da Igreja.

---

[143] *Shomer Torah*: alguém que guarda e *Torah*, no sentido de obediência.
[144] *Kerygma:* termo grego usado no NT e significa proclamação ou conjunto das verdades que são base da fé.

Assim sendo, não será possível falarmos de cristologia dos messiânicos, então, teremos de encontrar um termo que melhor represente seu discurso[145]. Talvez fosse mais correto nos referirmos a uma messianologia de Yeshua. Termo cunhado por Flusser (2001, p. 28-39)[146] em sua obra *O Judaísmo e as Origens do Cristianismo*, no capítulo que discorre sobre Messianologia e Cristologia na Epístola aos Hebreus, como segue:

> Por conseguinte, temos de discernir entre os aspectos que são parte orgânica do drama cristológico peculiar e entre os motivos judaicos autônomos que foram aplicados, de maneira frutífera, a esse evento, embora existissem no judaísmo independentemente do que pertence de forma estrita à cristologia. Com essa afirmação, já restringimos a extensão do termo 'cristologia' tal como é em geral usado. Para os outros motivos que foram aplicados a Cristo, mas que existiam no judaísmo independentemente do drama terreno e cósmico especificamente cristão, decidimos cunhar outro termo, 'messianologia', porque muitos desses *thelogoumena* judaicos tratam da pessoa do Messias.

Flusser (2001) cunhou esse termo para distinguir aquilo que é possível de ser identificável como ideia preexistente ao Cristo encarnado, ou seja, os *thelogoumena*[147] judaicos sobre o Messias, desta forma, ele restringe o que é cristologia frente ao seu conceito clássico. O esforço de Flusser é importante porque judaísmo e cristianismo não são entidades mutuamente excludentes como nos diz Silva (2010, p. 66). Todavia, existem elementos que aparecem na cristologia, mas que são originários e autônomos do judaísmo (messianologia), bem como elementos originários do cristianismo, e outros que são a fusão dos motivos judaicos com o cristianismo primitivo como na epístola aos Hebreus. Para Flusser, a carta aos Hebreus é um *midrashim* (uma pregação), em que a cristologia e a messianologia estão entrelaçadas. Flusser estuda minuciosamente toda a carta realizando a distinção entre ideias cristológicas e messianológicas, muitos dos temas estão presentes em Brown.

Do ponto de vista teológico, Flusser (2000) diz que atualmente há um crescente número de eruditos que reconhece que um estudo do Novo Testamento e do cristianismo primitivo, sem um conhecimento íntimo das fontes judaicas, leva a resultados fragmentários e incorretos. Por conseguinte, é essencial que o estudioso

---

[145] Considerando a cristologia na definição de Keslller como uma doutrina ou discurso.

[146] Se bem que o próprio Flusser (2001) dá ao dominicano Paulus Christiani, judeu convertido, no século XIII, o mérito de ter descoberto na literatura judaica rabínica ideias e motivos que reaparecem no pensamento cristão.

[147] *Thelogoumena:* conceito ou opinião teológica de autoridade não doutrinária, portanto que pode ser questionada.

do cristianismo tenha não apenas livre acesso a todas as fontes judaicas disponíveis, como também um conhecimento bem fundamentado e sólido de todas as tendências e grupos do judaísmo na antiguidade. Além, disso, como diz Flusser (2000, p. 12) “[...] não posso excluir por completo a possibilidade de que, em alguns casos, relatos rabínicos posteriores possam ter sido influenciados por material cristão primitivo”.

Entretanto, relembrando o que foi exposto anteriormente, o elemento cristão não pode ser desligado da própria pessoa de Jesus, uma vez que o conceito de Messias está totalmente imbricado no próprio Messias encarnado, portanto, o ponto de partida da cristologia continua sendo a pessoa de Jesus. Flusser (2001, p. 39) admite que esta é uma divisão artificial “[...] porque os motivos messianológicos tornaram-se funcionais no drama metaistórico [sic] de Cristo”, mas é uma distinção útil para que possamos entender os elementos que são autônomos e judaicos e não cristãos.

Carvalho (2011, p. 116) aponta que “[...] as escolhas implicam em ‘significado’. Ou seja, o processo comunicativo é sempre resultado de escolhas, o que incluir, o que é prioritário, a ordem dos eventos, como representar o que se quer dizer”. É possível que as escolhas da narrativa judaico-messiânica, de certa forma, representem o anseio de manutenção de vínculo com a narrativa do ser judeu, esse é um aspecto a ser levado em consideração. Até que ponto essa narrativa está autenticamente enraizada no judaísmo, não podemos aferir, e por certo será sempre motivo de questionamento.

CONCLUSÃO

Em nossa hipótese, consideramos a possibilidade de os judeus-messiânicos terem uma perspectiva na sua abordagem de Messias que se aproxima mais de uma messianologia do que de uma cristologia. A partir das discussões aqui desenvolvidas, consideramos improvável que o Messias do judaísmo messiânico seja o mesmo da cristologia.

É natural pressupor que os judeus-messiânicos tenham um discurso sobre Yeshua que se assemelhe ao discurso cristológico. Entretanto, a cristologia é um discurso de cunho doutrinário acerca do Cristo, e precisamos ter em mente algumas de suas características:

No tocante à sua origem histórica, Hans Kessler (apud SCHNEIDER, 2000, p. 130) localiza a cristologia como fruto de um exercício técnico-conceitual, desenvolvido mais sistematicamente a partir de Niceia.

A respeito de qual objeto da cristologia e a partir de que ela foi construída, segundo Cullmann (2008, p. 17): “Se a teologia é a ciência que tem por objeto a Deus (θεός), a cristologia é aquela que tem por objeto a Cristo, sua pessoa e sua obra”. Para o autor “[...] a ordem trinitária – Deus, Cristo e Espírito Santo – seria posterior aos primeiros cristãos, apesar de Jesus ter se limitado a anunciar Deus, o Pai e seu Reino [...]” (CULLMANN, 2008, p. 25). Kessler (apud SCHNEIDER, 2000, p. 219) diz que “Ela é a chave para todos os outros temas da teologia”.

Em relação à sua finalidade, ela é normativa, portanto, nos insere em um contexto cognitivo, um todo de compreensão sobre a fé. Tem aspectos interpretativos, históricos e concretos da vida (SCHNEIDER, 2000).

Acerca do contexto de sua elaboração, “O cristianismo é uma religião histórica que veio a existir em resposta a um conjunto de eventos específicos, que estão centrados em Jesus Cristo, e aos quais a teologia cristã é obrigada a retornar no curso de suas especulações e reflexões” (McGRATH, 2005, p. 404). Conforme Harnack, “[...] uma série de determinados conceitos cristológicos decorria da influência das ideias gregas” (apud McGRATH, 2005, p. 439).

Tais características tornam a cristologia um discurso próprio do cristianismo em todos os aspectos, consequentemente, não adequado ao judaísmo messiânico.

Resta pensar que tipo de discurso o judaísmo messiânico teria sobre Yeshua, o Messias judeu. A messianologia, categoria de análise criada por Flusser, parece ser bastante apropriada, porque nomeia os conceitos sobre o Messias, originários do judaísmo.

É possível perceber nos textos de Stern e Brown uma intensa busca pelas raízes judaicas, sobretudo no que diz respeito ao Messias. Poderíamos denominar esse esforço de messianologia, mas certamente teríamos que desenvolver e testar essa categoria para além do que Flusser originalmente pensou, a fim de que ela se tornasse uma chave de leitura do discurso teológico judaico-messiânico.

Os elementos colhidos ao longo desta pesquisa apontam para o fato de que o pensamento teológico judeu-messiânico sobre o Messias não parece corresponder ao pensamento cristológico, e que para melhor entendê-lo, se faz necessário desenvolver uma categoria específica. A messianologia pode constituir uma boa base para o desenvolvimento de tal categoria.

A permeabilidade entre judaísmo e cristianismo nem sempre é admitida, não se trata apenas de uma base comum, mas de séculos de intercâmbios e influência mútua. Apesar da inimizade e oposição, nem sempre as fronteiras teológicas e filosóficas são tão demarcadas quanto se deseja que pareça. A constante rememoração da inimizade histórica, até certo ponto, atua a favor da manutenção de fronteiras bem estabelecidas. Ao longo da pesquisa nos deparamos com a complexidade de nosso objeto, imerso nesse jogo de luz e sombra, e visto como ameaça aos limites estabelecidos.

O desenrolar da investigação exigiu um constante exercício em busca de objetividade. A cada passo, a pesquisa poderia ganhar novos e instigantes contornos. Isso nos indica que ainda existem muitas possibilidades de estudo dentro dessa temática.

Alguns temas possíveis:

- Messianologia: discurso judeu-messiânico de Yeshua.
- A construção do ser judeu-messiânico: identidade e pertença.
- Sinagoga ou igreja: povo ou corpo.
- A esperança messiânica no judaísmo messiânico.
- O projeto judeu-messiânico.

REFERÊNCIAS

ASK DR. BROWN. **Store. Books**. [s.d.] [*on-line*]. Disponível em: <https://askdrbrown.org/>. Acesso em: 8 abr. 2017.

ARAÚJO, Jarbas. **Número de judeus que seguem a Jesus passa de um milhão**. Judeus messiânicos nunca foram tão numerosos. 19 jun. 2012. Disponível em: <https://noticias.gospelprime.com.br/numero-de-judeus-que-seguem-jesus-passa-de-um-milhao/>. Acesso em: 8 abr. 2017.

BATNITZKY. L. **How judaism became a religion an introduction to modern Jewish**. New Jersey: Princeton University Press, 2011.

BAUMAN, Z. **Modernidade e holocausto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BEOZZO, Jose Oscar. Judaísmo. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (Org.). **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2015. p. 504-505.

BÍBLIA de Jerusalém. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BONDER, Nilton; SORJ, Bernardo. **Judaísmo para o Século XXI:** O Rabino e o Sociólogo. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. 191 p. [*on-line*]. Disponível em: <http://static.scielo.org/scielobooks/twgn7/pdf/bonder-9788579820403.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2017.

BOURETZ, P. Messianism and Modern Jewish Philosophy. In: MORGAN, M. L.; GORDON, P. E. (ed.): **The Cambridge Companion to Modern Jewish Philosophy**. New York: Cambridge Universit Press, 2007. p. 170-191.

BROWN, M. L. **The real khoser Jesus**. Revealing the mysteries of the hidden messiah. Flórida: Front Line, 2012.

_____. **Respondendo objeções judaicas contra Jesus**. v.1. São Paulo: Davar, 2014.

_____. _____. v.2. São Paulo: Davar, 2015.

BRUMBACH, Joshua. **Rabinos que pensaram por si próprios.** Ministério Ensinando a Sião. 2012. [*on-line*]. Disponível em: <http://ensinandodesiao.org.br/artigos-e-estudos/rabinos-que-pensaram-por-si-proprios-2/>. Acesso em: 8 mar. 2017.

CARVALHO, Tarcízio José de F. Orientações para a interpretação de narrativas bíblicas. **Fides Reformata.** São Paulo, n. 1, p. 107-128, 2011. Anual. [*on-line*] Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/Fides_Reformata/06_ ORIENTACOES_ARAAINTERPRETACAODENARRATIVAS BIBLICAS.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2017.

CHABAD. **Amidá**. 2016. [*on-line*]. Disponível em: <http://www.pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/2748346/jewish/Amid.htm>. Acesso em: 8 abr. 2017.

CULLMANN, O. **Cristologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008.

DIERKEN, Jorg. Teologia, ciência da religião e filosofia da religião: definindo suas relações. **Veritas.** Porto Alegre, v. 54, n. 1, p. 113-136, 2009.

FLUSSER, David **O Judaísmo e as origens do cristianismo**. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____. _____. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

FUKS, B.B. **Freud e a judeidade**: a vocação do exílio. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

GALINKIN, Ana Lúcia. Judaísmo e Identidade Judaica. **Interações: cultura e comunidade.** Belo Horizonte, v. 3, n. 4, p. 87-98, 2008. Semestral. PUCMinas. [*on-line*]. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes>. Acesso em: 27 mar. 2017.

GIBELLINI, Rosino. **A teologia do Século XX.** 2. ed. João Paixão Netto (Trad.). São Paulo: Loyola, 2002.

GILLMAN, Neil. **Fragmentos Sagrados:** Recuperando a teologia para o judeu moderno. Liliana Tal (Trad.). São Paulo: Comunidade Shalom, 2007.

GORESTEIN, Lina (Org.). Mulheres da nação cristã-nova: as marranas do Rio de Janeiro (século XVIII). In: LEWIN, Helena (Org.). **Identidade e Cidadania:** Como se expressa o judaísmo brasileiro. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. Cap. 54. p. 54-63. [*on-line*]. Disponível em: <http://static.scielo.org/scielobooks/ 583jd/pdf/lewin-9788579820182.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2017.

GRELOT, P. **A esperança judaica no tempo de Jesus**. São Paulo: Loyola, 1996.

HESCHEL, Abraham Joshua. **O homem não está só.** Edwino Aloysius Royer (Trad.). São Paulo: Edições Paulinas, 1974.

_____. **Deus em busca do homem.** São Paulo: Edições Paulinas, 1975.

INTRODUCTION to the Dead Sea Scrolls. [s.d.]. [*on-line*]. Disponível em: <http://www.english.imjnet.org.il/page_1348>. Acesso em: 8 abr. 2017.

JEW AGE. **David H. Stern – Biography**. 2008. [*on-line*]. Disponível em: <http://www.jewage.org/wiki/he/Article:David_H._Stern_-_Biography>. Acesso em: 8 mar. 2017.

JEWISH TESTIMONIES. **Michael Brown, Como poderia eu, um judeu, acreditar em Jesus?** [s.d.]. [*on-line*]. Disponível em:<http://www.jewishtestimonies.com/pt/michael-brown-como-poderia-eu-um-judeu-acreditar-em-jesus/>. Acesso em: 8 abr. 2017.

JOSEFO, Flávio. **Uma Testemunha do Tempo dos Apóstolos.** I. F. Leal Ferreira (Trad.). São Paulo: Paulus, 1986.

JUDAISM'S ANSWER. **Who is Dr. Brown and Why Spend so Much Time on Him**. [s.d.]. [*on-line*]. Disponível em: <http://judaismsanswer.com/Who%20is%20Dr%20 Brown.htm>. Acesso em: 8 abr. 2017.

JUSTER, Daniel. **Jewish Roots:** understanding your jewish faith. California: Davar Publishing Co, 1986.

_____; HOCKEN, Peter. **El Movimiento Judío Mesiánico Una Introducción:** Hacia El Concilio Jerusalen II. HERNANDEZ, Gladys Raquel (Trad.). 2. ed. EUA: Toward Jerusalem Council, 2004. 55 p.

KIMELMAN, Reuven. The Theology of Abraham Joshua Heschel. **First Things,** New York, dez. 2009. [*on-line*]. Disponível em: <https://www.firstthings.com/article/2009/ 12/the-theology-of-abraham-joshua-heschel>. Acesso em: 8 abr. 2017.

KÜNG, Hans. **Religiões do mundo:** Em busca dos pontos comuns. Carlos Almeida Pereira (Trad.). Campinas: Verus, 2004.

LOPES, A. N. A nova perspectiva sobre Paulo: um estudo sobre as "obras da lei" em gálatas. **Revista Fides Reformata XI**, São Paulo, n. 1, p. 83-94, 2006.

MAGALHÃES, Jorge. **Abraham Joshua Heschel:** Um nome para não esquecer. 21 dez. 2008. [*on-line*]. Disponível em: <http://www.coisasjudaicas.com/2008/12/ abraham-joshua-heschel-um-nome-para-no.html>. Acesso em: 27 mar. 2017.

MARIANO, R. Sociologia da Religião e seu foco na secularização. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (org.): **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulus; Paulinas, 2013, p. 231-242.

McGRATH, A. E. **Teologia sistemática, histórica e filosófica**. Uma introdução à teologia cristã. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

MESSIANIC JEWISH ALLIANCE OF AMERICA – MJAA. [s.d.]. [*on-line*]. Disponível em: <http://mjaa.org/messianic-movement/>. Acesso em: 27 mar. 2017.

MOVIMENTO JEWS FOR JESUS. [s.d.]. [*on-line*]. Disponível em: <https://jewsforjesus.org/about/ statement-of-faith/>. Acesso em: 13 abr. 2017.

NOGUEIRA, Paulo A. de S. As Linguagens Religiosas: origem, estrutura e Dinâmicas. João Décio Passos e Frank Usarski (Orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013, p. 443-455.

_____. O cristianismo primitivo como objeto da história cultural: delimitações, conceitos de análise e roteiros de pesquisa. **Antíteses.** Londrina v. 8, n. 16, p. 31-49, 18 dez. 2015. [*on-line*]. Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/22732/17802>. Acesso em: 15 abr. 2017

PAIXÃO NETTO, J.; MACHADO, A.A. **Lexicon**: dicionário teológico-enciclopédico. São Paulo: Loyola, 2003.

PASSOS, J.D.; SANCHEZ, W.L. (orgs). **Dicionário do Concílio Vaticano II.** São Paulo: Paulinas e Paulus, 2015.

PONDÉ, Luiz Felipe. **Crítica e Profecia:** a filosofia da religião em Dostoiévski. São Paulo: Leya, 2013.

REAL MESSIAH. **Dr. Michael Brown – Reveals the Real Messiah**. 2017. [*on-line*]. Disponível em:<http://realmessiah.com/index.php/en/>. Acesso em: 8 abr. 2017.

ROUDINESCO, E. **Retorno à questão judaica.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

SANTOS, José Alves. Conhecendo Marcos a Partir da Palestina Subjulgada. **Fragmentos de Cultura**: Instituto de Filosofia e Teologia PUC Goiás, Goiânia, v. 1, n. 24, p. 105-113, 2014. Trimestral. [*on-line*]. Disponível em: <http://seer.ucg.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/3188/1904>. Acesso em: 5 abr. 2017.

SCHIAVO, L. **Anjos e messias**. Messianismos judaicos e origem da cristologia. São Paulo: Paulinas, 2006.

SCHNEIDER, T. (Org.). **Manual de dogmática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SIBONY, D. Psicanalise e política internacional. **Revista Atlântico**. Instituto Português de Relações Internacionais. Portugal, dez., 2005. [*on-line*]. Disponível em: <http://www.ipri.pt/investigadores/artigo.php?idi=14&ida=157>. Acesso em: 8 mar. 2016.

SILVA, G.V. As relações entre o judaísmo e o cristianismo no Império Romano: uma nova interpretação a partir do paradigma culturalista. **História da Historiografia**. Ouro Preto, n. 5, p. 58-70, setembro 2010. [*on-line*]. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/175>. Acesso em: 20 ago. 2016.

SINAGOGA MESSIÂNICA EL SHAMAH. **Quem é Yeshua**. 2005. [*on-line*]. Disponível em: <http://www.beitelshamah.com.br/p/quem-e-yeshua.html>. Acesso em: 20 jun. 2016.

SORJ, Bernardo. **Judaísmo para todos.** 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

STERN, D.H. Twelve Jews Discover Messiah: depoiment. [1997] England: **New Wine Press**. Entrevista concedida a Hoekendijk Bem. [*on-line*]. Disponível em: <http://www.the-new-way.org/testimonies/conv_giud_08_david.html>. Acesso em: 20 jan. 2015.

_____. **Manifesto Judeu Messiânico**. Rio de Janeiro: Louva-a-Deus, 2001.

_____. **Novo Testamento Judaico**. São Paulo: Vida, 2007.

THE NEW WAY. **David - For some the name Jewish New Testament is shocking**. [s.d.]. [*on-line*]. Disponível em: <http://www.the-new-way.org/testimonies/conv_giud_08_ david.html>. Acesso em: 2 abr. 2017.

TILLICH, P. **História do pensamento cristão**. São Paulo: Aste, 2007.

TODOROV, T. **O homem desenraizado.** Rio de Janeiro: Record, 1999.

TOPEL, Marta F. Judaísmo(s) brasileiro(s): uma incursão antropológica. **Revistas USP: Religiosidade no Brasil.** São Paulo, v. 67, p. 186-197, set. 2005. Trimestral. [*on-line*]. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/issue/view/1068>. Acesso em: 2 abr. 2017.

TRAVASSOS, D. H. **Judaísmo messiânico no Brasil e seus instrumentos de legitimação:** a reinvenção do judaísmo ou uma nova religião? 2014, 207 f. Tese (Doutorado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. [*on-line*]. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8158/tde-12112014-105209/pt-br.php>. Acesso em: 6 fev. 2016

UNION OF MESSIANIC JEWISH CONGREGATIONS. UMJC. **2009 Inaugural Lifetime Sacrifice and Service Award**. [*on-line*]. Disponível em: <https://archive.is/20130416010645/http://umjc.org/home-mainmenu-1/news-mainmenu-40/1-latest/513-2009-inaugural-lifetime-sacrifice-and-service-award-#selection-1077.0-1081.99>. Acesso em: 11 abr. 2017.

UNTERMAN, A. **Dicionário Judaico de lendas e tradições**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

WRIGHT, N.T. **Paulo novas perspectivas**. São Paulo: Loyola, 2009.

ANEXO A – Entidades Judaico-Messiânicas Internacionais e no Brasil

Entidades judaico-messiânicas internacionais

Entidade/Organização	Endereço eletrônico	País e data de fundação	Observações
MJAA - Messianic Jewish Alliance of America	http://mjaa.org/messianic-movement/	EUA 1915	Maior associação de judeus messiânicos no mundo
IMJA - International Messianic Jewish Alliance	http://www.theimja.org/about/	Israel 1925	Rede mundial de judeus messiânicos. Apoia as comunidades em Israel.
UMJC - Union of the Messianic Jewish Congregations	http://www.umjc.org/	EUA 1979	União das congregações judaicas messiânicas
IAMCS - Messianic Congregations and Synagogues	http://iamcs.org/	EUA 1986	Associações de congregações e sinagogas messiânicas
NETIVYAH - Ministério de Instrução da Bíblia	http://www.netivyah.org/	Israel 2008	Apoio aos soldados messiânicos em Israel e ajuda humanitária e ensino.
Chosen People Ministries	http://www.chosenpeople.com/main/	EUA 1894	Objetiva servir o povo judeu, orar e evangelizar.
IFMJ - International Federation of Messianic Jews The Jerusalem Council	http://jerusalemcouncil.org/tag/ifmj/	Israel e EUA Não mencio-nada	Associação Global de Cristãos Judeus Ortodoxos em Yeshua Yeshiva, Beit Din
AMC - The Association of Messianic Congregations	http://www.messianicassociation.org/	EUA 2003	Associação de congregações messiânicas
UMJA - United Messianic Jewish Assembly	http://www.umja.net/home.html	EUA 2009	Organização composta por congregações messiânicas
TIKKUN	http://www.tikkunamerica.org/about.php	EUA não menciona a data	Rede de líderes e congregações messiânicas
MJBI - Messianic Jewish Bible Institute	http://mjbi.org/	Rússia 1994	Oferece cursos em diferentes países
Word of Messiah	http://wordofmessiah.org/	EUA 1996	Oferece formação de líderes messiânicos
MBI - Messianic Bureau International	http://www.lebtahor.com/truth/trimm/falsedoctorate/mbicordova.htm	Canadá 1994	Congrega sinagogas messiânicas no Canadá

Fontes: pesquisa eletrônica realizada pela autora, fontes diversas como: Travassos (2014), Stern (2001), outras.

Entidades judaico-messiânicas no Brasil

Entidade/Organização	Endereço eletrônico	Cidade e data de fundação	Observações
CCJM Conselho das Congregações Judaico-Messiânicas do Brasil	https://www.facebook.com/pg/adotesonhos/photos/?tab=album&album_id=184253391776747	Belo Horizonte	Reúne congregações messiânicas no Brasil. Oferece cursos e material de ensino.
CATES - Centro Avançado de Tecnologia Ensinando de Sião	http://cates.com.br/	Belo Horizonte 2008	EAD judaico-messiânico
Ministério Ensinando a Sião	http://ensinandodesiao.org.br/evento/	Belo Horizonte	Instituição de Ensino Bíblico Messiânico.
Congregação Har Tzion (Monte Sião)	https://www.facebook.com/pages/Congregacao-Har-Tzion/215507551812702	Belo Horizonte	Congregação judaico-messiânica. Considerada a maior do Brasil

Fontes: pesquisa eletrônica realizada pela autora, fontes diversas como: Travassos (2014), Stern (2001), outras.

ANEXO B – Sinagogas e Congregações Judaico-Messiânicas no Brasil

Congregação/ Sinagoga	Local	Site
Congregação Judaica Messiânica Beit Mashiach	São Paulo | Bom Retiro	http://www.beitmashiach.org.br/
Shear Yaakov	São Paulo | Moema	http://www.shearyaakov.org/wp/
Beit Sar Shalom	São Paulo | Higienópolis	Site não localizado
Shema Israel	São Paulo | Votorantim	http://www.shemaysrael.com/
Adonai Shamah	Rio de Janeiro | Recreio dos Bandeirantes	Site não localizado
Beit Tefilah Yeshua	Rio de Janeiro | Humaitá	http://www.ministeriobty.com.br/about-us-trust/
Sinagago Beit Moreshet	Salvador | Bahia	http://www.moreshetyeshua.org.br/
Sinagoga Bet Shalom Amazônia	Manaus | Amazonas	https://twitter.com/betshalommanaus
Congregação Judaica-Messiânica Beit Tefila Rechovot	Vitória | Espírito Santo	https://www.rechovot.org/
Sinagoga Sar-El	Curitiba | Paraná	http://www.sarel.org.br/
Congregação Nova Aliança	Curitiba | Paraná	http://www.israelitas.com.br/encontrojovem/
Congregação Israelita Nova Aliança	Itaúna | Bahia	http://kehilah-itabunabahia.blogspot.com.br/
Beit Tefilah Sinagoga Messiânica	DF | Brasília	http://beitfilah.org/
Congregação Har Tizion	BH | Minas Gerais	http://ensinandodesiao.org.br/congregacao-har-tzion/

Fonte: pesquisa eletrônica realizada pela autora, fontes diversas como: Travassos (2014), outros.